



Universidade Fernando Pessoa

Curso de Mestrado em Docência e Gestão da Educação

Ana Paula de Jesus Vieira

**A FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA E OS DESAFIOS
EDUCACIONAIS NO CONTEXTO BRASILEIRO**

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2018



Universidade Fernando Pessoa

Curso de Mestrado em Docência e Gestão da Educação

Ana Paula de Jesus Vieira

**A FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA E OS DESAFIOS
EDUCACIONAIS NO CONTEXTO BRASILEIRO**

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2018

Ana Paula de Jesus Vieira

**A FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA E OS DESAFIOS
EDUCACIONAIS NO CONTEXTO BRASILEIRO**

Assinatura: _____

Trabalho de Projeto apresentado à Universidade Fernando Pessoa pela Mestranda Ana Paula de Jesus Vieira como parte dos requisitos para aquisição do grau de Mestre em Docência e Gestão da Educação na área de especialização em Administração Escolar e Educacional, realizado sob a orientação da Professora Doutora Tereza Ventura.

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2018

Resumo

O presente estudo propõe um olhar reflexivo ao processo educacional pautado no ensino e aprendizagem do ensino público brasileiro, com foco na formação inicial do professor de língua inglesa. Tendo como objetivo reconhecer os caminhos multifacetados deste processo que engloba a teoria e prática na concretização e disseminação do conhecimento. Este assunto tem me incomodado ao longo dos anos. Tenho mais de dez anos de profissão. É perceptível a rejeição dos alunos para com a disciplina de Língua inglesa. Eles não percebem o quão importante é, tal disciplina. Acham que nunca farão uso dela. E isso tem perpetuado ao longo da história que não há necessidade de Língua Inglesa no currículo escolar. Em decorrências dos fatos angustiantes e asfixiantes ocorridos. Este trabalho tem a finalidade de encontrar a resposta para tal negação do ensino e aprendizagem da língua inglesa no ensino público brasileiro. E isso me conduziu a enveredar nesta temática. Analisando assim o contexto da formação inicial dos professores desta tão renegada disciplina.

Palavras chave: Formação inicial do professor. Estágio supervisionado. Ensino e aprendizagem de língua inglesa.

Abstract

The present study proposes a reflexive look at the educational process based on the teaching and learning of Brazilian Public Education, focusing on the initial formation of the English Language Teacher. Aiming to recognize the multifaceted paths of this process that encompasses theory and practice in the concretization and dissemination of knowledge. This subject has bothered me over the years. I have more than ten years of profession. Students' rejection of the English language subject is perceptible. They do not realize how important it is, such it. They think they will never do use of it. In addition, it has permeated throughout history that there is no need for English Language in the school curriculum. Because of the distressing and asphyxiating facts that occurred. This work has the purpose of finding the answer to such denial of the teaching and learning of the English language in Brazilian Public Education. Moreover, this led me to embark on this theme. Analyzing the context of the initial formation of teachers of this renegade subject.

Key words: Initial teacher training. Supervised internship. English language teaching and learning.

Dedicatória

Aos meus avós Maria Cecília dos Santos e Luciano Vieira. Pessoas que me escolheram desde aos quatro meses de vida, para mim amar incondicionalmente me conduzindo de modo a mim tornar o ser humano que hoje, eu sou. Esta vitória não é apenas minha, é nossa. Chegar até aqui, só foi possível porque DEUS me presenteou com vocês. Mentores excepcionais. Pessoas preciosas, possuidoras do que existe de mais precioso na psiqué humana. Amor incondicional, cuidado, me ensinando a agir com honestidade, simplicidade, respeito e sobretudo, dignidade.

Gratidão eterna.

Agradecimentos

Primeiramente ao nosso Misericordioso Pai Criador, DEUS. Por mim possibilitar chegar até aqui, na concretização deste momento tão sonhado. Me animando e fortalecendo-me na superação de cada obstáculos no decorrer da jornada.

Aos meus avós, in memoriam: Maria Cecília dos Santos e Luciano Vieira. Sendo estes, minha inspiração, meu exemplo e modelo por toda vida, pela impressão dos meus valores e caráter, sobretudo o amor incondicional e o incentivo para eu seguir meu sonho. E os demais familiares, em especial Maria da Glória Vieira e José Paixão Vieira.

A todos meus professores que passaram por minha vida ao longo desses anos todos, principalmente, professora Marlene Silva, minha professora da Educação Primária, por incentivar minha família a investir em meus estudos. A professora Marilda Almeida por acreditar no meu sonho de ser professora. Por mim oportunizar a experienciar e vivenciar de forma concreta a concretização deste sonho.

A cada Instituição Educacional pela qual passei, sendo docente ou discente. Aos meus alunos, pois eles são a razão do meu trabalho. Aos meus colegas de profissão e amigos pelo incentivo. Sobretudo, Maranubia Amaral por mim incentivar e mim ajudar incondicionalmente e ao meu amigo José Nilson que sempre acreditou e incentivou na minha caminhada.

A minha Orientadora, Professora Doutora Tereza Ventura pela dedicação, disponibilidade, competência e sabedoria nas delegações na concretização deste trabalho. Sempre atenciosa, empenhada e dedicada ao me direcionar quando eu perdia o foco. Ela sempre estava disposta, as inúmeras vezes quando solicitada.

A Professora Doutora Isabel Pinto in memoriam, que iniciou a orientação deste trabalho. Conduzindo-me na idealização das primeiras ideias.

A Universidade Fernando Pessoa, e aos demais professores que se fizeram presentes no decorrer deste trajeto.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	09
PARTE 1- REFERENCIAL TEÓRICO	11
CAPÍTULO I - O PAPEL DA EDUCAÇÃO DOS PRIMÓRDIOS A CONTEMPORANEIDADE	11
1.1 A gênese da Educação Ocidental.....	12
1.2 A contribuição religiosa no âmbito educacional.....	14
1.3 O protagonismo de Comenius na Educação Moderna.....	16
CAPÍTULO II- A LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL VIGENTE NO BRASIL	
2.1 As Diretrizes e as Bases da Organização do Sistema Educacional Brasileiro.....	22
2.2 A importância do Ensino Superior.....	29
CAPÍTULO III - A LÍNGUA ESTRANGEIRA NO CENÁRIO MUNDIAL	
3.1 A relevância da língua inglesa.....	31
3.2 A disseminação da língua inglesa no Brasil.....	33
3.3 O lúdico e os avanços tecnológicos no ensino-aprendizagem de língua inglesa.....	36
CAPÍTULO IV - REFLETINDO SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE	
4.1 Os novos rumos da formação docente.....	44
4.2 Os desafios docentes do século XXI.....	47
4.3 O papel docente diante das circunstâncias atuais.....	57
 PARTE II - ESTUDO EMPÍRICO	
1. PROBLEMÁTICA.....	66
2.OBJETIVOS	
2.1 Objetivo geral.....	66

2.2 Objetivos específicos.....	66
3. CONTEXTO DO ESTUDO. CARACTERIZAÇÃO DOS INQUIRIDOS.....	67
4. METODOLOGIA DE PROJETO.....	71
5. PROCESSOS E INSTRUMENTOS DE DIAGNÓSTICO.....	72
6. APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS DO DIAGNÓSTICO E LINHAS DE INTERVENÇÃO.....	73
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
8. BIBLIOGRAFIA.....	92

ÍNDICES DE ANEXOS

Anexo I- Carta de Apresentação Aluna de Mestrado.....	I
Anexo II- Requerimento a Diretoria Acadêmica da Universidade do Estado da Bahia UNEB.....	II
Anexo III - Autorização da Coordenadora do Colegiado do Curso de Letras- Língua Inglesa Da Universidade do Estado da Bahia UNEB.....	III
Anexo IV- Questionário para os universitários do Curso de Licenciatura em Letras Língua Inglesa.....	IV
ANEXO V- Resumo de Teste de Hipóteses.....	VIII
ANEXO VI- Foto da Universidade do Estado da Bahia.....	IX

LISTA DE ABREVIATURAS

BBC	British Broadcasting Corporation
BNCC	Base Nacional Curricular
CNN	Cable News Network
DCH	Departamento de Ciências Humanas
EUA	Estados Unidos da América
FIFA	Federação Internacional de Futebol
HDTV	High Definition Television
LDB	Leis de Diretrizes e Base da Educação
LI	Língua Inglesa
MEC	Ministério da Educação e Cultura
ONU	Organizações das Nações Unidas
OTAN	Organização do Tratado Norte
PNE	Plano Nacional de Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacional
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação Ciência e Cultura
UNEB	Universidade do Estado da Bahia

INTRODUÇÃO

“A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo”. (Freire 2016, p. 24)

As reflexões apresentadas neste estudo são frutos advindos dos desafios e inquietações do ensino aprendizagem de língua inglesa na escola pública. Se propondo assim analisar o contexto da **Formação Inicial do Professor de Língua Inglesa e os Desafios Educacionais no Contexto Brasileiro**. Confrontando assim a teoria e a prática na qual os envolvidos neste processo de ensino e aprendizagem se insere. Analisando a legislação educacional vigente no contexto brasileiro e a forma na qual esta se concretiza.

Além disso, através da metodologia aplicada, foi possível contemplar os objetivos específicos da pesquisa. Sendo estes: Identificar a proposta curricular acadêmica direcionado ao curso de Licenciatura em Letras- Inglês. Conhecer a legislação atual que legitima a formação do professor de língua inglesa. Levantar pressupostos teóricos e empíricos sobre a formação docente do professor de Língua Inglesa na contemporaneidade. Analisar os empecilhos que impede a concretização de um ensino de língua inglesa eficaz.

Percebendo assim as reais causas dos desafios de atuar na docência da língua inglesa. Refletir mais sobre o assunto é necessariamente crucial, para promover uma mudança. Pela análise dos 25 questionários, compostos de 20 questões de múltipla escolha. Foi perceptível o interesse dos alunos professores em fazer a diferença na docência, entretanto, percebe-se que não é fácil percorrer o caminho.

O que possibilitou a concretização desta pesquisa, foi o questionário qualitativo, designada aos alunos de Licenciatura em Língua Inglesa da UNEB, Universidade Estadual da Bahia, Campus V, localizada na cidade de Santo Antônio de Jesus. Sendo concretizado no primeiro semestre de 2018. De acordo com as análises dos dados percebeu-se que a visão dos inquiridos quanto a instituição formadora, eles salientam que precisa fazer mudanças significativas na formação dos professores. Agregando teoria e prática de forma efetiva.

Diante de tais realidades circunstanciais, foi aplicado um questionário para os alunos no curso de Letras em Língua inglesa que tiveram a experiência de passar pelo estágio supervisionado. Posso registrar que foi uma experiência ímpar a aplicação do questionário. Não exclusivamente para o meu estudo, mas, sobretudo para os inquiridos. Eles elogiaram muito o nível das perguntas, pois foi um condutor quanto a reflexão voltada à formação docente teórica associada

com a prática. De modo a perceber essencialmente os desafios de ser professor de língua inglesa da escola pública brasileira. De acordo com Pereira 2013, p.38 faz a seguinte abordagem:

As incumbências estabelecidas pela LDB constituem indicativos legais importantes, pois podemos perceber que os papéis do professor, em geral, não se resumem ao cumprimento das normas relativas à profissão, como o planejamento e a execução de aulas, correção de provas, tarefas etc., mas, ao contrário, ampliam-se na medida em que abarcam os construtos sócio históricos da comunidade e atuam diretamente na constituição de sua identidade. A LDB assume, como prerrogativa da docência, o posicionamento do professor como aquele que deve zelar pela aprendizagem do aluno, inclusive daqueles com mais dificuldades.

Ao analisar as respostas, foi notório a experiência extremamente enriquecedora, pois é impossível falar de educação no Brasil sem abordar a formação dos professores. Uma vez que estes necessitam de uma formação voltada para a realidade na qual o contexto educacional emerge. Nós enquanto professores, temos que considerar o contexto no qual o nosso aluno se insere. E a Universidade, enquanto instituição formadora, precisa preparar os futuros professores para as inúmeras demandas que os aguardam.

PARTE 1- REFERENCIAL TEÓRICO

CAPÍTULO I O PAPEL DA EDUCAÇÃO DOS PRIMÓRDIOS A CONTEMPORANEIDADE

Partindo do pressuposto de Hengemuhle 2011, p.51- 52, ele nos proporciona uma reflexão sobre as mudanças do século passado, sendo esta fator crucial para as transformações em várias áreas do conhecimento: econômicas, tecnológicas, científicos. Ele enfatiza também alguns questionamentos dos paradigmas estabelecidos, sendo estes protagonizados por: Albert Einstein, Karl Popper, Lacan e Thomas Kuhn.

No final do século passado, o “relatório de Delors, resultado da contribuição de 15 pesquisadores de diversas partes do mundo, traz um eixo condutor para a educação no século XXI. Como já visto, ele entre outras coisas, nos indica o perfil de aluno necessário, isto é, aquele que precisa aprender a ser, a conhecer, a fazer e a conviver. Perrenoud acrescenta a todas as contribuições anteriores de que a educação *precisa preparar pessoas competentes para agir eficazmente no contexto contemporâneo*. Morin indentifica os sete saberes necessários à educação do futuro. Meirieu, junto com vários autores, reflete, sobre a necessidade de *dar significado ao conteúdo, através de situações problemas*. Muitos outros poderiam ser citados. Seu número é interminável.

Percebe-se que o contexto social vem mudando, logo, o processo educacional também precisa evoluir para acompanhar as demandas. Nos primórdios civilizatórios, a escola era a detentora no conhecimento absoluto. Tendo o professor como seu representante, logo, as informações advindas do “mestre”, era genuinamente verdadeira e inquestionável. Proporcionando assim a descoberta de um mundo totalmente oculto, o conhecimento. Que abriria caminhos e portas para uma nova realidade. Atualmente. Esta realidade, é inexistente. A maioria dos estudantes tem acesso aos meios de comunicação, acesso à internet, as redes sociais. A mudança na educação não deve ser vista como um mero modismo, e sim como uma necessidade emergencial.

Estamos passando por uma crise educacional sem precedentes, e isso tem proporcionado de certa maneira um caos educacional que se desencadeou ao longo do tempo, gerando assim um desconforto não apenas fora da sala de aula. E sim no contexto educacional, como todo.

Sobre este assunto, Hengemuhle 2011, p.53, nos salienta que:

Intercambiando informações, conhecendo outras culturas, fazendo amigos, trocando ideias... As crianças e os jovens tornara-se cidadãos do mundo. Com isso, a escola, os professores, as famílias entram em crise. Os interesses dos jovens rapidamente se adaptam, se modificam e passam a questionar os modelos existentes. Emergem os problemas. Um deles é a crise dos limites, (in)disciplina, falta de interesse.

O modelo de família, mudou. A escola não é a mesma, pedagogicamente falando o desequilíbrio tem perpetuado, e a sociedade procura caminhos para solucionar tais problemáticas. Nunca se

falou em mudanças de paradigmas educacionais como se fala atualmente. Entretanto, muito precisa ser feito.

A educação brasileira, se assemelha a um barco à deriva. Mesmo com o contributo de vários pensadores e educadores que a educação se fundamente, podemos mencionar entre eles: Piaget, Vygotsky, Ausubel, Ivani Fazenda, Paulo Freire, entre outros. É preciso voltar o olhar e a atenção par a educação brasileira contemporânea. Faremos um retrospecto sobre os avanços e retrocessos da educação no decorrer dos séculos, até chegarmos no momento atual. Vamos percorrer um longo caminho.

1.1 A gênese da Educação Ocidental

Ao que se refere ao legado da herança cultural da antiguidade, o valor é inegavelmente, imensurável. A gênese da civilização mundial está centrada na cultura e na civilização antiga. Entretanto, perdura até aos tempos atuais. Seja na escrita, na matemática, na geometria, na filosofia. Sobretudo, na área educacional, inúmeras coisas que fazem parte da nossa realidade educacional, são advindas da cultura oriental.

“Confúcio, o mais célebre filósofo chinês, viveu em um tempo de caos e corrupção na China antiga. Sua filosofia priorizava a ética nas relações pessoais e políticas. Valorizava a família, principalmente ao respeito aos pais. Criou um sistema de moral bem de acordo com a maneira de ser do povo chinês. Tal sistema valorizava a tradição ao culto aos mortos, e ensino da virtude e altruísmo. E a melhor maneira de transmitir esse ensinamento era, segundo ele o bom exemplo” (Piletti, 2016, p. 16).

Em tese, na China, a educação direcionava-se aos indivíduos desde a infância. Consequentemente, a educação primeira, ou seja inicial, tinha seu início no seio da família. Sendo esta, genuinamente patriarcal. O pai, era o principal mentor no direcionamento da educação familiar e social. A prática dos bons costumes e boas maneiras, entre elas tratar os semelhantes de forma respeitosa, além disso, se portar respeitosamente com os jovens e idosos em sociedade.

Antes da escravidão egípcia, o patriarca representava o maior símbolo da educação. Com as inevitáveis transformações políticas e sociais a educação foi mudando, todavia, não perdera sua essência. Ao analisar o livro de Provérbio (4 - 1 e 2), está explicitamente visível, o comprometimento com a educação dos filhos. “Ouçam, meus filhos, a instrução de um pai, estejam atentos e obterá discernimento.”

Em Proverbio (1- 8 e 9) “Ouça, meu filho a instrução de seu pai, e não despreze o ensino de sua mãe. Eles serão um enfeite para a sua cabeça, um adorno para seu pescoço. Presumimos, que os hebreus eram excessivamente severos com a educação dos filhos, com o passar do tempo começou a ser mais branda. Em Proverbio (29-17), resume os fundamentos educacionais hebraicos. “Discipline seus filhos, e este lhe dará paz.” De acordo com a visão Piletti, 2016, p. 26, nota-se que:

“Cada cidade deveria ter pelo menos uma escola. Se a cidade tivesse um rio que a dividia, duas. A sala de aula, que deveria primar pela higiene, era exteriormente simples e, no mesmo interior tinha todas as comodidades e metros em número suficiente. Diz o Talmude: ‘Se o número de alunos não passa de 25, haverá só um professor; de 25 a 40, haverá dois’”.

Compreende-se que, 200 anos depois de Cristo, a educação formal teve um crescimento evidente. Quanto, ao Talmude, palavra que tem como significado, disciplina. Em relação ao método de ensino, se fundamentava na mera repetição e na revisão. Além disso, frequentemente utilizava-se o diálogo catequético. Neste contexto, a educação manual chegou no ápice para os hebreus. A sapiência de agregar trabalho intelectual ao trabalho manual, proporcionou uma segurança sem precedentes na vida pessoal e profissional dos hebraicos

Paradoxalmente, na história brasileira, o trabalho braçal foi destinado a um grupo desprovido do conhecimento formal. Uma vez que, a formação científica era privilégio de poucos. Em detrimento disso o prejuízo se estende por décadas e séculos, compondo um cenário penoso, frustrante, decepcionante e sobretudo triste que se arrasta até a atualidade. Entre as heranças podemos mencionar uma estimativa da UNESO com dados de 2011, 85% dos analfabetos do mundo, entre os quais dois terços são mulheres e meninas, se concentrava no Brasil. Logo, a problemática educacional brasileira está intrinsecamente relacionada a diversos fatores: sociais, econômicos, históricos e políticos. Tardif, 2014, p. 154, faz a seguinte abordagem:

“No mundo ocidental, a mais antiga concepção a respeito da prática educativa vem da Grécia Antiga. Ela remonta a mais de 2.500 anos e continua em vigor ainda hoje, apesar de ter sofrido transformações substanciais. Essa concepção associa atividade do educador a uma arte, isto é, a uma *téchne*, termo grego que pode ser traduzido indistintamente pelas palavras ‘técnica’ ou ‘arte’”.

De acordo com as considerações de Platão, ele partia do princípio de que a educação para meninos e meninas devia ser a mesma. Infelizmente no ocidente esta prática seria concretizada tardiamente. Em função disso, os danos educacionais foram imensos. Sendo que educação por

muito tempo era prioridade de poucos. Os princípios socráticos, assegurava que todos somos aptos ao que se refere a aquisição dos conhecimentos.

1.2 A contribuição religiosa no âmbito educacional

Embora contemporâneo a Educação Cristã, 354-430 d.C. Santo Agostinho tinha um perfil pedagógico e filosófico centrado na fé, na razão e na ética cristã, embora isso se diferencie das reais concepções da educação moderna, sendo esta definida como laica. A pedagogia agostiniana ainda se assemelha a correntes pedagógicas atuais. Elucidaremos o assunto de acordo com a luz do conhecimento de Piletti (2017) “De acordo com São Agostinho, são quatro, as causas do fracasso no ensino: pouca capacidade do mestre, repetição cansativa de conhecimentos, reduzida inteligência do educando e desatenção do aluno”.

Ao analisarmos criteriosamente a essência da pedagogia de Agostinho, percebemos que suas ideias sobrevivem no ocidente, até hoje. Tendo assim seus fundamentos centralizados nos preceitos advindos da filosofia grega e da crença cristã. Agostinho, definia o papel do professor apenas como mediador que direcionava o caminho que o aluno deveria percorrer.

Tomás de Aquino (1225-1274), retoma o tema de Agostinho, nove séculos depois. Enquanto Agostinho fazia referência à educação dentro de uma visão platônica, que salientava que a fonte de todo aprendizado é um mestre interior. Agostinho e Tomás, acreditavam que Deus é o mestre verdadeiro que impulsiona os homens, de dentro para fora, na arte do ensino.

Entretanto, existe a necessidade suprema de uma ajuda exterior. Para Tomás, o professor, era definido como um agente externo que tem um trabalho de colaboração para a aprendizagem do aluno, mas esta concretização depende meramente do aluno. Tomás de Aquino criou seus preceitos fundamentado na fé cristã associada ao pensamento de Aristóteles. Por isso, ele preconizava o valor da razão humana. Em uma de suas afirmações, ele salienta: “Não pretendais ser chamado de mestre”. Mas, de acordo com as convicções de Aquino, apenas Deus ensina, e por esta razão tão premente, deve ser chamado de Mestre. Sendo assim, o professor preparava para a ciência, mas não possuía autonomia para ser detentor absoluto do conhecimento a transmitir para o aluno. Tomás, comparava um professor a um médico ou um lavrador, um que prepara a cura do doente e outro as condições do solo.

Partindo deste princípio, o aluno só aprende, se ele se predispõe ao aprendizado. Ao contrário, este não se concretiza. Retomando as quatro causas do fracasso escolar, no ensino na visão de Santo Agostinho, podemos visualizar claramente em nosso contexto atual: a formação deficitária do professor; os conhecimentos obsoletos trabalhados na sala de aula, sem conexão alguma com a realidade dos alunos; a falta de interesse dos alunos no que a escola está disposta a propor; as salas sobrelotadas que favorecem a dispersão dos alunos, perdendo o foco no que está sendo trabalhado na sala de aula.

Os problemas da educação cotidiana já era assunto que preocupava um homem que nasceu em 354 d.C. Podemos perceber que Santo Agostinho foi um dos pioneiros da Pedagogia Patrística, uma das escolas mais importante da época, sendo esta, a Escola de Catequistas de Alexandria. Este pensador, ao qual fazemos referência, foi protagonista na organização dos conhecimentos, designados para jovens e crianças do seu tempo. Podemos mencionar assim tais disciplinas: Leitura, Escrita, Cálculo, Gramática, Retórica, Dialética, Geografia, Filosofia e Teologia. Em seguida, faremos referência a um grande mentor que revolucionou o contexto social de sua época, contribuindo assim para a educação moderna. Pilletti, 2016, p.63 faz a seguinte abordagem:

“Lutero, (1483-1546), foi um dos responsáveis pela formulação do sistema de ensino público que serviu de modelo para a nossa escola atual. É dele a ideia da escola pública para todos organizada em três ciclos: fundamental, médio e superior. Além disso, a educação não podia ser responsabilidade só da escola.

A família também devia participar nesta tarefa. Quanto ao currículo, o Latim, e o Grego, deviam constituir a parte mais importante. E o Hebraico também precisava estar ao alcance de todos.” Percebemos assim o protagonismo de Lutero diante do seu tempo. O ensino passa a ser devidamente estruturado e organizado em ciclos. Este conceito perdura obrigatoriamente na Legislação educacional brasileira. Embora a legislação da Educação no Brasil enfatize que é dever da família fazer seu papel, ao que se refere a educação dos filhos, contudo, ultimamente, este papel está sendo atribuído, na prática absolutamente ao ambiente escolar. A inversão de valores é algo recorrente neste cenário atual, com isso, a sociedade sofre, conseqüentemente o indivíduo perece e um colapso ético, moral se estabelece; na família, na escola, e na sociedade. O cenário educacional contemporâneo não tem respaldo, muito menos autonomia para exercer uma função que é por excelência de obrigatoriedade dos progenitores.

De acordo com os estudos de Holfman (2008, p.03), fica explicito que:

“Segundo Lutero, o homem recebeu este dom da parte de Deus, e, com toda certeza, saberá usufruir do mesmo, desempenhando cada vez melhor esta tarefa a ele confiada, pois, a educação é algo que deve vir acompanhada dos pais – seu incentivo – e autoridades – proporcionando meios adequados para que isso aconteça”.

Se no passado, enquanto jovens e crianças, faziam uso devido das regras de boas maneiras e excelência educacional, por um longo período na história mundial a educação sempre foi forte incumbência da família. Se referindo a educação brasileira, um dos grandes fracassos, é atribuir apenas à escola a responsabilidade de educar as gerações atuais e vindouras. Sendo a escola um espaço transformador e social, na qual é atribuído ao professor inúmeros papéis, inclusive, papéis esses de incumbência dos pais. Quanto ao o ensino de línguas estrangeiras. Sendo esta, considerada por Lutero, parte mais importante do currículo escolar. Por esta razão deveria ser acessibilidade de todos. Além dos aspectos linguísticos, incluía outras disciplinas não menos importantes, entre elas: a Lógica, as matemáticas, a Ciência, a Gramática e a Música.

De acordo com a visão teórica de Piletti (2016, p.62). As línguas preconizadas por Lutero, que eram subsídios para compreender as escrituras sagradas e obras literárias pagãs e ou cristãs, eram: o grego, hebraico, alemão e latim. De acordo com a visão luterana, o ensino deveria chegar a todos os povos, sendo este pertencente a nobreza, ou fosse simplesmente um plebeu, sendo este, rico ou pobre, ambos teriam direito educacional de algum modo. Incluindo o gêneros: masculino e feminino. Lutero era contra o monopólio da igreja católica sobre a educação. Sendo assim foi decretado que a educação é dever do estado assumir a Educação. E instituir frequência obrigatória.

1.3 O protagonismo de Comenius na Educação Moderna

João Amós Comenius, 1592-1670, é considerado o pai da Didática Magna. Ele partia do pressuposto que o objetivo da educação era direcionar o homem a novos caminhos da felicidade eterna com Deus. Ele aconselhava em seus fundamentos que devemos ensinar tudo a todos. O modelo de sala de aula concebida como tradicional foi idealizada por Comenius.

Ele preconizava a totalidade das coisas. Ou seja o ensino integral, e não de forma fragmentada, ou apenas dirigido à classe social privilegiada. Percebe-se que no Brasil, o pensamento de Comenius não é tão propagado, pois suas propostas na maioria das vezes não são interpretadas considerando o contexto da época. Influenciado pela reforma protestante, ele conclamava uma

educação democrática. De acordo com a semelhança de ideais pedagógicos entre Comenius e Piaget, Lopes (2008 p.15), faz alguns destaques em seus estudos.

“Em outras palavras, o ser humano não pode ser fragmentado, pois ele é, em sua concepção, um “micromundo”, na medida em que é visto à luz das diferentes faces de sua existência: política, econômica, social, psicológica e religiosa. Sua compreensão do “homem” permite que ele, à semelhança de Paulo Freire, seja um dos idealizadores das campanhas de alfabetização cuja concepção metodológica consiste em ensinar a partir das coisas reais conhecidas.

Em uma de suas afirmações notamos a essência da proposta de Comenius “Não se deve aprender coisa alguma exclusivamente para a escola, mas para a vida”. Sendo ele contemporâneo do século XVII, foi considerado o mais importante pensador educacional da época, tendo assim um lugar de destaque no cenário histórico da época. Um revolucionário da pedagogia moderna e dos modernos métodos de ensino.

Ele foi um crítico tão instigador de mudanças do sistema educacional no período que chegou a afirmar: “Na educação da juventude, usa-se quase sempre um método tão duro, que as escolas são consideradas espantalhos das crianças ou câmaras de tortura das inteligências”. Ele comparava a evolução educacional com uma máquina automática. E assim, como a ausência de fracasso no avanço mecânico, seria a prática pedagógica. Comenius era um admirador das máquinas que revolucionaram as indústrias de sua época. Ele fazia uma profecia, mesmo que inconscientemente, que no âmbito educacional essas máquinas fossem um meio que revolucionaria a prática educacional.

Entretanto, não imaginaria tamanha evolução, robôs, computadores, máquinas e aparelhos portáteis e inovadores com imagens tridimensionais e coloridas ultrapassasse a barreira do imaginário e fizesse parte da realidade pedagógica e educacional na posteridade não tão distante. O fascínio e deslumbramento que Comenius tivera um dia, com a evolução das máquinas, tem acompanhado as gerações a cada evolução tecnológica que supera assustadoramente cada vez mais, com cada versão tecnológica criada.

Um dos maiores desafios educacionais do século XXI é a falta de infraestrutura física e pedagógica das escolas para acompanhar e se adaptar a tais evoluções. Em detrimento disso, a sociedade e a escola não se encontram em uma mesma época. A escola do ensino público brasileiro, ainda é a mesma dos séculos pretéritos, embora vivamos na era do FACEBOOK, instagram, twitter, whatsapp, entre outras redes sociais que promovem a constante interação entre os indivíduos. De acordo com os fundamentos teóricos de Henry (2014, p.337):

“Como bem sabem os professores universitários, os estudantes se muniram de novas ferramentas para demandar atenção aquilo que são suas preferências. A mesma tecnologia de EAD que permite aprendizagem por um menor custo também permite expressar opiniões como nunca antes. Sites populares como Ratemyprofessors.com (Avaliameusprofessores.com) e facebook, este último criado em um dormitório de Harvard, prenunciam um mundo dominado pelas redes sociais”.

Ignorar essas mudanças é uma insensatez. Não é mais pertinente utilizarmos os mesmos recursos e as mesmas metodologias com as quais aprendemos a língua inglesa. Hoje a acessibilidade desta língua está diante das crianças e adolescentes em tempo real. Não podemos competir com algo tão atraente e sedutor, que é este avanço tecnológico e as variadas formas na quais eles se apresentam. Logo, é cabível fazer uso desses recursos para criar uma conexão direta neste tripé do conhecimento: o aluno, o professor e o objeto a ser estudando.

Faz-se necessário uma comunicação e coerência entre ambos para que os objetivos e propósitos se conjuguem e efetivem. Se os nossos estudantes mudaram, obviamente que nós professores precisamos acompanhar esta mudança, nos modernizando enquanto profissionais, revisando nossas práticas profissionais e pedagógicas, revendo nossos conceitos pré-concebidos. Mesmo porque, se tentarmos impor aos nossos alunos algo que não é mais aplicável, pertinente e cabível nos tornaremos totalmente obsoletos. Logo, precisamos urgentemente estarmos aptos para conduzir com maestria o nosso trabalho com seriedade e eficácia. Nossos aprendizes, sendo eles de um público infantil, de pré-adolescentes e ou adolescentes. São pertencentes à atual geração. Todos os nossos alunos do ensino fundamental nasceram neste século, ou seja, no século XXI.

Eles estão no lugar certo, na hora certa. Nós professores estamos no lugar errado, e em outro time. Logo, precisamos nos preparar para este novo público. Mesmo porque a tendência é proliferar. Cada dia que passa, nós estamos mais longe do nosso tempo e eles estão dentro de um contexto harmonioso e pertinente para a faixa etária deles. Logo, é necessário planejar as aulas com eficiência com diferentes percepções. De modo a atender as expectativas atuais. De acordo com os princípios teóricos de Libâneo (2013 p. 17), ele nos esclarece que:

“É verdade que o homem contemporâneo neste momento – neste momento da história denominado ora de *sociedade pós-moderna, pós-industrial ou pós-mercantil, ora de modernidade tardia* – está marcado pelos avanços na comunicação e na informática e por outras tantas transformações tecnológicas e científicas. Essas transformações intervêm nas várias esferas da vida social, provocando mudanças econômicas, sociais, políticas, culturais, afetando, também, as escolas e o exercício profissional da docência.”

Não temos como fugir o mundo digital já faz parte do cenário educacional. Então, este é um fato absolutamente inegável. Pois, desde muito cedo, este público infantil e teen, tem acessibilidade a uma variedade de aparelhos que possibilita a aprendizagem antes mesmo de chegar à sala de aula: Inicialmente, eram os outdoors, a TV, panfletos dos centros comerciais e shopping centers, calculadoras, relógios digitais, vídeo games, computadores e, atualmente, os celulares cada vez mais avançado. Se esses aprendizes são os chamados de ‘nativos digitais’ de acordo com Prensky, partindo deste princípio, nós professores somos imigrantes. Temos que nos adaptarmos às realidades dos nativos para sobrevivermos profissionalmente. Partindo do princípio teórico da renomada obra: Emílio da Educação, de Rousseau (1992, p.10), percebemos.

“Se o homem nascesse grande e forte, seu porte e sua força seriam inúteis até que ele tivesse aprendido a deles servir-se. Ser-lhe-iam prejudiciais, impedindo os outros de pensar em assisti-lo e, abandonado a si mesmo, ele morreria de miséria antes de ter conhecido suas necessidades. Deplora-se o estado da infância; não se vê que a raça humana teria perecido se o homem não começasse sendo criança. Nascemos fracos, precisamos de força; nascemos desprovidos de tudo, temos necessidade de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer, e de que precisamos adultos, é-nos dado pela educação”.

Notamos que Comenius, assim como Rousseau, valorizava a natureza. Contudo, Rousseau preconizava três temas: liberdade, igualdade e fraternidade. Jean Jaques Rousseau (1712-1778) transformou totalmente a concepção da Pedagogia. Ele via a criança como ser perfeito, já pronto. Jean é considerado o pai do espontaneísmo da Escola Nova. Na concepção de Rousseau, o desenvolvimento da criança, deveria ser totalmente livre da influência adulta, sendo esta atitude nomeada como *laissez-faire*. Muitos educadores viram o trabalho de Jean Jaques Rousseau como algo inspirador, sendo influenciados por suas ideias. Entre eles podemos mencionar: Pestalozzi, Froebel, John Dewey, Maria Montessori, entre outros. Hengemuhle (2011p.50-51), nos afirma que a educação tem evoluído significativamente ao longo da história. Percorremos um longo caminho até chegarmos aos tempos atuais. Com isso uma gama de conhecimentos impulsiona a nossa prática. Proporcionando assim elucidações significativas relacionadas a aprendizagem e a motivação do ser humano.

Neste sentido, o próprio autor, continua enfatizando as contribuições de renomados pensadores que transformaram o cenário educacional, ao longo do tempo. Enquanto Pestalozzi preconiza que a educação proporciona a transformação do estudante em vários aspectos deve favorecer de igual modo o desenvolvimento físico, mental e moral. John Dewey afirma que devemos ensinar as crianças a serem protagonista do seu próprio conhecimento, através das ações. Jamais proporcionar o conhecimento como produto pronto e acabado.

Vygotsky deixa claro o real papel do professor. Sendo este, definido como mediador entre o conteúdo e o receptor. Valorizando a zona de desenvolvimento proximal. Se tratando de Ausubel ele aborda a valorização dos conhecimentos prévios do estudante. Usando estes pensadores educacionais como ponto de partida para se agregar aos novos conhecimentos. Podemos mencionar dois brasileiros que contribuíram grandiosamente no cenário educacional: Ivani Fazenda, trazendo ao nosso conhecimento a importância da interdisciplinaridade e Paulo Freire com suas contribuições pertinentes e inquietantes, que nos remete para um outro nível de reflexão: o que é a arte do ensinar?

Enquanto Rousseau, afirmava que a educação é um processo vital que dura a vida inteira, Comenius, considerado o pai da Didática Moderna, é o pioneiro na arte de protagonizar o respeito a inteligência e aos sentimentos da criança. De acordo com a premissa: “Ensinar tudo a todos.” É notório que esta proposta educacional inclusiva seja assumida desde o século XVII. Muitas ideias de Comenius se consagraram em algumas escolas três séculos posteriores. Muitas delas precisam se concretizar. Principalmente ao que se refere ao Sistema Educacional Brasileiro. Além de preconizar o ensino para as classes marginalizadas na época, entre eles, deficientes, o sexo feminino, e os desprovidos de recursos financeiros, ele ainda definia a escola como o melhor lugar para os estudantes.

“A obra de Comenius corresponde também a outras novidades, entre elas o despertar de um nova concepção era vista e praticada como um castigo e não oferecido elementos para que depois as pessoas se situassem de forma mais ampla na sociedade. Comenius reagiu a este a esse quadro com uma pergunta: Por que não se aprende brincando?” (Nova Escola 2017, p.01)

O ensino, deveria chegar em todos os lugares, sendo estes: comunidade, cidades, aldeias e escolas. Sendo que este ensino poderia ser ministrado seguindo uma forma segura e dinâmica e facilitadora, sendo distribuídas em: horas, dias, meses e anos. Proporcionando assim, uma formação universal de todas as artes e todas as ciências fossem direcionadas de forma exata e profunda. Sem acepção de classe social ou gênero, a educação de ricos e pobres, nobres e plebeus, rapazes e moças, fossem igualmente designados. Sem enfado; ou seja, breve, nada fatigante ou impregnado de aborrecimentos e punições. E sim, um ambiente tranquilo, prazeroso, agradável, para docentes e discentes.

Um ambiente tranquilo, prazeroso, agradável, que venha proporcionar uma elucidação de forma fácil, segura e concreta. Percebemos em Comenius, além da valorização tecnológica, a importância do ensino de uma língua estrangeira, e, sobretudo a inserção do lúdico como prática

educacional. Formando assim o tripé educacional. Partindo da premissa, ao que se refere ao ensino e aprendizagem de Língua Inglesa, percebemos a importância da prática e da metodologia pedagógica estar associada a adesão lúdica por parte do professor.

Uma vez que a palavra lúdico tem sua origem latina *ludos* que traz como significado o ato de brincar, incluindo assim jogos brinquedos e divertimentos, a prática docente, não se restringe apenas ao ler e escrever, sentados de forma estática sem interação ou dinamismo. De acordo com Santos, 2011p.11e12 percebemos que:

“Educar não se limita a repassar informações ou mostrar apenas um caminho, aquele caminho que o professor considera o mais correto, mas é ajudar a pessoa a tomar consciência de si mesma, dos outros e da sociedade. É aceitar-se como pessoa e saber aceitar os outros. É favorecer várias ferramentas para que a pessoa possa escolher entre muitos caminhos, aquele que for compatível com os seus valores, sua visão de mundo e com as circunstâncias adversas que cada um irá encontrar. Educar é preparar para a vida”.

O Educador é um mediador no processo do ensino- aprendizagem, tendo nele uma participação imprescindível ao incentivo e estímulo cognitivo das potencialidades do educando. O aluno é protagonista no processo evolutivo da afetividade, sendo esta parte de um processo contínuo. Mesmo porque a evolução em sua totalidade é inerente ao indivíduo. Assim como a formação profissional é contínua, a aprendizagem também ocorre de forma dinâmica, gradual e interativa.

É imprescindível o resgate do lúdico na vida adulta, possibilitando assim um espaço harmonioso, feliz, dinâmico e divertido para a criança, o jovem e o próprio adulto. Uma vez que, se permite conviver e reviver a ludicidade está devidamente preparado para atuar na área educacional de forma harmoniosa e dinâmica, fazendo a inserção do jogo no contexto escolar. Quando nos referimos as atividades lúdicas nos remete essencialmente a infância. Consequentemente ao nos referendar principalmente a criança.

Uma vez que desde os primórdios, jogos e brinquedos, mesmo sendo elementos recorrentes na humanidade eram definidos genuinamente como algo recreativo, onde o cunho era apenas relacionado à distração. A ludicidade, está presente em diferentes contextos. Por esta razão é fundamental agregar o lúdico na sala de aula, estimulando assim as potencialidades criativas das crianças, jovens e adultos.

Tornando as aulas dinâmicas e criativas. Uma vez que jogos e brincadeiras tornarão o ambiente escolar leve, alegre e interativo. Os estudantes, tem inúmeras oportunidades de desfrutar dos recursos lúdicos em contextos diversos. Logo, cabe ao ambiente escolar proporcionar o

dinamismo e criatividade com aulas diferenciadas. E isso é um trabalho árduo e contínuo. Cujo resultado, serão obtidos ao médio e longo prazo. Sobre o ensino de língua inglesa, deve-se a ele um grande contributo.

Comenius afirmava que não devemos ensinar fora das coisas, ou seja, associar o concreto ao abstrato. Além disso, nos assegurava que não é necessário conhecer uma segunda língua completamente. E sim, a língua materna. É um dos fatores primordiais para aprender uma segunda língua, é ouvindo, lendo, relendo, transcrevendo e imitando com a mão e com a língua. Em tese, percebemos que o contributo de Comenius não foi apenas transformar o âmbito escolar com sua didática inovadora, mas sobretudo, mudar a sociedade através da educação.

CAPÍTULO II- A LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL VIGENTE NO BRASIL

2.1 As Diretrizes e as Bases da Organização do Sistema Educacional Brasileiro

Partindo do princípio etimológico, educação significa literalmente “conduzir para fora”, ou direcionar para fora. A conotação do termo: direcionar para fora era empregado no sentido de preparar as pessoas para o mundo e viver em sociedade, ou seja, conduzi-las para fora de si mesmos. O sistema educacional brasileiro, é um sistema que começou a ser organizada tardiamente e até hoje, ainda se encontra em transição. Necessitando de um olhar mais atencioso, reflexivo e crítico de modo a reverter a situação educacional brasileira atual.

Em 1932, a Educação brasileira passa a ser pauta das discursões sociais, políticas e econômicas. Através do documento que defendia uma escola *pública, gratuita, laica e obrigatória*. Este evento, chamado: Manifesto dos Pioneiros, proporciona um novo direcionamento educacional em todos os seguimentos do ensino, na época: primário, secundário e superior. Este foi o documento assinado por 26 (vinte e seis) intelectuais da época. O documento foi redigido por Fernando de Azevedo. Entre os assinantes, podemos mencionar: Anísio Teixeira, Afrânio Peixoto, Lourenço Filho, Roquete Pinto, Delgado de Carvalho, Hermes Lima e Cecília Meireles.

“A iniciativa do Ministério da Educação de comemorar os 80 anos do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, homenageando, de forma especial, o Professor Fernando de Azevedo, um dos seus proponentes, foi muito oportuna. Não só porque este foi o primeiro Manifesto brasileiro em defesa da educação pública como direito social de todos, mas porque ele expressa um movimento de intelectuais e educadores preocupados com o desafio republicano de concretizar o direito à educação em um momento ainda incipiente. Defenderam uma necessária expansão de vagas na

educação escolar e se dispuseram a buscar consensos possíveis com grupos de diferentes formações e convicções sobre os rumos da educação brasileira, à semelhança do que estamos fazendo nos dias atuais”. (MEC, 2014, p.05)

Este movimento, denominado de Escola Nova, foi impulsionada pela tendência norte americana. Neste mesmo ano, é criado o Ministério da Educação. Do período colonial à contemporaneidade as tentativas de reforma no ensino foram exorbitantes. Infelizmente, a maioria foram mal sucedidas. Uma vez, que ao serem idealizadas não contaram com a análise e participação social. Em 1988, com a criação da Lei maior, na qual se refere ao ordenamento jurídico brasileiro, a Constituição Federal, em 05/10/1988. Que vem assegurar o direito à educação, não isentando a família de suas respectivas responsabilidades.

De acordo com o Título I da LDB, o primeiro artigo nos diz: A educação abrange os processos formativos que se desenvolvam na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa. E o segundo parágrafo nos acrescenta que: A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e a prática social. No artigo segundo, do Título II, salienta que: A educação é dever da família e do estado inspirado nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana. Tem por finalidade, o desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. A Lei de Diretrizes e Bases, Lei 9394/96, é a lei regulamentadora do Sistema Educacional Brasileiro, nas instituições públicas e privadas. Da Educação Básica ao Ensino Superior. Uma vez, que a própria LDB, classifica a educação brasileira em dois níveis possíveis distintos. Na educação básica, se insere a Educação Infantil, compostas pelas creches com as crianças de 0 a 3 anos. E a pré escola que comporta os alunos de 4 a 5 anos.

A educação infantil, é de incumbência dos municípios, sendo esta gratuita, mas não é obrigatória. Ao que se refere ao ensino fundamental dos anos iniciais do 1º ao 5º ano; e os anos finais do 6º ao 9º ano. Já o ensino fundamental; configura gratuidade e obrigatoriedade. Sendo estas de responsabilidade do município, entretanto, algumas escolas dos anos finais, são mantidas pelo estado. Quanto ao ensino médio, que antes fora nomeado de 2º grau; do 1º ao 3º ano, poderá ser um curso voltado para a educação profissional ou não. A educação básica atende alguns segmentos: Educação Escolar Indígena, Educação Especial, Educação do campo, Educação Escolar Quilombola, Educação Profissional, Educação de Jovens e Adultos, (EJA), Educação a Distância, Educação Escolar Prisional. Cada uma delas atende suas respectivas demandas e complexidade.

Ao que se refere ao Ensino Superior, é obrigatório para aqueles que tem a intenção de dar continuidade aos estudos universitários. O aluno, poderá ingressar em licenciatura, e ou bacharelado. Quanto a instituição, poderá ser: privada, estadual ou federal. Percebe-se que, a LDB além de estabelecer as Diretrizes e Bases para o sistema da educação nacional. Ela organiza e regulamenta a estrutura o funcionamento do sistema educacional brasileiro, sendo este público ou privado. Segundo a fundamentação teórica de Piletti, 2016 p.195, é salientado que:

“A primeira lei a estabelecer as diretrizes e Bases da Educação Nacional, em todos os seus ramos e níveis, do pré-primário ao superior, foi a Lei n. 4024 de 20 de dezembro de 1961. Na verdade, o projeto havia chegado no congresso Nacional ainda em 1948, tendo sido discutido durante 13 anos. Mas o assunto que mais empolgou o Congresso, e que mais agitou a opinião pública e os educadores, especialmente nos últimos anos da discussão, foi a liberdade de ensino. Duas correntes radicalizaram suas posições: a dos defensores da escola pública, representada principalmente pelos educadores filiados ao movimento da educação nova, e dos defensores da escola privada, ligados aos meios católicos.”

Considerando, que a primeira LDB, de 1961 levou 13 anos de tramitação, sendo discutida pelo Congresso e pela sociedade. Sendo esta sancionada pelo presidente João Goulart. Inicialmente, a Lei era composta de 120 artigos. Entre os legados desta Lei enumeramos: a criação do Conselho Federal de Educação, o ano letivo era composto de 180 dias. Esta Lei nº 4.024 foi considerada meia vitória, pelo professor Darcy Ribeiro.

A LDB, de 11 de agosto de 1971, nº 5692 sancionada pelo presidente da República: Emílio G. Médici. Objetivava reformular a anterior de 1961. Alguns artigos foram revogados, constando na Lei apenas 88 artigos. Neste momento, o Brasil vivia um dos momentos históricos mais crítico. Pois no país perpetuava o regime da Ditadura Militar. Nesta reforma, o ensino profissional tornou-se obrigatório. O Brasil vivia o momento do milagre econômico. Com o desenvolvimento industrial, o país precisava de trabalhadores.

A Lei Darcy Ribeiro de Educação Nacional, ou Nova Lei de Diretrizes e Bases 9394/96. Sancionada pelo presidente da república. Fernando Henrique Cardoso. Tendo como redator um dos professores mais importantes no cenário educacional brasileiro. Esta Lei foi de extrema importância aos novos caminhos que a educação brasileira percorreria. A LDB é mencionada pela Constituição Federal no artigo 22 no inciso XIV. Em 20 de dezembro de 2017, a Nova Lei de Diretrizes e Bases, completou a 21 anos. Os tramites legais foram longos e complexos e extremamente demorados. Entretanto, o resultado foi exitoso.

Totalizando 92 artigos que foram condutores que deu um novo direcionamento ao Sistema Educacional brasileiro. Esta Nova Lei, promoveu algumas inovações e avanços. Entretanto, a

Educação Nacional necessita urgentemente de inúmeras melhorias. Entre elas: *inclusão, qualificação, e a promoção da educação para todos*. A própria UNESCO, tem afirmado com veemência. Transformações essenciais que compõe a proposta da LDB. Ainda não foram concretizadas, e isso tem ocasionado um certo retrocesso. Agregado aos outros índices problemáticas do ensino público brasileiro. A própria LDB no artigo 26, estabelece que:

“Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos”.

Em detrimento do não comprimento deste artigo, talvez o aprendizado não esteja ocorrendo de forma efetiva no ensino público. Logo, os resultados no processo avaliativos Nacionais e Internacionais, não tem contemplado as demandas contemporâneas dos pré-requisitos programáticos que deverão ser aprendidos. A Base Nacional Comum (BNC), é um documento normativo que contempla a efetivação da próprio LDB. Que as aprendizagens essenciais, todos os alunos deverão ter acesso ao desenvolvimento pleno da cidadania. Em todas as três esferas governamentais do ensino básico: Municipal, estadual e municipal. Contemplando assim a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

Desde o período pós guerra, que o governo brasileiro centralizou os investimentos na educação superior, negligenciando a assistência, crucialmente necessária ao ensino básico. Conseqüentemente, o paradoxo tem se estabelecido. Pois, os estudantes advindos de escolas públicas, em sua maioria, não tem conhecimento suficiente para ser aprovados em Universidades Federais. Logo, quem estuda nas escolas particulares, conseqüentemente conseguirá vagas nos melhores cursos das Universidades Federais. Logo, os alunos advindos da escola pública, raramente conseguirão competir com os alunos das escolas particulares. Sendo assim, os alunos terão duas alternativas: Não cursar universidade nos cursos mais concorridos. Ou pagar em uma instituição particular e estudar o curso que almeja. Muita coisa ainda precisa ser feita, em todos os seguimentos da educação no Brasil.

Em 2009 a Fundação Lemann publicou em um estudo protagonizado por Martin Carney, sendo ele professor de economia da universidade de Stanford (EUA). Cujo título do estudo era: A vantagem acadêmica de Cuba, porque seus alunos vão melhor na escola. O cenário de Cuba tem contribuído par seu respectivo destaque entre Chile e Brasil. Logo, os cubanos estão em vantagens em relação aos brasileiros e chilenos. Primeiramente, Cuba possui um currículo unificado. É possível comparar o desempenho das escolas entre si.

Além disso, em Cuba, as pessoas não são vítimas de violência. Ao que se refere a saúde e a alimentação, ambos estão assegurados. Carney salienta que os professores de Cuba são mais eficientes que no Brasil, no Chile e nos Estados Unidos. Recentemente no Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) proposta do próprio Ministério da Educação (MEC), foi homologada pelo ministro da educação, Mendonça Filho no dia 20/12/2017. Sendo este documento de caráter normativo que define o conjunto e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a assegurar o direito da aprendizagem e desenvolvimento de acordo com o preceito do Plano Nacional de Educação (PNE).

Contemplando assim três etapas da Educação básica, entre elas: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio de forma articulada pautada no desenvolvimento habilidades e na formação de atitudes e valores promovidos pelas Leis de Diretrizes de Bases. O embasamento legal relacionado a Base Nacional Comum, está pautada na lei maior ao que se refere a legislação brasileira.

A Constituição Federal de 1988, no Artigo 205, reconhece a Educação como direito, sendo este fundamental compartilhado entre Estado, família e sociedade. Sendo promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa seu preparo para o exercício da cidadania e conseqüentemente sua respectiva qualificação profissional. Embora a LDB, tenha nascido de um trabalho tão árduo é um documento que tem muito subsídio para ser analisada, estudada, revista e colocada em prática para potencializar os verdadeiros objetivos da educação no cenário brasileiro do contexto atual.

“Que o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932 e Fernando de Azevedo nos inspirem e mobilizem na reflexão e na ação educacional, e que a história nos oriente e fundamente para que os equívocos não se repitam ou nos confundam. Sabemos que a memória dos esforços e iniciativas dos que nos antecederam nem sempre está presente na história da educação atual com a dimensão e intensidade que ela merece e precisa. E é dessa memória que Benjamin nos fala, lembrando-nos que ‘Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas [...]’.² E que, por isso, “O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria”. (MEC, 2014, p. 6-7)

A ditadura militar perdurou de 1964 a 1985, o prejuízo foram inúmeros. Como argumenta (Lampert 2007, p. 249-251) “As problemáticas sociais, culturais, econômicas e políticas afeta diretamente o desenvolvimento histórico do país.” Uma vez que, ambos estão intrinsecamente relacionados ao desenvolvimento educacional. A política educacional de 64, foi algo imposto governamentalmente, não contemplando assim as necessidades de um povo. E sim favorecendo

os desejos ideológicos de um grupo que estava à frente do poder. E, conseqüentemente, o resultado educacional contemporâneo, está atrelado aos conturbados momento históricos e políticos.

“A alfabetização de adultos se faria mediante o uso do sistema Paulo Freire. O próprio Paulo Freire foi nomeado para as funções de coordenador do programa. Entretanto, no dia 1º de abril de 1964, os militares tomaram o poder, o programa foi extinto e seus organizadores acusados de subversão, foram presos e /ou exilados, como Paulo Freire que após 70 dias de prisão, exilou-se no Chile, transferindo-se posteriormente para os Estados Unidos, a Europa e a África sempre atuando na educação de adultos”. (Piletti, 2016, p.200.)

Embora, ocorreu a criação do supletivo e a valorização em massa da educação profissional, e a matrícula obrigatória dos 7 aos 14 anos. Os investimentos aos estudos superiores foram cortados. Além disso, a disciplina de língua inglesa não fazia parte do currículo escolar. Assim como, biologia e filosofia. Introduzindo no currículo escolar a disciplina Moral e Cívica. Duas décadas de retrocessos dos ideais, anseios e aspirações na área educacional, econômica, histórica, e cultural no cenário brasileiro. As vagas no ensino superior eram limitadas. Muitos professores eram exilados. Quem tinha um poder aquisitivo favorável, pagava pelos estudos. Quem não o tinha, ficava desprovido do ensino superior. O Manifesto dos Pioneiros, é uma grito que ecoa nos tempos atuais e tenta-se as duras penas, a passos lentos concretizar tais desejos.

O Manifesto dos Pioneiros de 1932 é uma grito que ecoa nos tempos atuais e tenta-se as duras penas, a passos lentos concretizar tais anseios preconizados naquela época. A Lei 9394, sancionada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso em 1996 em 20 de dezembro de 1996, preconizou algumas mudanças, entre elas: A carga horária anual deixa de ser de 180 dias, passando para 200 dias letivos. Criação do Plano Nacional de Educação (PNE). Exigência na formação do ensino superior a todos professores do Ensino Básico.

Sendo que, o primeiro ciclo do ensino fundamental formação em Pedagogia e o segundo ciclo do fundamental II e médio. Formação por área de conhecimento de acordo com as respectivas disciplinas na qual o professor lecionava. A Nova LDB, que já deixou de ser nova, pois ela já possui mais de duas décadas. Ao longo desses longos anos, algumas emendas foram feitas. Contudo, a Lei, é essencialmente a mesma, desde 1996. Entretanto, alguns artigos foram excluídos, modificados, e ou acrescentados. Ao longo deste período, podemos mencionar os respectivos anos, na qual as mudanças sucessivas ocorreram: Em 1997, 2001, 2003, 2004 2006, 2007, 2008, 2009, 2013, 2014, 2015 e 2017.

“Importantes mudanças curriculares foram promovidas após a LDB de 1996, entre as quais, a introdução do ensino de História e Cultura afro-brasileiro e indígena, do ensino do direito das crianças, do ensino de do direito das crianças; do ensino de música; e do ensino de filosofia e da sociologia. A LDB de 1996 art. 26, no parágrafo 4º estabelece que o ensino de história do Brasil deve levar em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígenas, africana e europeia.”

A Lei nº 11.645, sancionada em 2008 foi crucial, ao que se refere a inclusão da história e Cultura indígena no currículo escolar. Assim como programas educacionais bilíngue para comunidade indígena. Possibilitando assim o acesso ao conhecimento técnico e científico. Através da preparação de profissionais devidamente preparados. Mesmo porque, a escola é o lugar para promover a valorização da diversidade e a importância da heterogeneidade em vários contextos. A própria sociedade brasileira é em sua essência multiculturais, pois muitos povos contribuíram com a formação do povo brasileiro.

Sendo estes constituídos por inúmeras matrizes étnicas, sendo estas: árabes e asiáticas. Do mesmo modo, outras leis passaram a ser agregadas a LDB 9394/96. Entre elas podemos mencionar a Lei 10639 de 09 de janeiro de 2003. Salienta a obrigatoriedade, das instituições públicas e privadas responsáveis pelo ensino fundamental e médio o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. Assim como ênfase das lutas e contribuições do povo negro brasileiro na formação social, econômica, política e história. Contribuindo com o seu legado na constituição da identidade nacional brasileira. Partindo deste princípio, o dia 20 de novembro, sendo este declarado como Dia Nacional da Consciência Negra fará parte do calendário escolar.

A Lei 11525 de 25 de setembro de 2007. A Lei 11684 de 02 de julho de 2008. Preconiza a obrigatoriedade da inserção do Estatuto da Criança e do Adolescente no currículo escolar. A Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001, instituiu o Plano Nacional de Educação (PNE). Tendo como meta o ensino fundamental em nove anos. Consequentemente a Lei nº 11.114, de 16 de maio de 2005 prava pela obrigatoriedade da matrícula das crianças de seis anos de idade no Ensino Fundamental.

A proporção que uma Lei é implementado, outras posteriores passas a surgir para garantir a concretização da Lei inicial, se agrega novas leis para assegurar este cumprimento de forma legítima. A Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006 vem com o propósito de ampliar o Ensino Fundamental com nove anos de duração de forma progressiva, estabelecendo o prazo de implementação até 2010. A Lei 11741 de 2008. Tem como objetivo valorizar a educação de jovens

e adultos e a educação profissional. Além de oferecer capacitação profissional, esta etapa do ensino, garante o ingresso ao ensino superior. Continuando assim os estudos devidamente.

2.2 A importância do Ensino Superior

Em síntese, a profissão docente é uma prática essencialmente social e ao mesmo tempo um elo fundamental na intervenção de uma sociedade. Embora, o desprestígio social, econômico, cultural, político e social, seja uma grande realidade no contexto brasileiro atual.

Partindo da fundamentação teórica de Pimenta e Anastasiou, 2014 p.174 notamos que:

“As universidades, centros universitárias, faculdades integradas e institutos ou escolas superiores, conforme suas definições na LDB/96 são instituições de ensino superior que se diferenciam entre si pela abrangência de ações e pelas condições de trabalhos de seus docentes.”

Embora ambos tenham em comum a mesma funcionalidade, sendo esta a graduação de profissionais em áreas diversas, os professores que compõem, tais instituições são possuidores de um vasto aparato ao longo das diversas experiências profissionais do que é ser um docente. Legados estes advindos da época de estudante durante a saga da vida estudantil definindo assim quem eram os bons professores e quem não eram. Quais professores dominavam o conteúdo, mas não sabia passar, ou seja, não tem didática.

Os cursos de licenciatura tiveram sua inserção no Brasil através da Universidade de São Paulo, USP, em 1934. Oferecendo assim aos bacharéis, da época das diversas áreas do conhecimento, uma preparação fundamental à prática do ensino. Tendo como mola propulsora das elucidações e práticas docentes, o ensino e o estudo da didática. Concentrando assim o alargamento do ensino superior as elites, sendo estes profissionais liberais. Restringindo assim ao curso de engenharia, medicina e direito. De acordo com as fundamentações de Piletti, 2016 p.179, é feita a seguinte elucidação:

“A inexistência de uma universidade, apesar do funcionamento do ensino superior desde o início do século XIX colocava o Brasil numa situação de inferioridade em relação aos outros países sul-americanos. A intelectualidade brasileira não se conformava com o fato de o Brasil, ao lado do Paraguai, serem os únicos países da América do Sul que ainda não contavam com uma universidade, sendo que o Peru, por exemplo, já no século XVI havia organizado tal instituição de ensino superior.”

Em síntese, é necessário conhecermos o passado para compreender o futuro. De igual modo, faz-se necessário conhecermos o passado para compreender o futuro. Entender o processo da

formação inicial acadêmica e, compreendermos o contexto escolar, compreendendo assim, qual o papel real do professor diante dos desafios cotidianos. E nos impulsionando a novos questionamentos: Os professores atualmente estão sendo devidamente preparados para mediar a complexidade do contexto escolar? A formação inicial docente, está agregada a teoria e prática? Ou está voltada apenas aos aspectos teóricos? Partindo do pressuposto de Imbernón 2011, p.59, ele nos aborda que:

O sistema educacional sempre situou a formação profissional da educação, ou seja, a profissionalização docente no contexto de um discurso ambivalente, paradoxal ou simplesmente contraditório: de um lado a retórica da importância dessa formação, do outro a realidade da miséria social e acadêmica que lhe concedeu.

As inquietações nesta área: formação inicial docente não é algo recente. É um assunto que tem ganhado espaço nas discussões acadêmicas nas últimas décadas. Referenciando esta informação com as elucidações teóricas de (Pimenta e Lima, 2012 p. 129), é salientado que a relevância de estudar a vida e a cultura docente, sendo este assunto direcionado por inúmeros teóricos. Entre eles, podemos fazer referência aos seguintes estudiosos: Tardif (2002) reconhece a natureza social do conhecimento do conhecimento, da trajetória dos professores valorizando assim seus respectivos saberes cotidianos e ao mesmo tempo a identidade de professor construída ao longo do tempo.

Nóvoa (1992), discute acerca da história, da profissão docente fazendo um retrospecto ao longo dos anos, comparando ao cenário educacional atual. Sacristán (1999), destaca o papel da teoria na epistemologia da prática. Zeichner (1993) aborda a necessidade de uma prática reflexiva e emancipatória. Pimenta (2002), considera a possibilidade do professor pesquisador e produtor de seus conhecimentos. Tendo como caminho condutor, a própria prática. Libâneo (2002) preconiza uma reflexão cognitiva, comum a todos, contemplando as diferenças existenciais e promoção de valores universais disseminados. De acordo com Perrenoud, (2000). Ele compara o professor com um discípulo que bebe as palavras, estimulando assim o conhecimento. E nunca para de buscar. Atualizando sempre os conhecimentos com exercícios, lições sistematizando todo conhecimento posteriormente. Imbernón, 2011 nos faz a seguinte proposta: abandonar os velhos conceitos obsoletos, e fazer adesão dos novos: descobrir, organizar, fundamentar, revisar e construir teorias.

É de crucial importância, promover esta abordagem ao que se refere a relevância de enfatizar sempre o papel da formação docente, proporcionando assim uma reflexão confrontando a teoria com a prática; essa atitude reflexiva poderá se tornar uma práxis constante em espaço diverso:

Nos cursos de formação, sendo esta inicial ou contínua. No decorrer do estágio. No próprio planejamento entre os professores.

Mesmo para aqueles professores que já atuam na docência, o estágio é um momento para rever a prática, associá-la à teoria. Revendo e recriando novos caminhos, outras formas de fazer e propagar o conhecimento contemplando assim novas práxis docentes. O professor estar sempre apto as novas descobertas e concretização das mesmas. Mesmo porque, formação docente não tem um momento específico para chegar ao fim, esta formação é constante. E a conclusão da formação inicial não isenta a formação contínua.

CAPÍTULO III - A LÍNGUA ESTRANGEIRA NO CENÁRIO MUNDIAL

3.1 A relevância da língua inglesa

Desde o século IX D.C. perpetua a dinamicidade do processo de ensino aprendizagem de uma língua estrangeira. Pegando como um exemplo o latim, sendo este, considerado uma língua morta atualmente. Era o idioma estrangeiro de grande destaque nas universidades europeias. Com o declínio do Império Romano, por volta do século V da Era Cristã. O latim falado deixa de existir. Mas como as célebres e renomadas obras dos escritores clássicos estavam escritas em latim. As leituras prosseguiam em latim. Cristal nos enfatiza que:

O paralelo entre a situação do inglês e do latim é sem dúvida surpreendente. Durante o primeiro milênio, o latim se tornou a língua universal da sociedade europeia culta — embora precisemos dizer latins, pois na Europa existiam àquele tempo algumas variedades. Havia a variedade de prestígio — o latim clássico literário escrito durante o Império Romano (em especial no Ocidente). Depois vinham as variedades faladas no dia-a-dia, chamadas agora de latim vulgar. Já no primeiro século a.C., encontramos Cícero comentando sobre a pronúncia provinciana percebida no latim falado na Gália Cisalpina”.

Uma vez que estas eram as fontes de referência para pesquisas na Europa Ocidental. Contudo, para se perscrutar nestas riquíssimas referências bibliográficas, fazia-se necessário aprender o latim. Mesmo tardiamente com as traduções em línguas diversas, tais como: italiano, francês, português. As obras em latim continuavam sendo bem requisitadas pois eram as originais. Partindo desta premissa, os objetivos em aprender esta língua estrangeira, especificamente o latim, era desenvolver habilidades e competências de leituras para os estudantes fazerem uso nesta época. Logo percebemos que as metodologias do ensino serão reestruturada e redimensionada de acordo com as demandas de uma época. Por exemplo, do século IX até chegar ao século XX, as pessoas não tinham um hábito costumeiro de viajarem, pois não existiam embarcações apropriadas. A

propagação das diversas culturas ocorriam por intermédio de textos literários. Daí a importância da priorização do aprendizado da língua estrangeira, especialmente naquela época o latim. Análises criteriosas eram feitas das estruturas sintáticas, morfológicas e tradução. Com a evolução tecnológica e o apogeu do avião a jato conseqüentemente desenvolvimento do turismo no mundo Ocidental.

Em função disso, pessoas de diversas partes do mundo precisava se comunicar entre si. Contudo, a Segunda Guerra Mundial tornou-se extremamente fundamental a necessidade de aprender uma língua estrangeira para a comunicação. Em detrimento do conflito bélico que envolvia muitos países. Logo, o governo juntamente com os órgãos militares estadunidenses acham premente aprenderem as línguas faladas nesse contexto sangrento.

Pela primeira e única vez na história governo e universidades americanas realizaram um projeto conjunto para criarem método de ensino de línguas estrangeiras com o objetivo de levar estudante a ser capaz de se comunicar oralmente e em segundo plano de se comunicar por escrito. Assim, criou-se o Army Specialized Training Program (Programa de Treinamento Especializado do Exército envolvendo cinquenta e cinco universidades americanas que receberam apoio financeiro e material para intensificarem as respectivas pesquisas na área de linguística aplicada e de ensino de línguas, tendo como objetivo desenvolver métodos de ensino eficazes no menor espaço de tempo possível. Mesmo porque os funcionários do governo e do exército. Tinham uma necessidade urgente de aprender a se comunicar nas línguas faladas nos países envolvidos no conflito. A guerra, além disso, gerou um fenômeno que intensifica as pesquisas em busca de um método eficiente de ensino de línguas estrangeiras e os movimentos migratórios que levaram os Estados Unidos um grande contingente de imigrantes, que passaram a ter a necessidade de aprender a se comunicar em inglês.

A partir da nova LDB, Leis de Diretrizes e Bases, 9394/96, priorizou-se um ensino que não separava o ensino de língua em diferentes eixos, proporcionando uma visão contextualizada do ensino, não só de Língua Portuguesa e Língua Inglesa, mas de todas as áreas do conhecimento humano. Conseqüentemente, é notório os caminhos pelos quais permeiam a linguagem, por isso, ela é considerada uma herança social, pois, ela é a mola propulsora na qual se insere outros conhecimentos adquiridos pelo ser humano ao longo da existência. De acordo com Guimarães.

Ao analisarmos o termo comunicar, percebemos que vem do latim *communicare* e significa "fazer perceber", participar, transmitir, pegar por contágio (estabelecer comunicação entre (...)) propagar-se estabelecer-se". A língua de um povo, pressupõe um poder, uma marca,

representa identidade, marcação de território, domínio, subserviência, persuasão, conquista, progresso. E através da linguagem que o abstrato se concretiza. Expressamos os mais variados sentimentos e pensamentos.

“A língua é muito mais do que um simples instrumento de comunicação. Ela é palco de conflito sociais, de disputas políticas, de propaganda, ideológica, de manipulação de consciências, entre muitas e muitas outras coisas. A manipulação social da língua nos leva a votar nesta ou naquela pessoa a comprar tal ou qual produto, a admitir que determinada maneira e não de outra, a aderir a uma ideia e por aí vai, e vai longe... No mercado financeiro, por exemplo, tudo se faz por meio das palavras”. (Bagno, 2011 p.75)

Referindo-se ao aprendizado, a arte de ensinar exige crucialmente respeito aos saberes, sendo esses socialmente construídos na prática comunitária, cujas experiências podem ser aprovadas para discutir a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo esteja ministro, estabelecendo uma necessária correlação entre saberes curriculares fundamental aos alunos e a vivência social que eles possuem enquanto indivíduos, e, isso incluem o aprendizado de uma língua estrangeira e conseqüentemente a cultura de um povo.

2. A disseminação da língua inglesa no Brasil

De acordo com a luz do conhecimento de Leffa, ao que se concebe ao ensino de língua inglesa, ele enfatiza que:

“Uma língua é uma maneira de apreender o mundo, envolvendo aspectos linguísticos e culturais. Uma língua internacional, como é o caso do inglês, justamente por ser multicultural, envolve a apreensão de vários mundos, não só o mundo anglo-saxônico e de seus descendentes, mas também outros mundos, incluindo vários países de todos os continentes [Finlândia, África do Sul, Nigéria, Índia, etc.]” (Leffa 2013, p. 120 e 121).

Ao que se refere a pesquisa e prática do ensino de língua inglesa à quem está enveredando nesta área é notório que não é um assunto recente. Se trata de um assunto que tem levantado debates a muito tempo. A priori, o ensino de língua inglesa era vista apenas como mero status, entretanto, de acordo com as mudanças sociais ocorridas no decorrer dos anos percebe-se a necessidade de incluir o ensino de língua inglesa no currículo escolar. O inglês hoje assume a posição da importância do latim em outrora que era disciplina sumariamente exigida no currículo escolar. Sendo esta disciplina sinônimo de cultura, visto sobretudo como uma língua universal.

Através da língua inglesa é possível ter acessibilidade em diferentes contextos sociais e políticos, tanto ao que se refere as necessidades pessoais e individuais como profissionais e coletivas entre eles: fazer um intercâmbio cultural, ser um profissional na área de turismo. Ser

chefe de uma multinacional, fazer pós graduação, ganhar uma bolsa de estudos fora do país. Desde o século XIX que o inglês se tornou veículo de inserção social em vários segmentos seja na arte, na política mundial, na ciência, na tecnologia, no aspecto econômico, na área da comunicação ou empresarial, propaganda, no cinema, na radiodifusão, na música popular, na segurança, na educação, no entretenimento, em viagens internacionais.

Se tratando da nossa realidade brasileira estamos sendo bombardeado pela língua inglesa de diversas formas e isso é um resultado gradativo que tem se perpetuado ao longo dos anos. E essa exposição se apresentam em diversos contextos: Ouvindo uma entrevista na **BBC** ou na **CNN**, a exibição de um clipe musical, assistindo a um filme americano, ou comercial no intervalo da programação favorita, através da **internet wireless**, por meio das redes sociais tais como: **facebook**, **instagram**, **twitter**, fazendo uso do Messenger, **e-mail** usando informações com cautela para evitar invasões do **hacker** e **fake** fazendo o **download** de músicas e filmes nos sites de buscas do **Google** e do **Youtube**.

Utilizando a **webcam** do **Skype** e o **whatsapp** para diminuir a distância dos amigos e familiares. Muitas vezes fazendo o **zoom** da tela **screen**. Tendo o cuidado no trânsito para não ser abordado em uma **blitz** na hora do **rush** de modo a se encontrar com os amigos no **happy hour**. Além disso, podemos aproveitar on **sale** para comprar a roupa **fashion** para **fitness**, criando assim um **new look**. Além disso caprichar no **make up** como **top model** ir na **lan house** cumprimentando o rapaz: **hey man**, preciso fazer o **backup** do meu **smartphone**. As palavras vão se adequando ao nosso contexto despreziosamente. Quando percebemos estamos completamente imersos. Partindo do pressuposto de Oliveira é importante salientar que:

“Fazer diferente não significa que o professor vai virar a sala de cabeça para baixo e pedir aos alunos que façam coisas do outro mundo. Fazer diferente é trabalhar, também, com as habilidades de ouvir e falar. É ter consciência de que se o aluno precisa aprender a língua inglesa e o mundo globalizado requer certa fluência na língua, isso significa ser capaz de ler, escrever, ouvir e falar. (Oliveira” 2013.p.143).

Ao entrarmos em uma loja podemos perceber se está funcionando ou não pelas nomenclaturas: **Close** ou **Open**, recentemente trouxeram o **Black Friday** para os **Shopping Center** no Brasil. Não para por aqui. No nosso cotidiano nos deparamos com variedade de produtos nas prateleiras do supermercado com nomenclaturas escritas na língua inglês. Ao observarmos as marcas de biscoitos podemos perceber as seguintes sugestões: **Cream Cracker**, **Salt Cracker**, **Hot Cracker**, **Bauny Black**, **Tostmant**, **Pit Stop**, ou **Magic Toast Light**.

Se referindo ao chocolate ficamos em dúvida entre o **Crush**, **Snickers**, **Milk Way**, **Classic**, **Penut Butter**, **Hershey’s** ou **Cacau Show**. Na sessão de perfumaria podemos

escolher: Nível **Body Sensitive**, Nível **Frech Natural**, Nível **Double Effect**, Nivel **Pure Invisible**, ou Rexona para **Women Sexy/ Power** e **Dove go Fresh**.

Quanto ao shampoo temos algumas possibilidades: **Clear**, **Dove Frizz Therapy**, **Palmolive Naturals Fashion Girl** ou **Dimension**, os cremes de pentear pode-se decidir entre: **Gold Ceramidas**, **Palmolive Naturals Kids**, **Umdificador Baby**. O indispensável creme dental podemos escolher o melhor entre as variedades: **Oral B Plus**, **Colgate Sensitive**, **Colgate Clean Mint**, **Close Up**, **Colgate Triple Advanced Fresh** ou **Sorriso Fresh Plus**. Entre outros, cada dia que passa surge um empreendimento comercial em inglês.

Ao que se refere a pesquisa e prática do ensino de língua inglesa à quem está enveredando nesta área é notório que não é um assunto recente. Se trata de um assunto que tem levantado debates há muito tempo. A priori, o ensino de língua inglesa era visto apenas como mero status, entretanto, de acordo com as mudanças sociais ocorridas no decorrer dos anos percebe-se a necessidade de incluir o ensino de língua inglesa no currículo escolar. O inglês hoje assume a posição da importância do latim em outrora que era disciplina sumariamente exigida no currículo escolar. Sendo esta disciplina sinônimo de cultura, visto sobretudo como uma língua universal.

“Uma língua é uma maneira de apreender o mundo, envolvendo aspectos linguísticos e culturais. Uma língua internacional, como é o caso do inglês, justamente por ser multicultural, envolve a apreensão de vários mundos, não só o mundo anglo-saxônico e de seus descendentes, mas também outros mundos, incluindo vários países de todos os continentes [Finlândia, África do Sul, Nigéria, Índia, etc.]” (Leffa 2013, p. 120 e 121).

Através da língua inglesa é possível ter acessibilidade em diferentes contextos sociais e políticos, tanto ao que se refere as necessidades pessoais e individuais como profissionais e coletivas entre eles: fazer um intercâmbio cultural, ser um profissional na área de turismo. Ser chefe de uma multinacional, fazer pós graduação, ganhar uma bolsa de estudos fora do país. Desde o século XIX que o inglês se tornou veículo de inserção social em vários segmentos seja na arte, na política mundial, na ciência, na tecnologia, no aspecto econômico, na área da comunicação ou empresarial, propaganda, no cinema, na radiodifusão, na música popular, na segurança, na educação, no entretenimento, em viagens internacionais. Utilizando a **webcam** do **Skype** e o **whatsapp** para diminuir a distância dos amigos e familiares. Muitas vezes fazendo o **zoom** da tela **screen**. Tendo o cuidado no trânsito para não ser abordado em uma **blitz** na hora do **rush** de modo a se encontrar com os amigos no **happy hour**. Além disso, podemos aproveitar on **sale** para comprar a roupa **fashion** para **fitness**, criando assim um **new look**. Além disso caprichar no **make up** como **top model** ir na **lan house** cumprimentando o rapaz: **hey man**, preciso fazer o **backup** do meu **smartphone**. As palavras vão se adequando ao nosso

contexto despreziosamente. Quando percebemos estamos completamente imersos. Partindo do pressuposto de Oliveira é importante salientar que:

“Fazer diferente não significa que o professor vai virar a sala de cabeça para baixo e pedir aos alunos que façam coisas do outro mundo. Fazer diferente é trabalhar, também, com as habilidades de ouvir e falar. É ter consciência de que se o aluno precisa aprender a língua inglesa e o mundo globalizado requer certa fluência na língua, isso significa ser capaz de ler, escrever, ouvir e falar”. (Oliveira 2013.p.143).

Ao entrarmos em uma loja podemos perceber se está funcionando ou não pelas nomenclaturas: **Close** ou **Open**, recentemente trouxeram o **Black Friday** para os **Shopping Center** no Brasil. Não para por aqui. No nosso cotidiano nos deparamos com variedade de produtos nas prateleiras do supermercado com nomenclaturas escritas na língua inglês. Ao observarmos as marcas de biscoitos podemos perceber as seguintes sugestões: **Cream Cracker, Salt Cracker, Hot Cracker, Bauny Black, Tostmant, Pit Stop**, ou **Magic Toast Light**. Se referindo ao chocolate ficamos em dúvida entre o **Crush, Snickers, Milk Way, Classic, Penut Butter, Hershey’s** ou **Cacau Show**.

Na sessão de perfumaria podemos escolher: Nível **Body Sensitive**, Nível **Frech Natural**, Nível **Double Effect**, **Nivel Pure Invisible**, ou Rexona para **Women Sexy/ Power** e **Dove go Fresh**. Se referindo ao shampoo temos algumas possibilidades: **Clear, Dove Frizz Terapy, Palmolive Naturals Fashion Girl** ou **Dimension**, os cremes de pentear pode-se decidir entre: **Gold Ceramidas, Palmolive Naturals Kids, Umdificador Baby**. O indispensável creme dental podemos escolher o melhor entre as variedades: **Oral B Plus, Colgate Sensitive, Colgate Clean Mint, Close Up, Colgate Triple Advanced Fresh** ou **Sorriso Fresh Plus**. E assim sucessivamente

3. O lúdico e os avanços tecnológicos no ensino-aprendizagem de língua inglesa

Ao que se refere ao ensino e aprendizagem de Língua Inglesa, percebemos a importância da prática e metodologia pedagógica de estar associada a adesão lúdica por parte do professor. Uma vez que a palavra lúdico etimologicamente falando, é oriunda da palavra latina *ludos* que traz como significado o ato de brincar, jogos divertidos.

Partindo do pressuposto de Luckesi, ele salienta que o lúdico propicia uma sensação de liberdade plena e de total entrega de alegria. A prática docente, não se restringe apenas ao ato de ler e escrever, sentados de forma estática Os cursos de licenciatura têm sido criticado de forma ferrenha. Principalmente ao que tange a falta de eficiência atrelada no âmbito de

formação do professor de língua inglesa. Os desafios são inúmeros. Relacionada à este mercado profissional. Entretanto, os avanços ocorridos na sala de aula são mínimos, ao que se refere as inovações, transformações e avanços.

Percebe-se que nos últimos meio século, nada de revolucionário aconteceu para Percebe-se que nos últimos meio século, nada de revolucionário aconteceu para mudar a nossa realidade na sala de aula. Algumas áreas como: Informática, medicina, Engenharia, Arquitetura entre outras as transformações são recorrentes. Em detrimento disso percebe-se os fatos que proporcionaram um novo olhar e um repensar no decorrer da história, no âmbito educacional não foram protagonizados por educadores. E sim grandes nomes de outras áreas do conhecimento, entre eles podemos mencionar: *Comênio, Rousseau, Froebel, Dewey,*

Montessori, Decroli, Piaget, Wallon, Vygotsky e Gardner. De acordo com Santos 2011, p.1112, chegamos conclusão que:

“Educar não se limita a repassar informações ou mostrar apenas um caminho, aquele caminho que o professor considera o mais correto, mas é ajudar a pessoa a tomar consciência de si mesma, dos outros e da sociedade. É aceitar-se como pessoa e saber aceitar os outros. É favorecer várias ferramentas para que a pessoa possa escolher entre muitos caminhos, aquele que for compatível com os seus valores, sua visão de mundo e com as circunstâncias adversas que cada um irá encontrar. Educar é preparar para a vida.”

O Educador é um mediador no processo do ensino- aprendizagem. Tendo uma participação imprescindível. Ao incentivo e estímulo cognitivo das potencialidades do educando. O aluno é protagonista da construção da aprendizagem, sendo esta, parte de um processo evolutivo e contínuo. Mesmo porque a evolução em sua totalidade é inerente ao indivíduo. A aprendizagem também ocorre de forma dinâmica, gradual e interativa. É imprescindível o resgate do lúdico na vida adulta, possibilitando assim um espaço harmonioso, feliz, dinâmico e entretido para a criança, o jovem e o próprio adulto.

Uma vez que, se permite conviver e reviver a ludicidade está devidamente preparado para atuar na área educacional de harmonia e dinamismo, fazendo a inserção do jogo no contexto escolar. Quando nos referimos as atividades lúdicas nos remete essencialmente a infância. Conseqüentemente ao nos referendar principalmente a criança. Uma vez que desde os primórdios, jogos e brinquedos mesmo sendo elementos recorrentes na humanidade eram definidos genuinamente como algo recreativo, onde o cunho era apenas relacionado à distração.

De acordo com os estudos de Santos 2011, p. 19, percebemos que:

“Cada época e cada cultura, tem uma visão diferente de infância, mas a que mais predominou foi a da criança como ser inocente, inacabado, incompleto, um ser em miniatura, dando a criança

uma visão negativa. Entretanto, já no século XVIII, Rousseau se preocupava em dar uma conotação diferente para a infância, mas suas ideias tiveram a se firmar no início do século XX, quando psicólogos e pedagogos começaram a considerar a criança como uma criatura especial com especialidades características e necessidades próprias. “

Por um longo período na história da humanidade, a criança era vista como um adulto em miniatura, sendo responsáveis por atividades atribuídas aos adultos, principalmente nas classes menos favorecidas, a mão de obra infantil era fundamental na contribuição da renda da família. A criança não era respeitada, em sua condição infante juvenil. Até as histórias infantis, não eram produzidas especificamente para crianças. E sim para adultos. Ou seja, não valorizava o imaginário da criança. Menosprezando assim, jogos e brinquedos no cotidiano da criança.

É incrível como a qualidade de vida está relacionada ao tipo de status que esta pessoa possui. Se ela não possui, seus direitos são negados. E a questão da sobrevivência é um fato que não pressupõe escolha, e sim uma necessidade. Se fizermos um retrospecto nos primórdios da civilização brasileira, percebemos isso visivelmente. As crianças pobres sempre fizeram trabalhos que competiam exclusivamente aos adultos. Os anos passaram, entretanto a história se repete. Crianças sendo vistas como um adulto em miniatura. Quantas delas contribuem no provimento familiar. Trabalhando nas carvoarias, canaviais, etc.

Tendo assim, sua infância furtada em vários aspectos. Deixando de viver a infância, de ter momentos tipicamente proporcional à idade. Apesar do Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990, artigo 60, salienta que: É proibido qualquer trabalho a menos de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz. Então se a criança não conhece a importância do lúdico em sua vida. Como reconhecer isso na vida adulta? Talvez, esta seja uma das razões pela qual a ludicidade é vista ainda como: perda de tempo, e falta do que fazer. Quanto a este assunto,

Logo que o ato de brincar é algo reconhecido e declarado por leis específicas. Uma vez que é direito de toda criança e do adolescente. Através do brincar, é possível desenvolver autonomia da criança, além de estimular o imaginário. O ato de brincar deverá ir além do espaço do playground, não restringindo apenas à brinquedoteca, e sim está inserida na prática pedagógica, agregando assim o lúdico no trabalho docente, voltado para a docência da língua inglesa. Possibilitando um aprendizado acessível, dinâmico e motivador. Diminuindo assim a distância entre mediador e estudantes. Uma vez que o lúdico desenvolve a afetividade, a convivência em grupos, a criatividade e a interação entre os envolvidos no processo ensino aprendizagem. Muitos alunos da escola pública brasileira, estuda em um período do dia, no outro vão ajudar os familiares complementando a renda familiar. Então, promover o lúdico dentro de um contexto pedagógico,

é um artifício para aproximar o aluno da aprendizagem. Diminuindo assim a dispersão na aprendizagem se concentrando e distanciando dos momentos pertinentes aos respectivos aprendizados propostos.

A ludicidade, está presente em diferentes contextos. Por esta razão é fundamental agregar o lúdico na sala de aula, estimulando assim as potencialidades criativas das crianças, jovens e adultos. Tornando as aulas dinâmicas e criativas. Uma vez que jogos e brincadeiras tornarão o ambiente escolar leve, alegre e interativo. Os estudantes, tem inúmeras oportunidades de desfrutar dos recursos lúdicos em contextos diversos. Logo, é de incumbência ao ambiente escolar proporcionar o dinamismo e criatividade com aulas diferenciadas. E isso é um trabalho árduo e contínuo. Cujo resultado, serão obtidos ao médio e longo prazo.

Infelizmente, o estereótipo ao que tange ao jogo no ambiente escolar faz com que este ainda seja visto como “baderna”. Sendo este erroneamente interpretado como perda de tempo e sem benefícios cognitivos e motivadores para todas as idades, ao que tange ao ensino aprendizagem. Até mesmo os discentes estão condicionados a pensarem que a aula deve estar delimitada apenas ao ler e escrever. Quando se propõe algo diferenciado perguntam quando a aula irá ter início. Partindo desta premissa, presume-se que existe uma necessidade de quebra de paradigmas no que se refere a prática docente e a receptividade as novas propostas.

A ludicidade favorece o ensino aprendizagem em várias dimensões e principalmente ao que se refere ao ensino de um idioma, (a língua inglesa, por exemplo) promovendo a contextualidade, tanto no aspecto da oralidade como da escrita. Desenvolvendo assim a motivação e o prazer, ao que se refere ao ensino aprendizagem de forma interativa e afetiva. A otimização do esforço e consequentemente do tempo do aluno e professor de forma dinâmica e espontânea. A comunicação é essencialmente interativa, ocorrendo assim, uma troca informativa, entre os envolvidos no processo. A inserção do jogo, vem acrescentar esta interação de forma dinâmica e resolutive.

Uma vez que a cooperação entre os envolvidos, potencializa as experiências motivacionais, tanto na verbalização do conhecimento. Quanto na expressividade da dúvida. O ato de se comunicar, é inerente ao ser humano. Entretanto, faz necessário objetividade no discurso. Qual o propósito? O que pretende se alcançar dentro de uma perspectiva comunicativa? Partindo desta prerrogativa, faz se necessário especificar os objetivos que se pretende alcançar. Estabelecendo assim uma comunicação genuinamente eficaz. De acordo com os fundamentos teóricos de Kenski, 2012. p.28, percebemos que:

“A mais antiga forma de expressão, a linguagem oral, é uma construção particular de cada agrupamento humano. Por meio de signos comuns de voz, que eram compreendidos pelos

membros de um mesmo grupo, as pessoas se comunicavam e aprendiam. A fala possibilitou o estabelecimento de diálogos, a transmissão de informações, avisos e notícias. A estruturação da forma particular da fala, utilizada e entendida por um grupo social, deu origem aos idiomas. O uso regular da fala definiu a cultura e a forma de transmissão de conhecimento de um povo. Essa oralidade primária, que nomeia, define e delimita o mundo a sua volta, cria também uma concepção particular de espaço e de tempo.”

As atividades lúdicas em 1970, foram consideradas como métodos de ensino de línguas estrangeiras, entretanto, em 1980 foi visto como ferramenta motivadora do lúdico, sendo este aplicado como prática metodológica no processo ensino aprendizagem. Nota-se que as contribuições das atividades lúdicas, são de grande relevância, no que tange ao ensino de línguas estrangeiras. Contudo, é imprescindível um planejamento minuciosamente cuidadoso. Considerando assim que muita coisa deve ser revista e analisada ao que se refere do ensino aprendizagem de Língua Inglesa e a aplicabilidade e a inserção do lúdico, que é apenas uma modalidade facilitadora, que deverá ser inserida na prática docente cotidiana. Entretanto, o êxito deste processo requer um bom senso quanto ao uso. É uma proposta que deverá ser incluída no próprio plano de curso. Traçando assim os objetivos que pretendem ser alcançados.

Vivemos em um contexto, onde o avanço tecnológico tem evoluído muito, de forma considerável. Em detrimento disso há um ganho e uma perda simultaneamente. Uma vez que a interação coletiva está sendo substituída pelas brincadeiras individuais atrelada a TV ao computador, ao celular, etc. Contudo, é imprescindível que a família e a escola possa fazer uso de todo aparato tecnológico existencial para agregar valor ao processo educacional. Inclusive a inserção no âmbito lúdico. Partindo das afirmações de Kenski 2012, p. 43, ele nos assegura que:

“Assim como na guerra, a tecnologia também é essencial para a educação e tecnologias são indissociáveis. Segundo o dicionário *Aurélio*, a educação diz respeito ao “processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à melhor integração individual e social”. Para que ocorra essa integração, é preciso que conhecimentos, valores, hábitos, atitudes e comportamentos do grupo sejam ensinados e aprendidos, ou seja, que se utilize a educação para ensinar sobre as tecnologias que estão na base da identidade e da ação do grupo e que faça uso delas para ensinar as bases dessa educação.”

Uma criança que não tem vivência com o lúdico na esfera familiar, dificilmente perceberá a importância da ludicidade no ambiente escolar. Considerando que as brincadeiras promovem a integração e a convivência em grupo. A falta deste elo comprometerá a interação entre crianças, jovens e até mesmo o adulto. Partindo do princípio que, o sexo feminino tem feito a diferença no contexto atual em diversos setores proporcionando ambientes motivadores e dinâmicos. A mulher tem conquistado vários espaços profissionais e conseqüentemente, área do conhecimento. A inserção da ludicidade vem proporcionando assim ambientes convidativos, onde a rigidez exacerbada é substituída pela ludicidade com leveza e responsabilidade.

Por muito tempo as atividades lúdicas foram tratadas sem relevância, sem atributo de valor. Apesar da palavra lúdico nos remeter ao sentido brincar. Vai além disso. Pois se inclui os jogos, brincadeiras e também, se refere à atitude daquele que se insere dentro deste referido contexto. Tardamente o brinquedo e o jogo passaram a ter valor sendo este a partir dos anos 50. Isso foi revisto de forma gradativo. Entretanto até hoje algumas pessoas veem a ludicidade como algo errôneo que descaracteriza a seriedade dentro da sala de aula ou em outro diferente contexto. Santos, 2011, p.57, nos salienta que:

“A ludicidade, é um assunto que tem conquistado espaços nos mais diversos setores da sociedade. O final do século parece ter levado a humanidade a questionar sobre muitas coisas e, principalmente, sobre sua própria trajetória. Somos conscientes de que os paradigmas responsáveis pelas ações e comportamentos dos adultos de hoje foram pautadas em crenças e valores que não são mais suficiente para atender às exigências da modernidade. Diante dessa realidade é preciso buscar novos caminhos para enfrentar os desafios do próximo milênio, e nesse cenário que se antevê será inevitável a busca do prazer no trabalho, na educação e na vida. Isso se consegue pela via única da ludicidade.”

As atividades lúdicas estão relacionadas em todas as fases de nossas vidas. Principalmente ao que se refere a infância. Por muito tempo a própria humanidade via a ludicidade de forma pejorativa. Quem nunca ouviu tais afirmações: Brincadeira tem hora. “Não brinque! Fale sério! A vida não é brincadeira!” Vivemos em um contexto marcado pelas preocupações diárias e stress exacerbado. Em função disso, necessita-se de ambientes harmoniosos, criativos e cativantes que estimule o desenvolvimento e a criatividade.

Os recursos lúdicos tem feito muita diferença em diversos contextos incluindo o setor educacional. E conseqüentemente, o corpo docente e discente tem avaliado muito no que tange aos novos caminhos da práxis pedagógica. Tais experiências tem direcionado as universidades a mudança do currículo no que se refere fundamentalmente nos cursos de formação do educador incluindo assim disciplinas de teor lúdico. Tanto na promoção de cursos específico no Ensino Superior como Cursos de pós Graduação sobre ludicidade.

Muitas empresas tem promovido treinamento, desenvolvimento, seleção dos candidatos de modo a identificar, o potencial do indivíduo através de inúmeras estratégias lúdicas. O copiar e o mero reproduzir foram substituídos pela criação e inovação através dos recursos lúdicos. O desenvolvimento, e a competência atualmente é definida como grande capital de uma empresa. Se analisarmos alguns exemplos, tais como: a apple, o facebook, a google, entre outras. Tais empresas tem constantemente investido na formação de mão de obra através da via lúdica.

Considerando assim, ponto alto inovador para novas perspectivas evolutivas no mundo inspirador da criação, as melhores ideias vem à tona facilmente, quando o ambiente é inspirador e propicia inovações no mundo da criação e reconstrução. Qualquer mudança, é fundamentada crucialmente

na capacidade criadora do indivíduo. Sendo este mola propulsora indispensável na concretização de novas ideias. De acordo com o referencial teórico de Leffa, 2013, p.121a notamos que:

“O conteúdo a ser trabalhado com os alunos não precisa ficar preso às regras da gramática, a lista de palavras ou mesmo determinada habilidade como a ênfase na leitura proposta pelos Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNs. Pode ir além de tudo isso. Pode ser mais panorâmico ou mais específico. Pode trabalhar com poesia ou prosa, com esporte ou música, clássica ou popular, heavy metal ou hip hop.”

A própria disciplina nos motiva a fazer o novo. A tentar novas possibilidades. Saindo da mesmice e ousando novas possibilidades. Falar uma língua estrangeira nos possibilita conhecer o mundo. E este conhecimento deve ser uma experiência: excitante, provocativa e extremamente curiosa. Sabemos que nossos alunos são diferentes entre si e a forma de aprender também se diferencia. Logo faz-se necessária o professor de língua inglesa oferecer inúmeras possibilidades de modo a envolver todos os alunos neste aprendizado. Usando recursos variados para que a aprendizagem se concretize.

Vivemos um novo momento: Vivemos em um contexto, onde o avanço tecnológico tem evoluído muito, de forma considerável. Em detrimento disso há um ganho e uma perda simultaneamente. Uma vez que a interação coletiva está sendo substituída pelas brincadeiras individuais atrelada a TV ao computador, ao celular, etc. Contudo, é imprescindível que a família e a escola possa fazer uso de todo aparato tecnológico existencial para agregar valor ao processo educacional. Inclusive a inserção no âmbito lúdico. Partindo das afirmações de Kenski 2012, p. 43, ele nos assegura que:

“Assim como na guerra, a tecnologia também é essencial para a educação e tecnologias são indissociáveis. Segundo o dicionário *Aurélio*, a educação diz respeito ao “processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à melhor integração individual e social”. Para que ocorra essa integração, é preciso que conhecimentos, valores, hábitos, atitudes e comportamentos do grupo sejam ensinados e aprendidos, ou seja, que se utilize a educação para ensinar sobre as tecnologias que estão na base da identidade e da ação do grupo e que faça uso delas para ensinar as bases dessa educação.”

A era do som e imagem em um clique. Na palma da mão, precisamente. Por que não usar esses recursos sonoros e visuais para o ensino da língua. Não abdicando totalmente do mundo estático do papel e do quadro. Mas, sobretudo, colocar movimento, cor, imagem e som dentro desta metodologia existencial. Introduzindo assim os recursos digitais nas aulas de língua inglesa é uma forma de promover a inclusão digital para boa parte dos alunos que são excluídos desta realidade por não ter a possibilidade de usar este recurso no seu cotidiano.

Através dessas atitudes há possibilidades de trazer o mundo polifônico e policrônico. Diminuindo assim a monofonia, monotonia e o monocromático. O aprendizado de língua inglesa nos leva a realidades e dimensões variadas. E a relação com o mundo digital, é uma das

possibilidades de interação e emersão à língua. O professor de língua inglesa deverá assumir uma postura crítica e reflexiva diante das mudanças ocorridas no meio social onde atuamos é mais pertinente. Parto do respaldo teórico de Libâneo, 2013, p.17 que nos assegura:

“É verdade que o homem contemporâneo neste momento – neste momento da história denominado ora de *sociedade pós-moderna, pós-industrial ou pós-mercantil, ora de modernidade tardia* – está marcado pelos avanços na comunicação e na informática e por outras tantas transformações tecnológicas e científicas. Essas transformações intervêm nas várias esferas da vida social, provocando mudanças econômicas, sociais, políticas, culturais, afetando, também, as escolas e o exercício profissional da docência. “

Ignorar essas mudanças é uma incoerência. Não é mais pertinente utilizarmos os mesmos recursos e as mesmas metodologias as quais aprendemos a língua inglesa. Hoje a acessibilidade desta língua está diante das crianças e adolescentes em tempo real. Não podemos competir com algo tão atraente e sedutor, que é este avanço tecnológico e as variadas formas na quais eles se representam. Logo, é cabível fazer uso desses recursos para criar uma conexão direta neste tripé do conhecimento: O aluno, o professor e o objeto a ser estudando. Faz-se necessário, uma uniformidade e coerência entre ambos para que os objetivos e propósitos se efetivem. Se os nossos estudantes mudaram. Obviamente que nós professores precisamos acompanhar esta mudança, nos modernizando quanto profissional revisando nossas práticas profissionais e pedagógicas. Revendo nossos conceitos pré concebidos. Mesmo porque, se tentarmos impor aos nossos alunos algo que não é mais aplicável, pertinente e cabível. Nos tornaremos totalmente obsoletos. Logo, precisamos urgentemente estarmos aptos para conduzir com maestria o nosso trabalho com seriedade e eficácia. Nossos aprendizes, sendo este um público infantil, pré adolescentes e ou adolescentes. São pertencentes desta atual geração. Todos os nossos alunos do ensino fundamental nasceram neste século, ou seja, século XXI. Eles estão no lugar certo, na hora certa. Nós professores estamos no lugar errado, e em outro time. Logo, precisamos nos preparar para este novo público. Mesmo porque a tendência é proliferar. Cada dia que passa, nós estamos longe do nosso tempo, e eles estão dentro de um contexto harmonioso e pertinente para a faixa etária deles. Logo, é necessário planejar as aulas com eficiência com diferentes percepções.

Uma vez que, desde muito cedo, este público infantil e teen, tem acessibilidade a uma variedade de aparato que possibilita a aprendizagem antes mesmo de chegar a sala de aula: Inicialmente, eram os outdoors, a TV, panfletos dos centros comerciais e shoppings centers, calculadoras, relógios digitais, vídeos games, computadores, e atualmente, os celulares cada vez mais avançados, HDTV. Se esses aprendizes são os chamados de ‘nativos digitais’ de acordo

com Prensky. Partindo deste princípio, nós professores somos imigrantes. Temos que nos adaptarmos às realidades dos nativos para sobrevivermos profissionalmente.

Os alunos, atualmente não querem ficar estáticos, passivamente sentados como robôes. Eles tem vida própria, e ouvir aulas, apenas não é o suficiente. Mas sim participar, expor suas opiniões e ser respeitados por expressá-las. Eles são produtivos quando usam ferramentas do seu tempo, seguindo seus interesses e paixões pelo que fazem. Eles são cooperativos e ao mesmo tempo competidores entre si. Os estudantes são proativos, tem espírito de protagonismo. Eles querem compartilhar suas opiniões com a sala de aula e conseqüentemente com o mundo. E principalmente desejam uma sedução totalmente relevante que estabeleça sentido com suas vivências cotidianas.

A Base Nacional Comum Curricular propõe algo inovador para o ensino de língua inglesa. Afirmado que a língua inglesa não é mais aquela do “estrangeiro” oriunda de países hegemônicos, cujos falantes servem de modelos a ser seguido, nem tampouco trata-se de uma variante da língua inglesa. Nessa perspectiva a língua inglesa. Nessa perspectiva, são acolhidas e legitimados os usos que dela fazem falantes espalhados no mundo inteiro, com diferentes repertórios linguísticos e culturais, o que possibilita por exemplo, questionar visão de que o único inglês “correto” a ser ensinado, é aquele falado por estadunidenses ou britânicos. Alguns conceitos preconizados por todo este tempo, já não atende mais a expectativa de uma língua que se tornou um viral e ao mesmo tempo, tornou-se miscigenada.

CAPÍTULO IV - REFLETINDO SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE

4.1. Os novos rumos da formação docente

Desde os primórdios civilizatórios, o Brasil é influenciado por diversas culturas e civilizações. Tanto ao que se refere aos aspectos econômicos, culturais, tecnológicos, sociais e sobretudo, ao que diz respeito à área educacional. Quanto a essência da universidade brasileira, esta resulta de várias influências. Partindo do pressuposto de Pimenta e Anastasiou. É evidenciado que de acordo com as análises históricas universitárias brasileiras, percebemos em sua origem exemplos de modelos europeus: o jesuítico, o francês e o alemão, sendo estes predominantes em momentos históricos distintos. Se fazendo atuante até a contemporaneidade. Sendo que o modelo jesuítico mostrou seu pioneirismo por muito tempo. Deixando seu legado ao longo do tempo, tanto no ensino básico como o ensino superior. Sendo este fundamentado pelo Trivium, correspondia

ao ensino de Gramática Retórica e Dialética, quanto ao Quadrivium, primava por: Aritmética, Geometria, Astronomia e Música. Sobre este assunto podemos trazer a contribuição de Nóvoa que salienta que desde tenra profissão docente está intrinsecamente vinculado as congregações religiosas, que se transmutaram para legítimas congregações docentes. Por volta do século XVII e XVIII, precisamente, os padres jesuítas aderiram aos saberes e técnicas e outros aparatos relacionados aos valores, saberes e técnicas pertinente a docência.

Para a eficácia deste método dois fatos foram imprescindíveis para a eficiência deste tipo de modelo educacional, sendo estas: a personalidade de cada professor e conseqüentemente a formação. Além do modelo jesuítico, podemos mencionar o modelo alemão ou humboldtiano. Tendo seu início na Alemanha no século XIX. Este modelo, preconizava a valorização da ciência. Quanto ao modelo francês, este priorizava a formação do corpo docente para atender as elites. A língua francesa, tinha um grande prestígio. Em tese, historicamente, o Brasil está apto à aderir as inovações das diversas partes do mundo. E na área educacional tais contribuições perdurará por um bom tempo. De acordo com Zeichner 2013, p.99. Ele nos traz a seguinte abordagem:

“Hoje, em muitas partes do mundo, empenha-se para que a formação de professores passe por uma grande transformação. Embora minha experiência com os esforços do governo federal dos Estados Unidos, nas administrações de Clinton, Bush, Sênior, Júnior, e Obama; para privatizar a educação pública, e desprofissionalizar o trabalho docente.” (Zeichner 2013, p.99)

Percebemos assim uma grande incidência de mudança relacionada a este campo de formação inicial do professor no mundo inteiro. Isso em decorrência da propagação do pensamento neoliberal, neogerencial e neoconservador. O neoliberalismo, está associado as privatizações de impostos, incentivo à competição e a obtenção de lucros. Partindo do ponto de vista de (Senkewics 2012, p.01), ele nos enfatiza que: Em detrimento dos resultados demasiadamente lucrativos, exacerbadamente há uma tendência a redução drástica da qualidade intelectual da educação. Direcionando assim aos interesses genuinamente empresarial. Senkewics, exemplifica a proliferação das promoções dos ensinos à distância, com um ensino estreito e relativamente de baixos custo financeiro. Notoriamente, percebemos que há discurso generalizado absolutamente, tanto nos Estados Unidos, como em vários outros países do mundo, não aceitam mais os termos de algumas instituições existentes, delegadas as formações dos professores. São consideradas inaptas, inadequadas não mais pertinentes, as exigências contemporâneas. Alegando assim um novo direcionamento as políticas de formação para professores. Desconsiderando assim o chamado: “feijão com arroz” como eles declaram. A mesmice é algo do passado. O ideal é aderir

as novas tendências. A mudança é propagada, na maioria das vezes de forma negligenciada e desordenadamente.

A formação docente, perpassa por uma diversidade de caminhos sem precedentes, não sendo atrelada apenas aos contextos das faculdades e universidades. Entretanto o credenciamento para atuar no magistério. Especificamente, a educação básica as variedades. Entretanto, o credenciamento para atuar no magistério. Especificamente, a educação básica, as variedades institucionais foram disseminadas e popularizadas, ocorrendo assim formalmente pelos Estados Unidos por volta dos meados do século XIX. Conseqüentemente, vários espaços passaram a oferecer curso de formação desordenadamente, entre eles podemos mencionar: seminários, institutos, faculdades, comunitários e escolas normais e comunitárias. E secundárias. Percebemos que a política de formação para professores no Brasil está se tornando ou já se tornou deliberadamente tendenciosa, fundamentados em interesses econômicos sociais e políticos.

Tais evidências são confirmadas com a expansão progressiva especialmente em países da América Latina, países estes subsidiados, pelo Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional. Ambos tem imergindo e influenciado com rigor as políticas educacionais protagonizadas pelo Ministério da Educação. Se o país não possui autonomia econômica para investir na educação, outros países financiam, e conseqüentemente, estes países emergentes e ou periféricos; passam a aderir as políticas educacionais dos países economicamente, socialmente e politicamente desenvolvidos.

Na proporção que isso acontece, o processo educacional vira monopólio das elites mundiais. Partindo como base teórica os fundamentos teóricos de (Zeichner 2013, p.59), ele nos assegura que de acordo com a historicidade do ensino nos Estados Unidos, os órgãos privados juntamente com o governo federal tem feito inúmeros investimentos proporcionais tanto ao que se refere a melhoria e desenvolvimento do ensino como a formação docente. Todavia, estudos desenvolvidos nas últimas décadas por renomados estudiosos entre eles: Reckhow 2013, Saltman 2010, Smith Peterson 2006, Rotherham, 2008, entre outros, confirmam que muitas pessoas nos Estados Unidos, sendo estas denominadas de críticos ou reformadores sustentam o discurso na qual enfatizam que as faculdades educacionais, deveriam não mais expedir certificados aos docentes. Uma vez que tais instituições fracassaram compulsoriamente neste processo. Tendo como resultado, professores

não aptos para assumir a sala de aula com excelência. Desprovidos de conhecimentos sólidos e habilidades cruciais para desenvolver seu papel docente.

O assunto é tão sério, que podemos constatar tais evidências na mudança de algumas organizações colaborativas. Pois algumas comunidades filantrópicas, estão deixando de assumir compromissos financeiros ao atual sistema universitário estadunidenses. Mas sim, destinando os respectivos valores em outro segmento, fortalecendo assim os subsídios econômicos direcionados aos programas alternativos de formação docente. Quanto ao desprestígio do processo formativo docente nos Estados Unidos, tem influenciado os demais países do planeta.

Na América do norte, no setor educacional, as reformas referentes à formação dos professores e a formação docente dominaram a última década. Essas reformas intensas e custosas, estão portanto em vigor há mais ou menos dez anos e começam a dar seus primeiros frutos, os quais as vezes, têm um sabor meio amargo. Chegou, por conseguinte, o momento dos primeiros balanços criativos a respeito dos resultados, mas também dos problemas gerados pelas reformas relativas à formação dos professores no meio universitário”. (Tardif, 2014, p.277)

Logo, compreende-se que o protagonismo da mudança foi ofuscada pelo prognósticos obscuro em torno do contexto universitário, quanto a formação docente. Muitos estudiosos constataram que a formação ainda consiste em uma formação técnica. Se os professores se tornam técnicos, conseqüentemente, se tornarão alvos fáceis das estratégias políticas. Caso a formação de professores nos EUA seja definitivamente privatizada, a margem de lucros serão incalculáveis por parte dos investidores que se responsabilizarão pelo processo formativo destinados aos docentes. Em detrimento disso os interesses em reduzir o programa de formação docente tem expandido vertiginosamente. Desta forma fortalece o monopólio dos programas não universitários. Ocasionalmente assim a privatização da formação docente nos Estados Unidos.

Conseqüentemente aos demais países do mundo inteiro.

4.2 Os desafios docentes do século XXI

O cenário educacional brasileiro circunscreve repleta de percalços, avanços e retrocessos ao longo da história brasileira. Tais evidências são notórias, de acordo com Silva 2015, p.83 faz a seguinte abordagem:

“Os novos desafios que se apresentam para a educação básica brasileira começam pela chegada dos estudantes das classes menos favorecidas à escola pública a partir da década de 1980, advindos das periferias rurais e urbanas. Este fato, promove sem dúvida a ampliação do processo de universalização. A partir daí, escola passa a enfrentar dificuldades e desafios de todas as ordens: dificuldades para conduzir as mudanças, uma vez que estes estudantes são privados de bens e usufrutos culturais, demonstrando no cotidiano da escola, dificuldades de aprendizagem e tendo portanto um baixo desempenho.

Os dados de repetência e multi repetência de distorção idade /série, divulgado nos bancos de dados do instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira “.

Em tese, o Brasil foi o último país a acabar com o processo escravista, inegavelmente em detrimento deste fato a realidade histórica, social, econômica e cultural está cristalizada em uma herança pautada na desigualdade e negligência que sobrepõe a classe dominante sobre a classe menos favorecida. Vivemos em uma sociedade em construção, embora humanamente e historicamente construído. Com inúmeros avanços civilizatórios. Contudo, a inserção de crianças e jovens, neste contexto só se concretizará através do processo educacional. Paradoxalmente, a camada socialmente desprestigiada economicamente não tem a mínima condição de usufruir e se apropriar desta tão conclamada riqueza civilizatória. Partindo do pressuposto de Pimenta e Anastasiou, 2014, p.97-98, nos assegura que:

“A educação, enquanto reflexo, retrata e reproduz a sociedade; mas também projeta a sociedade que se quer. Por isso, vincula-se profundamente ao processo civilizatório e humano. Nas formas pelas quais se concretiza, define e vai construindo a sociedade que se quer. Por isso, os modos pelos quais é praticada dizem de suas finalidades. Enquanto prática histórica, tem o desafio de responder às demandas que o contexto lhe apresenta”.

Embora a escola enquanto instituição perpassa por inúmeros interesses e contradições; ela se faz através de diversas facetas: construções de ideias e ideais, produção de saberes construção de conhecimentos. Através da educação é possível ser um interventor no contexto social onde vivemos transformando o mundo de forma dialógica e democrática. A gênese escolar se fundamenta desde os primeiros primórdios com a finalidade de transmitir e garantir os saberes adquiridos ao longo da história as futuras gerações. Mantendo vivas suas respectivas tradições culturais. Podemos especificar a escola como; religiosa ou laica, primária ou secundária, a academia ou colégio. Sendo a escola crucialmente imprescindível em algumas sociedades sendo assim obrigatoriamente estabelecida. Haja a vista, em determinadas sociedades o processo de escolarização se concretiza posteriormente. Partindo do pressuposto de Piletti 2016, p.256-257 notamos que:

“A avaliação e fracasso escolar fazem parte do cotidiano de todas as escolas. Por outro lado, o uso das avaliações de La Salle, a partir de 1720. Nossa prática educativa parece ter herdado mais de La Salle do que de Comênio. Em muitos casos, nossos sistemas de ensino utilizam as avaliações como instrumento de supervisão e controle do desempenho do aluno, resultando na aprovação ou reprovação. Tal prática transformou a avaliação em um dos fatores geradores de um dos maiores problemas do cotidiano da sala de aula: O fracasso escolar.”

A problemática da educação pública brasileira não se resume apenas a um único aspecto. Mas um conjunto de fatores que tem contribuído para um risco eminente nas salas de aulas. Entre eles podemos mencionar: a indisciplina, a falta de interesse ou atenção a própria ação de bullying,

palavra derivada do verbo bully em inglês (ameaçar, intimidar). Os alunos vítimas do bullying passam por consequências gravíssimas. Os alunos deixam de frequentar as aulas, ao perder o interesse totalmente muitos chegam a abandonar a escola. Além disso, outras consequências ainda maiores são recorrentes, entre elas: crises de depressão, e ou as vezes suicídios e homicídios. Partindo do pressuposto de Fante e Pedra 2008, p. 9, percebemos que:

“O bullying, por tanto envolve atitudes hostis que violam o direito a integridade física e psicológica, assim como a dignidade humana, mediante ações agressivas e repetitivas de alunos ou professores, tais como: “zoar”, “sacanear”, humilhar, intimidar, excluir, ignorar, perseguir, assediar, chantagear, roubar, bater, etc.”

O professor no seu cotidiano, no contexto escolar está incumbido de gerenciar inúmeras situações que são expostas de forma demasiada, estes fatores associados a fragmentação do núcleo familiar. Tem-se agravado de forma exorbitante os problemas na sala de aula, dificultando assim, o desenvolvimento do trabalho docente e conseqüentemente o desempenho discente. Uma vez que, a educação familiar estar deteriorada.

A exclusão social é gritante, e nesta se inclui: o desemprego, a miséria, e ou a fome. Há inúmeras formas de violência se manifestar e se perpetuar de formas variadas e crescentes: A destruição da vida por intermédio dos usos exclusivos de trocas ilícitas, a dilapidação do meio ambiente, a concentração de rendas na mão de minorias, a não valorização das relações interpessoais se estendendo às instituições educacionais. Analisando as elucidações de Tardif 2014, p. 167, ele nos assegura que:

“Na educação não lidamos com coisas ou com objetos, nem mesmo com animais como os famosos bombos de Skinner: lidamos com os nossos semelhantes, com os quais interagimos. Ensinar é entrar numa sala de aula e colocar-se diante de um grupo de alunos, esforçando-se diante de um grupo de alunos, esforçando-se para estabelecer relações e desencadear com eles um processo de formação mediada por uma grande variedade de interações.”

Embora o professor seja designado a trabalhar com grupos diversificados, cada sala de aula é única, cada estudante tem suas especificidades, tornando-os especialmente únicos. E sua assimilação da aprendizagem, ocorre de forma heterogênea. O professor precisa contemplar esta individualidade de forma ponderada para não externalizar um certo favoritismo. Além disso, deverão ser avaliados, no entanto, não deverão ser excluídos. O professor tem a incumbência de motivar os alunos na concretização do aprendizado, mas isso não significa que terá que mimá-los.

Os saberes docentes também são heterogêneos. Na sala de aula o professor deverá alcançar inúmeros objetivos. Não possui um repertório sincronizado de todas as suas ações. Eles são ecléticos e assíncronos. Se respaldando de muitas concepções e teorias agregando assim na eficiência de sua prática. Mesmo porque os objetivos do ensino são diversos e ao mesmo tempo heterogêneos. Além dos objetivos gerais e específicos das aulas, tem os objetivos das disciplinas, objetivos dos professores, objetivos dos programas educacionais, objetivos dos projetos integradores, etc. De acordo com Freire 2014, p.89-90, notamos a seguinte abordagem:

“O professor que não leva a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe. Isso não significa, porém, que a opção e a prática democrática do professor ou da professora sejam determinadas por sua competência científica. Há professores e professoras cientificamente preparados mas autoritários a toda prova. O que eu quero dizer é que a incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor.”

O professor mal preparado no ambiente escolar, é algo inconcebível, uma vez que os danos causados são irreparáveis os prejuízos serão incalculáveis a curto, médio e longo prazo no ambiente escolar. Mesmo porque a diferença entre dizer e fazer é gigantesca, Mantendo assim, grandes lacunas impreenchíveis. Quando a teoria e a prática não se encontram dialogicamente, um elo se perde, comprometendo a eficácia do todo.

Se estabelecendo assim o fragmento desproporcional e incoerente. Uma das molas propulsoras do trabalho docente, é sem dúvida a constante aprendizagem. O conhecimento cristalizado, petrificado e engessado, reduzirá o aprendizado em fórmulas vazias, desgastadas, sem nenhuma conexão com a realidade. Não existe um tempo e um espaço para a formação docente ter um início e um fim. Ela acontece ao longo da vida, o docente necessita desta injeção de ânimo de aprendizagem constante.

O professor, por excelência, deverá ser parte da evolução educacional. Sendo este, um orientador e facilitador no processo evolutivo educacional. Sendo este um orientador e facilitador no processo evolutivo educacional. O professor jamais mudará sozinho. Essa mudança ocorre através das suas vivências e experiências agregando teoria e prática. A proporção que o docente cresce e evolui expandindo seu conhecimento. Automaticamente, terá reflexo positivo na sala de aula e o ganho é imensurável de ambas as partes. De acordo com Padilha 2007, p.22 notamos que:

“Se queremos uma educação para a vida, para a satisfação individual e coletiva que nos ajude a ter um contato sensível com o belo, e ao mesmo tempo, que nos ensine a cuidar do planeta, em

que vivemos de forma sustentável, temos então de falar não simplesmente de qualidade de educação, mas, como prefiro chamar de qualidade sociocultural e socioambiental da educação. Trata-se nesse caso, de trabalharmos na perspectiva eco-políticopedagógico, que nos remete à formação ampla e integral das pessoas, visando à recuperação da totalidade do conhecimento dos saberes dos sentimentos, da espiritualidade, da cultura, dos povos e da história da humanidade em íntima conexão com todas as formas de vida do nosso ecossistema.”

Promover uma educação focada nos aspectos socioambientais e socioculturais, é abolir quaisquer forma de opressão e ou dominação. Educando assim com promoção do respeito individual e coletivo. Respeitando a diversidade cultural e o aspecto ambiental. Como é sabido, a educação em seu mais profundo conceito está atrelado a um conjunto de fatores, desencadeando assim um resultado satisfatório a médio e a longo prazo. Não dependendo exclusivamente do grupo docente, mas sim do sistema educacional na qual tal nação se fundamenta.

Em 2009 a Fundação Lemann publicou em um estudo protagonizado por Martin Carney, sendo ele professor de economia da universidade de Stanford (EUA). Cujo título do estudo era: A vantagem acadêmica de Cuba, porque seus alunos vão melhorar na escola. O cenário de Cuba tem contribuído par seu respectivo destaque entre Chile e Brasil. Logo, os cubanos estão em vantagens em relação aos brasileiros e chilenos. Primeiramente, Cuba possui um currículo unificado. É possível comparar o desempenho das escolas entre si. Além disso, em Cuba, as pessoas não são vítimas de violência. Ao que se refere a saúde e a alimentação, ambos estão assegurados.

Carney salienta que os professores de Cuba são mais eficientes que no Brasil, no Chile e nos Estados Unidos. Recentemente no Brasil, O Plano Nacional Comum Curricular (BNCC) proposta do próprio Ministério da Educação (MEC), foi homologada pelo ministro da educação, Mendonça Filho no dia 20/12/2017. Sendo este documento de caráter normativo que define o conjunto progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a assegurar o direito da aprendizagem e desenvolvimento de acordo com o preceito do Plano Nacional de Educação (PNE).

O ensino de língua inglesa no Brasil se tornou-se obrigatório tardiamente, logo o prejuízo foi inevitável. Uma vez que nas Leis de Diretrizes de Bases de 1961(ano em que foi sancionada) e 1971 a língua inglesa não constava como disciplina obrigatória no currículo escolar. Passando a ser inserida como disciplina na reforma da LDB em 1996. Sendo esta a última atualização da Lei que muda o contexto educacional completamente. Expressando assim

a obrigatoriedade da isenção de uma língua estrangeira no 1º e 2º grau. Que tiveram suas nomenclaturas mudadas consecutivamente para Ensino Fundamental e Médio.

Neste contexto, fica distribuída duas aulas por semana, com duração de 55 minutos. A deficiência da leitura e escrita é transportada para a língua inglesa. Associadas a super lotação de sala de aula composta de 45 a 50 alunos. Todos estes fatores contribuem negativamente para o desenvolvimento efetivo do ensino aprendizagem. De acordo com os conceitos teóricos de Faraco, ele enfatiza que: “Não é o inglês o veículo da civilização da cultura tecnológica contemporânea? Não seria bom para nós dominarmos essa civilização e essa cultura?”

Estamos nos referindo a uma língua internacional que milhões de pessoas fazem uso no mundo inteiro por milhões de pessoas. Sendo esta mesma língua idioma oficial de 55 países. Além de ser segunda língua oficial falada em mais de 60 países. As estimativas mostram que o número de não nativos fazendo uso do inglês chega aproximadamente a 950 milhões.

Enquanto os falantes nativos chega a 430 milhões. É a língua mais estudada n mundo. Perdendo apenas para o chinês. Além disso, organizações mundiais como a Federação Internacional de Futebol (FIFA), Organização das Nações Unidas (ONU) e Organização do Tratado de Atlântico Norte (OTAN) fazem uso da língua inglesa. Ao que se refere ao ensino de língua inglesa no Brasil Lima salienta que:

Há três funções básicas do ensino de LE nas escola pública. A primeira é de natureza legalista: cumprir o que o Ministério da Educação (MEC) determina por meio de PCNs. Pode-se discordar das determinações do MEC, mas delas não se pode escapar. Portanto, tem-se que aprender, pelo menos, uma língua estrangeira. A segunda razão é de natureza social: o desenvolvimento da leitura em língua estrangeira pode ajudar o estudante no processo de inserção cultural na medida em que ele pode se tornar um cidadão mais consciente de si mesmo e dos outros. Finalmente, a aprendizagem de línguas estrangeiras cumpre a função de ajudar o estudante a se desenvolver cognitivamente já que o auxilia na construção de conhecimentos. (Lima 2009 p.30)

É notório que o Brasil é um país de esfera Continental. Entretanto, é um país monolíngue. Assim como a maioria dos países latino americano. O ensino de língua inglesa no Brasil, é um ensino marginalizado, não se dar a devida e necessária importância que deveria ter. A carga horária de língua inglesa é insuficiente. O número de alunos por turma é excessiva. Muitos professores exercendo a função de professor de língua estrangeira, sem fazer o mínimo uso desta língua em sala de aula. Em consequência da formação deficitária. Ou inexistente A falta de suporte pedagógicos adequados e espaço físico suficientemente adequado para fazer um trabalho razoavelmente aceitável ao qual se refere ao ensino de língua estrangeira.

O ensino de língua inglesa no Brasil ainda está associada ao ensino de gramática e tradução. Partindo da prerrogativa que a maioria dos professores de língua estrangeira moderna, especificamente língua inglesa, (ao qual prisma este estudo) nas escolas públicas, fazem uso da

língua alvo em proporção mínima, ou não fazem uso desta língua que leciona. Existe uma parcela mínima de professores com experiências internacionais que domina a língua estrangeira, tem se especializado na área. Mas estes não estão isentos dos entraves ao qual se refere o ensino de língua inglesa no ensino fundamental e médio. As turmas comportando uma numeração excessiva de alunos. Geralmente 40 a 45 alunos.

Na maioria das vezes ainda ultrapassa esta quantidade. Falta de materiais adequados, inclusive livros de qualidade e recursos audiovisuais. Mesmo que o professor organize em seu planejamento, estratégias que contemple as quatro modalidades. Cada aluno tem seu respectivo nível de fluência sobre a língua inglesa. A questão aqui referida não é os tipos de acesso e imersão na língua inglesa que aluno se depara no espaço escolar. E sim de que forma esta acessibilidade é oferecida. Ela ocorre de forma inclusiva, ou exclusiva? Ela aproxima o aprendiz, ou distância? Muitos alunos associam o aprendizado de língua inglesa ensino de matemática. Entretanto, matemática é mais aceita que a própria língua inglesa. De acordo com a explanação de Leffa, percebe-se que:

Numa sociedade competitiva, não solidária, os donos do saber sempre acharão um jeito de restringir o acesso ao conhecimento, para que eles possam manter o prestígio, o poder que esse conhecimento lhe confere. O domínio de uma língua estrangeira, é um desses saberes que deve ser sonegado a maioria da população, o que obviamente é feito de modo sutil sobe a fachada de aparente inclusão. (Leffa 2013, p. 116 e 117).

A própria LDB, assume um papel excludente quando propõe o ensino de língua inglesa a partir do 6º ano do ensino fundamental. Uma vez que nas escolas particulares, os alunos tem contato com a língua estrangeira nas séries iniciais. Além disso, o próprio sistema educacional público brasileiro age com descaso, quando assegura a legalmente que o aluno tenha aula de língua estrangeira. Entretanto, não garante o aprendizado. A língua inglesa é fragmentada como aula extra. Cada professor fica com uma, duas, ou três turmas. Conseqüentemente os prejuízos a curto, médio e longo prazo. São extremamente catastróficos.

Se o professor não tem a formação mínima necessária para atuar na área, então, este mesmo professor trabalha do sexto ao nono ano o verbo *to be*. E estes mesmos alunos correm o risco de pegar um professor com este mesmo perfil no ensino médio, e continue estudando o verbo *to be* por mais três anos. Esta não formação mínima exigida ao professor associado a outros fatores, tem proporcionado uma aversão generalizada por partes dos alunos. Se não todos eles, que tiveram a experiência amarga. Então estes alunos não dão a mínima credibilidade a

disciplina, e esta rejeição também indiretamente, e ou talvez inconscientemente, é transferida ao professor desta disciplina.

O professor que estudou anos a fio, fez um cursinho de sete semestres, uma faculdade, uma especialização, fez um intercâmbio cultural em um país cuja língua nativa é a língua inglesa, fez um Mestrado, cujo objeto de estudo é a língua inglesa. Se qualificando profissionalmente a vida inteira para fazer um bom trabalho, se depara com os alunos desmotivados, um contexto totalmente fragmentado, destruído, e pior dez esperançoso. É uma angústia tão grande, que na maioria das vezes, domina este professor que se esmerou tanto e, que sobretudo, acredita em seu trabalho. Parto do pressuposto do psicólogo André Marinho que nos assegura:

Quem ocupa a cadeira de um docente, inicialmente, deseja ser desejado. O professor é, antes de tudo, um sedutor. Ele deseja amor de seus discípulos e quando o obtém sente-se valorizado, preenchido de casas boas. Ele quer que seus alunos desejem e amem seu conhecimento (...) Quando o professor sente que seu conhecimento é rejeitado pelos alunos, ele sente igualmente rejeitado. (Marinho 2007, p.1)

Creio que a maioria dos professores de língua inglesa, se não todos, já ouviram a clássica pergunta: ‘Para que estudar inglês, professor ou professora? Eu não sei falar nem o português.’ É de uma angústia extremamente asfíxica ouvir este discurso que parece ser deles, mas que na verdade é preconizado por um sistema social medíocre, perverso e discriminatório que incute certos mecanismos que maximiza a distância da inclusão social dos menos favorecidos. E ele internaliza este discurso como se fosse deles. Mas na verdade, os alunos pobres advindos de escolas públicas são programados à acreditarem que não chegarão a lugar algum. Que não tem competência para competir e se estabelecer diante deste mercado atual. E aprender a língua inglesa, infelizmente é uma delas.

Desconstruir certas coisas que estão impregnadas no pensamento de um grande percentual de jovens, não é uma tarefa fácil. Muito menos de responsabilidade apenas do professor de língua inglesa. O compromisso é de todos. É necessário uma mobilização política e social para revolucionar o ensino público brasileiro. Mesmo porque, a escola é o lugar onde suscita sonhos. E sobretudo possibilitar as concretizações de cada um deles.

Partindo do pressuposto de Leffa 2013, p.115, ele nos afirma que: “*Antes de ir para a escola, qualquer criança quer aprender tudo, inclusive a ler, escrever e a falar uma língua estrangeira*”. Logo, não teria problema algum os alunos terem acesso a língua inglesa antes do 6º ano, com professores devidamente preparados para sua respectiva função. Uma vez que, o primeiro contato que os alunos tem com língua inglesa, eles ficam maravilhados. Eles amam este

contato com a língua inglesa, é uma realidade nova. É um desafio para eles. O fator determinante, para eles continuarem gostando desta disciplina, é o próprio espaço escolar.

Quais condições e infraestrutura desta escola possui para oferecer as aulas desta disciplina de forma agradável e prazerosa? Que tipo de professores de língua inglesa esta escola dispõe? É um professor devidamente preparado, com formação pedagógica e cultural para lecionar uma língua estrangeira atendendo as demandas do século XXI. Se esmerando procurando inovar sempre sem ficar estagnado na formação inicial? E um professor que fez o curso de letras apenas para ter a certificação para lecionar? É um professor de outra área do conhecimento, que pegou a disciplina para complementar a carga horária de 20 ou 40 horas, sem ter a mínima noção o que é ser um professor de língua estrangeira?

No Brasil perpetuou-se uma ideia que os serviços públicos não prestam. E isso também inclui a educação pública. Para você ter acesso ao que é bom. Você precisa pagar do próprio bolso. O brasileiro, ainda não se conscientizou que os serviços públicos tem um preço. E o pagamento desta conta sai do nosso próprio bolso. Partindo deste contexto como uma disciplina de língua estrangeira no ensino público teria algum prestígio?

Evidentemente, que teve um momento na história brasileira que o ensino público brasileiro, era para todos, incluindo as elites brasileiras. Logo, era um ensino de qualidade. A partir do momento que ocorreu um desmembramento: Os ricos migraram para as escolas particulares, e os pobres permaneceram nas escolas públicas. De lá para cá, o ensino público foi perdendo seu status drasticamente. Então ficou assim estabelecido: o ensino nas redes particulares é o melhor, e os das redes pública é o pior.

Esta crença foi e continua sendo impregnada propositalmente nas mentes dos estudantes oriundos das famílias pobres. E infelizmente, a educação brasileira está à deriva. Por mais que se tenta organizar. Os detentores do poder são omissos. O sistema educacional brasileiro é extremamente paradoxal. As universidades Federais tem a maior percentagem de alunos oriundos das escolas particulares. Em detrimento disso. As Universidades e Faculdades particulares são mantidas pelos alunos advindos das escolas públicas. Que não tiveram como competir com os alunos da rede particular.

Então, imaginemos o perfil destes alunos das escolas públicas. Como eles se sentem em relação a língua inglesa, diante de tantos obstáculos que são impostos. Sendo estes implícitos ou explícitos. Na maioria das vezes, é um trabalho que limita o trabalho do professor, infelizmente a

fingir que ensina, e os alunos de igual modo, fingir que aprende. Se perpetuando assim, a falta de acessibilidade dos alunos a língua estrangeira, contribuindo para a exclusão em massa. Os mecanismos excludente são muitos.

O mal de tudo isso, é que são internalizados pelos alunos, a ideia que aprender uma língua estrangeira não é para pobre, uma vez que, o pobre nunca terá a oportunidade de fazer uso desta língua. Seja em uma viagem ou no mundo do trabalho. Logo, é mais propício aprender o que seja utilizável na possível profissão que aprender LE. É impossível aprender língua inglesa na escola pública. Uma vez que, não dispõe de recursos necessários, e os professores não tem competência para tanto. Além disso, a perpetuação da ideia que o aluno não sabe sua língua materna. Como vai aprender uma língua e conseqüentemente, uma cultura que não pertence ao seu povo ou sua realidade cotidiana. O próprio sistema atribui rótulos aos alunos como sendo estes incapazes de aprender uma língua estrangeira.

Culpando-os como únicos responsáveis do insucesso da aprendizagem. Julgando-os de desinteressados. Que a responsabilidade é do aluno de se excluir. Logo faz-se necessário rever o ensino de língua inglesa nas escolas públicas brasileira. No ensino básico, médio e superior. É crucial priorizar todas as etapas do ensino. Como ser um profissional habilitado para exercer a função de professor de língua inglesa. Se não tiver uma formação de qualidade na área que pretendo seguir profissionalmente?

Do mesmo modo se aplica, como ter um curso de Licenciatura em Língua Inglesa voltado para as novas necessidades sócio histórica dos aprendizes. Se este ensino não é voltado para esta demanda atual? Como ser um professor de língua inglesa com habilidades e competências para promover um trabalho significativo de modo a refletir no aprendizado e performance dos aprendizes.

Se não acontece o incentivo constante em diversos contextos associados aos aspectos teóricos, práticos, intercalasse e extraclasse, agregados a graduação inicial e também formação continuada? É notória a falta de uma política educacional efetiva no Brasil em vários aspectos. Entre elas:

A formação docente associada a uma estrutura escolar necessária, com equipamentos adequados, materiais pedagógicos de qualidade. É através do ensino que transformamos uma nação e contribuimos na formação de seres pensantes, críticos e reflexivos. Uma pátria que não investe na educação de um país despreza seus filhos. Partindo do respaldo teórico de TARDIF percebemos que:

Os cursos de formação para o magistério são globalmente idealizados segundo um modelo aplicacionista do conhecimento. Os alunos passam um certo número de anos a assistir as aulas baseadas em disciplinas e constituídas de conhecimentos proporcionais. Em seguida, ou durante essas aulas, eles vão estagiar para “aplicarem” esses conhecimentos. Enfim, quando a formação termina, eles começam a trabalhar sozinhos, aprendendo seu ofício na prática e, constatando, na maioria das vezes, que esses conhecimentos proporcionais não se aplicam bem na ação cotidiana. (Tardif 2014, p. 270)

Na maioria das vezes, a jornada inicial do professor é um misto de alegrias e frustrações. As alegrias e frustrações. As alegrias nos invadem completamente quando conseguimos concretizar traços de afinidade entre educando e educador. Estabelecendo assim um sentido mútuo entre o que acontece na sala de aula e fora dela. Este sentido deverá atingir a todos no processo da aprendizagem professores e alunos. Não necessariamente de forma linear.

E a frustração acontece quando não conseguimos êxito. No cenário educacional percebemos que os resultados são mais valorizados que o processo. E isso é muito triste. As dificuldades são inúmeras ao que tange ao ensino e a prática do aprendizagem. As vezes sabemos o que deve ser feito, mas a angústia maior é a falta de certeza de como proceder diante das múltiplas realidades circunstanciais; infelizmente, no Brasil, ainda persiste uma organização educacional arcaica. Antiquada e sumariamente deficitária.

Os docentes não são devidamente respeitados. A formação cultural e pedagógica não corresponde as necessidades sociais contemporâneas sendo estas dinâmicas e complexas. Mesmo porque o mundo mudou, os alunos mudaram e a formação docente, continua a mesmo modo que outrora. Consequentemente, o professor, em sua maioria, transpõe para a sua prática resquícios de suas respectivas formações.

Além do salário não ser proporcional a s respectivas responsabilidades sociais. O professor precisa renunciar as suas necessidades básicas para se esmerar e isto inclui cursos de formações relacionadas à sua área de formação, compra de livros e sobretudo, fazer um intercâmbio cultural para aprender novas práxis, metodologia e aplicabilidades em suas aulas. Proporcionando assim uma atmosfera cultural e pedagógica proporcional ao ensino de uma língua estrangeira de forma dinâmica e inovadora correspondendo as demandas do século XXI.

4.3 O papel docente diante das circunstâncias atuais

Partindo do pressuposto teórico pautado com a Lei de Diretrizes de Bases (LDB 9.394/96, complementada pelo decreto 5.773/06, podemos definir como instituições de educação superior. Tendo como base sua organização acadêmica. Podemos classificar em: Universidade, centro universitários, faculdade, Institutos ou escolas superiores. Na formação de professores, é crucial o conhecimento da estrutura, da organização, e sobretudo da gestão do sistema educacional. De acordo com a luz do conhecimento de Imbernón, 2011, p. 30, ele nos salienta que:

A profissão docente comporta um conhecimento pedagógico específico, um compromisso ético e moral e a necessidade de dividir a responsabilidade com outros agentes sociais, já que exerce influência sobre outros seres humanos e, portanto, não pode nem deve ser uma profissão meramente técnico de “especialistas infalíveis” que transmitem unicamente conhecimentos acadêmicos.

Como é de práxis, no Brasil, tudo acontece posteriormente a Europa. Embora todo aparato cultural e intelectual, possui em sua gênese, influências de outros povos, contudo, o povo europeu teve uma participação genuinamente significativa. Comparando o Brasil com alguns países da Europa, percebe-se o atraso ao que se refere a implantação do ensino superior no Brasil. É notório que o modelo inspirado é: o jesuítico, o alemão e o francês. Sendo os jesuítas os percussores do ensino superior no Brasil. Em 1808, precisamente, com a chegada da família real, os comerciantes solicitaram a Dom João VI, a criação da Universidade. Uma vez que esta não foi implantada em Salvador, capital do país na época, entretanto, a cidade ganhou o curso de Cirurgia, Anatomia e Obstetrícia.

A primeira universidade brasileira teve seu início em 1920, na cidade do Rio de Janeiro, segunda capital do país na época. Após o decreto de 14.343. Nascendo assim o tripé na qual serviria de modelo para todas as universidades brasileiras posteriores. Tendo assim início as faculdades de Medicina, Direito e Engenharia. Hoje no Brasil, ainda em pleno século XXI perpetua a supervalorização deste tripé. Em detrimento dos cursos de Licenciatura. E não para por aí. Os melhores cursos, estão nas Universidades Federais, as melhores escolas de formação técnicas são as federais. Os professores mais bem remunerados, são os professores atuantes no ensino superior, em seguida vem os professores do ensino médio, que atuam na rede estadual. E os professores da educação básica, da instância municipal, são as classes que são mal remuneradas. Então, ser professor, no Brasil, nunca foi fácil. E atualmente continua sendo desafiador. E isso tem respingado indiscutivelmente nas respectivas formações.

“O mundo torna-se, cada vez mais um todo. Cada parte do mundo faz, mais e mais parte do mundo, e o mundo como um todo, está cada vez mais e mais, parte do mundo, e o mundo

como um todo, está cada vez mais, presente em cada uma de suas partes. Isto se verifica não apenas para as noções e os povos, mas para os indivíduos. Assim como cada ponto de um holograma contém a informação do todo do qual faz parte, também, doravante, cada indivíduo recebe ou consome informações e substâncias oriundas de todo universo. (Morin, 2011 p. 58)

O sistema público brasileiro de ensino, é extremamente vulnerável. A disciplina de língua inglesa é muito negligenciada. Considerando que a cultura brasileira é advinda de uma civilização transplantada, em detrimento disso, parte da elite brasileira estudavam na França e Portugal. Ao que se refere ao método de ensino de língua inglesa. Segue-se o mesmo método que era aplicado no ensino do grego e do latim. Ou seja, o ensino de língua inglesa e língua francesa era fundamentado na leitura e tradução de textos literários, o método clássico, usado para línguas mortas. Eram os mesmos aplicados para o ensino de línguas vivas, ou seja, modernas.

Em 1931, o método direto sendo esta pautada leitura e escrita foi introduzido no ensino de línguas modernas. Em 1942, o ensino de línguas estrangeiras conseguem algum avanços.

Inserindo assim as quatro habilidades: ler, escrever, compreensão oral e comunicação. Totalizando assim uma jornada de 35 horas semanais. O ensino de língua inglesa no Brasil tornou-se obrigatório tardiamente, logo o prejuízo foi inevitável. Uma vez que nas Leis de Diretrizes de Bases de 1961(ano em que foi sancionada) e 1971 a língua inglesa não constava como disciplina obrigatória no currículo escolar.

Passando a ser inserida como disciplina na reforma da LDB em 1996. Sendo esta a última atualização da Lei que muda o contexto educacional completamente. Expressando assim a obrigatoriedade da isenção de uma língua estrangeira no 1º e 2º grau. Que tiveram suas nomenclaturas mudadas consecutivamente para Ensino Fundamental e Médio. Neste contexto, fica distribuída duas aulas por semana, com duração de 55 minutos.

A deficiência da leitura e escrita é transportada para a língua inglesa. Associadas a super lotação de sala de aula composta de 45 a 50 alunos. Todos estes fatores contribuem negativamente para o desenvolvimento efetivo do ensino aprendizagem. De acordo com os conceitos teóricos de Faraco, ele enfatiza que: “Não é o inglês o veículo da civilização da cultura tecnológica contemporânea? Não seria bom para nós dominarmos essa civilização e essa cultura?” Estamos nos referindo a uma língua internacional que milhões de pessoas fazem uso no mundo inteiro por milhões de pessoas. Sendo esta mesma língua idioma oficial de 55 países. Além de ser

segunda língua oficial falada em mais de 60 países. As estimativas mostram que o número de não nativos fazendo uso do inglês chega aproximadamente a 950 milhões. Enquanto os falantes nativos chega a 430 milhões. É a língua mais estudada no mundo. Perdendo apenas para o chinês. Além disso, organizações mundiais como a Federação Internacional de Futebol (FIFA), Organização das Nações Unidas (ONU) e Organização do Tratado de Atlântico Norte (OTAN) fazem uso da língua inglesa. Logo, faz-se necessário criar mecanismos para promover uma imersão ao inglês, sendo considerada a língua da ciência, da tecnologia, da economia e das pesquisas científicas o quanto antes.

“Há três funções básicas do ensino de LE nas escolas públicas. A primeira é de natureza legalista: cumprir o que o Ministério da Educação (MEC) determina por meio de PCNs. Pode-se discordar das determinações do MEC, mas delas não se pode escapar. Portanto, tem-se que aprender, pelo menos, uma língua estrangeira. A segunda razão é de natureza social: o desenvolvimento da leitura em língua estrangeira pode ajudar o estudante no processo de inserção cultural na medida em que ele pode se tornar um cidadão mais consciente de si mesmo e dos outros. Finalmente, a aprendizagem de línguas estrangeiras cumpre a função de ajudar o estudante a se desenvolver cognitivamente já que o auxilia na construção de conhecimentos”.

(Lima 2009, p.30)

O ensino de língua inglesa no Brasil, é um ensino marginalizado, não se dá a devida e necessária importância que deveria ser atribuída. A carga horária de língua inglesa é insuficiente. O número de alunos por turma é excessiva. Muitos professores exercendo a função de professor de língua estrangeira, sem fazer o mínimo uso desta língua em sala de aula. Em consequência da formação deficitária. Ou inexistente. A falta de suporte pedagógicos adequados e espaço físico suficientemente adequado para fazer um trabalho razoavelmente aceitável ao qual se refere ao ensino de língua estrangeira.

A língua inglesa no ensino público brasileiro esteve muito tempo associada ao ensino de gramática apenas. Partindo da prerrogativa que a maioria dos professores de língua estrangeira moderna, especificamente língua inglesa, (ao qual prisma este estudo) nas escolas públicas, fazem uso da língua alvo em proporção mínima, ou não fazem uso desta língua que leciona.

A própria LDB, assume um papel excludente quando propõe o ensino de língua inglesa a partir do 6º ano do ensino fundamental. Uma vez que nas escolas particulares, os alunos têm contato com a língua estrangeira nas séries iniciais. Além disso, o próprio sistema educacional público brasileiro age com descaso, quando assegura a legalmente que o aluno tenha aula de

língua estrangeira. Entretanto, não garante o aprendizado. A língua inglesa é fragmentada como aula extra.

Cada professor fica com uma, duas, ou três turmas. Conseqüentemente os prejuízos a curto, médio e longo prazo. São extremamente catastróficos. Se o professor não tem a formação mínima necessária para atuar na área, então, este mesmo professor trabalhará do sexto ao nono ano de forma deficitária. E estes mesmos alunos correm o risco de pegar um professor com este mesmo perfil no ensino médio, e continue limitado apenas aos aspectos gramaticais mais três anos. Esta não formação mínima exigida ao professor associado a outros fatores, tem proporcionado uma aversão generalizada por partes dos alunos. Então estes alunos não dão a mínima credibilidade a disciplina, e esta rejeição também indiretamente, e ou talvez inconscientemente, é transferida ao professor desta disciplina.

Então o professor que estudou anos a fio, fez um cursinho de sete semestres, uma faculdade, uma especialização, fez um intercâmbio cultural em um país cuja língua nativa é a língua inglesa, fez um Mestrado, cujo objeto de estudo é a língua inglesa. Se qualificando profissionalmente a vida inteira para fazer um bom trabalho, se depara com os alunos desmotivados, um contexto totalmente fragmentado, destruído, e sem perspectiva. Na maioria das vezes um discurso se petrifica mentalmente. E os estudantes afirmam que não sabem nem o português, por qual razão deveriam aprender a língua inglesa? É uma angústia tão grande, que na maioria das vezes, domina este professor que se esmerou tanto e, que sobretudo, acredita em seu trabalho.

“Quem ocupa a cadeira de um docente, inicialmente, deseja ser desejado. O professor é, antes de tudo, um sedutor. Ele deseja amor de seus discípulos e quando o obtém sente-se valorizado, preenchido de casas boas. Ele quer que seus alunos desejem e amem seu conhecimento (...) Quando o professor sente que seu conhecimento é rejeitado pelos alunos, ele sente igualmente rejeitado”. (Marinho 2007, p.1)

Creio que a maioria dos professores de língua inglesa, se não todos, já ouviram a clássica pergunta: ‘Para que estudar inglês, professor ou professora? Eu não sei falar nem o português.’ É de uma angústia extremamente asfixiante ouvir este discurso que parece ser deles, que maximiza a distância da inclusão social dos menos favorecidos. E ele internaliza este discurso como se fosse deles. Mas na verdade, os alunos pobres advindos de escolas públicas são programados à

acreditarem que não chegarão a lugar algum. Que não tem competência para competir e se estabelecer diante deste mercado atual. E aprender a língua inglesa, infelizmente é uma delas. Desconstruir certas coisas que estão impregnadas no pensamento de um grande percentual de jovens, não é uma tarefa fácil. Muito menos de responsabilidade apenas do professor de língua inglesa.

O compromisso é de todos. É necessário uma mobilização política e social para revolucionar o ensino público brasileiro. Mesmo porque, a escola é o lugar onde suscita sonhos. E sobretudo possibilitar as concretizações de cada um deles. Partindo do pressuposto de (Leffa 2013, p.115), ele nos afirma que: As crianças sonham em frequentar a escola. E está disposto a aprender “tudo” que a escola enquanto instituição está disposta a oferecer e neste tudo, também se insere; o ler, o escrever e sobretudo falar uma língua estrangeira. As expectativas ao se deparar com o que é novo é muito grande.

E as aulas de língua inglesa, é uma novidade para as crianças. Logo, não teria problema algum os alunos terem acesso a língua inglesa antes do 6º ano, com professores devidamente preparados para sua respectiva função. Uma vez que, o primeiro contato que os alunos tem com língua inglesa, eles ficam maravilhados. Eles amam este contato com a língua inglesa, é uma realidade nova. É um desafio para eles. O fator determinante, para eles continuarem gostando desta disciplina, é o próprio espaço escolar.

Quais condições e infraestrutura desta escola possui para oferecer as aulas desta disciplina de forma agradável e prazerosa? Que tipo de professores de língua inglesa esta escola dispõe? É um professor devidamente preparado, com formação pedagógica e cultural para lecionar uma língua estrangeira atendendo as demandas do século XXI.

Se esmerando procurando inovar sempre sem ficar estagnado na formação inicial? É um professor que fez o curso de letras apenas para ter a certificação para lecionar? É um professor de outra área do conhecimento, que pegou a disciplina para complementar a carga horária de 20 ou 40 horas, sem ter a mínima noção o que é ser um professor de língua estrangeira? Qualquer pessoa no Brasil, pode ser professor de língua inglesa.

Mesmo não possuindo a formação mínima exigida par isso. O descaso que acontece com língua inglesa, é apenas o reflexo da educação pública brasileira. No Brasil perpetuou-se uma ideia que os serviços públicos não prestam. E isso também inclui a educação pública. Para você ter acesso ao que é bom. Você precisa pagar do próprio bolso. O brasileiro, ainda não se conscientizou que os serviços públicos tem um preço.

E o pagamento desta conta sai do nosso próprio bolso. Partindo deste contexto como uma disciplina de língua estrangeira no ensino público teria algum prestígio? Evidentemente, que teve um momento na história brasileira que o ensino público brasileiro, não era para todos, era destinado apenas para as elites brasileiras. Logo, era um ensino de qualidade.

A partir do momento que ocorreu um desmembramento: Os ricos migraram para as escolas particulares, e os pobres permaneceram nas escolas públicas. De lá para cá, o ensino público foi perdendo seu status drasticamente. Então ficou assim estabelecido: o ensino nas redes particulares é o melhor, e os das redes pública é o pior. Esta crença foi e continua sendo impregnada propositalmente nas mentes dos estudantes oriundos das famílias pobres.

E infelizmente, a educação brasileira está à deriva. Por mais que se tenta organizar. Os detentores do poder são omissos. O sistema educacional brasileiro é extremamente paradoxal. As universidades Federais tem a maior percentagem de alunos oriundos das escolas particulares. Em detrimento disso. As Universidades e Faculdades particulares são mantidas pelos alunos advindos das escolas públicas. Que não tiveram como competir com os alunos da rede particular. Então, imaginemos o perfil destes alunos das escolas públicas. Como eles se sentem em relação a língua inglesa, diante de tantos obstáculos que são impostos. Sendo estes implícitos ou explícitos.

Na maioria das vezes, é um trabalho que limita o trabalho do professor, infelizmente a fingir que ensina, e os alunos de igual modo, fingir que aprende. Se perpetuando assim, a falta de acessibilidade dos alunos a língua estrangeira, contribuindo para a exclusão em massa. Os mecanismos excludente são muitos. O mal de tudo isso, é que são internalizados pelos alunos, a ideia que aprender uma língua estrangeira não é para pobre, uma vez que, o pobre nunca terá a oportunidade de fazer uso desta língua. Seja em uma viagem ou no mundo do trabalho.

Logo, é mais propício aprender o que seja utilizável na possível profissão que aprender LE. É impossível aprender língua inglesa na escola pública. Uma vez que, não dispõe de recursos necessários, e os professores não tem competência para tanto. Além disso, a perpetuação da ideia que o aluno não sabe sua língua materna.

Como vai aprender uma língua e conseqüentemente, uma cultura que não pertence ao seu povo ou sua realidade cotidiana. O próprio sistema atribui rótulos aos alunos como sendo estes incapazes de aprender uma língua estrangeira. Culpendo-os como únicos responsáveis do insucesso da aprendizagem. Julgando-os de desinteressados. Que a responsabilidade é do aluno de se excluir.

Logo faz-se necessário rever o ensino de língua inglesa nas escolas públicas brasileira. No ensino básico, médio e superior. É crucial priorizar todas as etapas do ensino. Como ser um profissional habilitado para exercer a função de professor de língua inglesa. Se não tiver uma formação de qualidade na área que pretendo seguir profissionalmente? Do mesmo modo se aplica, como ter um curso de Licenciatura em Língua Inglesa voltado para as novas necessidades sócio histórica dos aprendizes. Se este ensino não é voltado para esta demanda atual?

Como ser um professor de língua inglesa com habilidades e competências para promover um trabalho significativo de modo a refletir no aprendizado e performance dos aprendizes. Se não acontece o incentivo constante em diversos contextos associados aos aspectos teóricos, práticos, intercalasse e extraclasse, agregados a graduação inicial e também formação continuada? É notória a falta de uma política educacional efetiva no Brasil em vários aspectos. Entre elas: A formação docente associada a uma estrutura escolar necessária, com equipamentos adequados, materiais pedagógicos de qualidade. É através do ensino que transformamos uma nação e contribuímos na formação de seres pensantes, críticos e reflexivos. Uma pátria que não investe na educação de um país despreza seus filhos. Partindo do respaldo teórico de Tardif 2014, p. 2070 percebemos que:

“Os cursos de formação para o magistério são globalmente idealizados segundo um modelo aplicacionista do conhecimento. Os alunos passam um certo número de anos a assistir as aulas baseadas em disciplinas e constituídas de conhecimentos proporcionais. Em seguida, ou durante essas aulas, eles vão estagiar para “aplicarem” esses conhecimentos. Enfim, quando a formação termina, eles começam a trabalhar sozinhos, aprendendo seu ofício na prática e, constatando, na maioria das vezes, que esses conhecimentos proporcionais não se aplicam bem na ação cotidiana.”

Na maioria das vezes, a jornada inicial do professor é um misto de alegrias e frustrações. As alegrias e frustrações. As alegrias nos invadem completamente quando conseguimos concretizar traços de afinidade entre educando e educador. Estabelecendo assim um sentido mútuo entre o que acontece na sala de aula e fora dela. Este sentido deverá atingir a todos no processo da aprendizagem professores e alunos. Não necessariamente de forma linear. E a frustração acontece quando não conseguimos êxito. No cenário educacional percebemos que os resultados são mais valorizados que o processo. E isso é muito triste. As dificuldades são inúmeras ao que tange ao ensino e a prática do aprendizagem.

As vezes sabemos o que deve ser feito, mas a angústia maior é a falta de certeza de como proceder diante das múltiplas realidades circunstanciais; infelizmente, no Brasil, ainda persiste uma organização educacional arcaica. Antiquada e sumariamente deficitária. Os docentes não são devidamente respeitados. A formação cultural e pedagógica não corresponde as necessidades sociais contemporâneas sendo estas dinâmicas e complexas.

Mesmo porque o mundo mudou, os alunos mudaram e a formação docente, continua a mesmo modo que outrora. Conseqüentemente, o professor, em sua maioria, transpõe para a sua prática resquícios de suas respectivas formações. Além do salário não ser proporcional as respectivas responsabilidades sociais. O professor precisa renunciar as suas necessidades básicas para se esmerar e isto inclui cursos de formações relacionadas à sua área de formação, compra de livros e sobretudo, fazer um intercâmbio cultural para aprender novas práxis, metodologia e aplicabilidades em suas aulas. Proporcionando assim uma atmosfera cultural e pedagógica proporcional ao ensino de uma língua estrangeira de forma dinâmica e inovadora correspondendo as demandas do século XXI.

PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO

1. PROBLEMÁTICA

A língua inglesa é a língua que une povos de diferentes nacionalidades, em vários contextos: na ciência, na tecnologia, no mundo business. Quem não souber inglês não terá possibilidades de acompanhar as novas tendências mercadológicas. Milhões de pessoas falam o inglês. Sendo este como primeira, ou segunda língua.

Logo, faz-se necessário o aprendizado de uma língua estrangeira. Considerando que a língua inglesa é uma língua internacional de extrema importância. Sendo esta língua oficial ou semioficial de mais de setenta países. É natural e cabível nos perguntar como melhorar a práxis do ensino desta língua. Considerando que é uma tarefa árdua aprender uma língua estrangeira.

Como ser um professor de língua estrangeira dinâmico, inovador, criativo, autônomo, motivado? O que fazer para tornar este aprendizado acessível e sobretudo concretamente possível dentro de um contexto tão paradoxal? O cenário atual está passando por um momento de transição em vários aspectos. Sendo estes: econômicos, políticos, sociais e culturais, e isso também se estende à área educacional, especialmente ao ensino.

Estes fatores preponderantes tem proporcionado uma inegável reflexão aos professores quanto seus respectivos papéis sociais, do ensino básico ao ensino superior logo, faz-se necessário rever o verdadeiro papel da a Universidade, quanto ao que se refere ao espaço acadêmico formador como instituição provedora do conhecimento científico em vários aspectos, no que se refere a estrutura organizacional, aos aspectos legislativos, metodológicos e curricular.

Atualmente, passamos por uma inversão de valores gritantes e inevitavelmente ouvimos afirmações pejorativas relacionada à profissão docente. Que a profissão está totalmente obsoleta, que não tem valor social algum. E conseqüentemente a desvalorização do profissional. Logo constata se a decepção em torno da profissão.

Muitos professores abandonam o ofício por outro, a escolha na área de Pedagogia e Licenciatura, fica como última opção. Devido à falta de estímulo e ou valorização. Sem contar em alguns casos de alunos que iniciam o curso mas não chegam a conclusão do curso. Desistindo assim na metade do curso. Muitas razões tem contribuído para isso. A ineficiência da preparação profissional, a falta de valorização profissional, a remuneração salarial sempre abaixo das expectativas. Além disso a falta de autoestima.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

- Analisar a conformidade da formação inicial do professor de língua inglesa e seus respectivos fundamentos teóricos, práticos e pedagógicos com os imperativos do ensino da língua, no Brasil atual.

2.2 Objetivos específicos

- Identificar a proposta curricular acadêmica direcionada ao curso de Licenciatura em Letras-Inglês.
- Identificar a legislação atual que legitima a formação do professor de Língua Inglesa.
- Levantar os pressupostos teóricos e empíricos sobre a formação docente do professor de Língua Inglesa na contemporaneidade.

3. CONTEXTO DO ESTUDO. CARACTERIZAÇÃO DOS INQUIRIDOS.

3.1 O Contexto

O estudo empírico foi direcionado aos alunos do curso de Licenciatura em Língua Inglesa no Brasil, no estado da Bahia, na cidade de Santo Antônio de Jesus, a 184 Km de distância da Capital do Estado. No Loteamento Jardim Bahia S/N Centro. Situada na região do Recôncavo. Campus V, o Departamento de Ciências Humanas, está incumbido de oferecer formação de professores, licenciando assim inúmeros docentes desde 1981. A Universidade do Estado da Bahia (UNEB), é considerada a maior instituição pública que oferece ensino superior na Bahia. Esta instituição teve seu início em 1983. Sendo esta mantida pelo Governo do Estado e pela Secretaria de Educação, esta instituição está organizada em multicampi, sendo resultante da fusão de 7 faculdades. A UNEB está geograficamente presente em todas as regiões do estado.

A UNEB possui 29 departamentos se estendendo em 24 campos espalhados pelos 23 importantes municípios. Além disso, a UNEB, desenvolve também outras ações se fazendo presente quase em sua totalidade, dos 417 municípios do estado da Bahia, em convênios com instituições públicas e privadas. A UNEB, tem como missão a produção, socialização e aplicação do conhecimento nas mais diversas áreas do saber, em dimensões estratégicas, fundamentados sob a égide dos princípios da ética, da justiça social da pluralidade etnocultural.

A UNEB, foi a pioneira no Norte/Nordeste e a segunda no país a aderir as políticas das cotas, para estudantes afrodescendentes advindos de escolas públicas. Este sistema foi adotado em 2003. A partir de então, 40% das vagas são disponibilizadas no processo seletivo/vestibular para tais estudantes. Em 2008, este sistema foi também adotado para as populações indígenas, destinando para estas, 5% das vagas.

O Departamento de Ciências Humanas, DCH, Campus V da Universidade do Estado da Bahia-UNEB, no sentido de garantir o desenvolvimento de suas atividades acadêmicas com qualidade, disponibiliza recursos didáticos e tecnológicos para atender as necessidades dos docentes e discentes, funcionários e comunidade.

3.2 Perfil dos inquiridos

A amostra inquirida conta com 25 estudantes de Licenciatura de Língua Inglesa, ambos oriundos de escola pública. Salientando que 50% deste grupo pertence ao gênero masculino. E 60% pertencente ao gênero feminino. Suas idades respectivamente são: 21 anos, 27, 29 e a idade máxima de 52 anos.

Parte deste grupo, nunca fizeram um curso de inglês antes. E isso é uma grande dificuldade, dentro do curso de formação. Uma vez que a única oportunidade de ter conhecimento sobre a Língua inglesa, é no próprio curso oferecido pela Universidade Estadual da Bahia- UNEB.

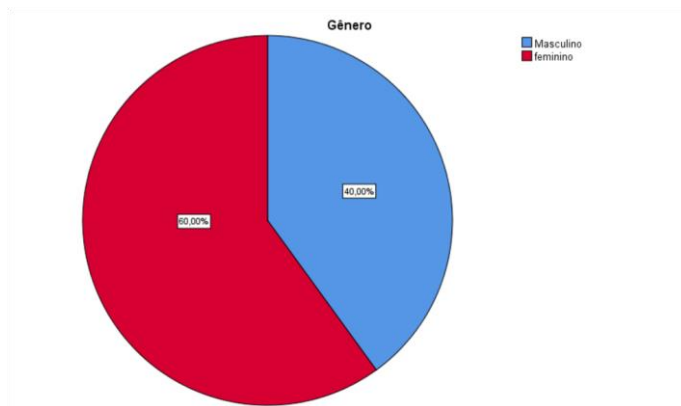
Alguns estudantes tem experiência docente, atuando na rede pública de ensino como professores de língua inglesa e ou outras disciplinas do currículo escolar. Entretanto, todos eles já passaram pela experiência do estágio. Sendo este já atuante na área ou não. Pois é pré requisito crucial na formação docente.

Os inquiridos tem consciências das dificuldades de lecionar língua inglesa no ensino público brasileiro. Entretanto, querem fazer a diferença na área docente, dando prosseguimento aos estudos. Além disso eles percebem que o curso de formação de Licenciatura de Letras Língua inglesa precisa de uma reforma para contemplar as demandas atuais. O grupo deixa claro na pesquisa que umas das características do professor de língua inglesa, é ser dinâmico e pesquisador.

Tabela 01

		Gênero			
		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Masculino	10	40,0	40,0	40,0
	feminino	15	60,0	60,0	100,0
	Total	25	100,0	100,0	

Conforme se verifica, dos 25 inquiridos, 50% são do gênero masculino e 60% do gênero feminino.

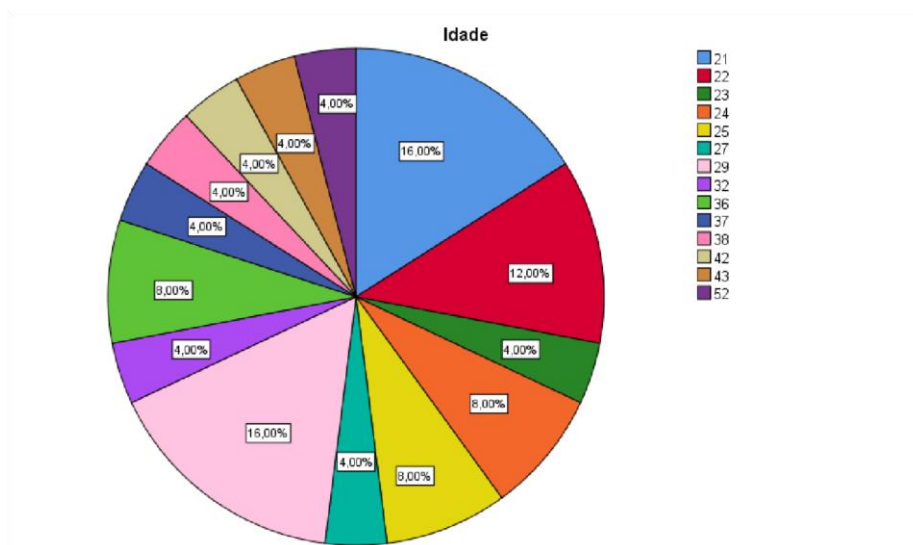


As suas idades, cuja média é de 29 anos, atinge um máximo de 52 anos e um mínimo de 21 anos. 50% dos inquiridos têm idade igual ou superior a 27 anos (mediana).

Tabela 02

Idade

N	Válido	25
	Omisso	0
Média		29,20
Mediana		27,00
Mínimo		21
Máximo		52
Percentis	25	22,00
	50	27,00
	75	36,00



Quanto ao grau de motivação auto percebido pelos inquiridos (pergunta 11) verificou-se que 56% destes consideram que “na maioria das vezes estão motivados”. O Teste do Qui Quadrado para uma amostra (Anexo V) garante-nos ser de rejeitar a hipótese nula pelo que os resultados abaixo são estatisticamente significativos.

Tabela 03
Grau de motivação aulas

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	0	3	12,0	12,0	12,0
	Na maioria das vezes não	2	8,0	8,0	20,0
	Pouco	3	12,0	12,0	32,0
	Na maioria das vezes sim	14	56,0	56,0	88,0
	Muito	1	4,0	4,0	92,0
	Sim, sempre	2	8,0	8,0	100,0
	Total	25	100,0	100,0	

Quanto ao que os *impulsiona a se tornar um professor de língua inglesa* é autopercionado pelos inquiridos (pergunta 12) verificou-se que 72% destes consideram que é “E

- *Fazer a diferença no contexto educacional*”. O Teste Binomial a uma amostra e o teste Q de Cochran para amostras relacionadas (Anexo V) garantem-nos ser de rejeitar a hipótese nula pelo que os resultados abaixo são estatisticamente significativos.

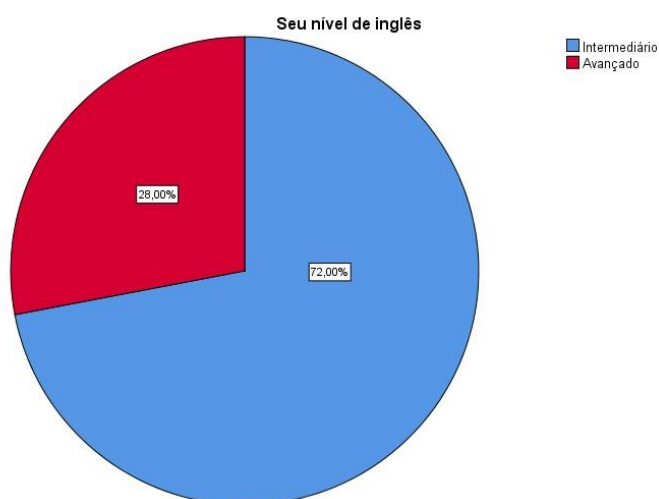
Tabela 04

		Relatório				
		Fatores de escolha profissional aptidão	Fatores de escolha profissional oportunidade	Fatores de escolha profissional salário	Fatores de escolha profissional valor social	Fatores de escolha profissional diferença
Total	Média	,48	,08	,16	,24	,72
	N	25	25	25	25	25
	Erro Desvio	,510	,277	,374	,436	,458

Quanto ao nível de inglês auto percebido pelos inquiridos (pergunta 16) verificou-se que 72% destes consideram ter o nível intermédio. O Teste Binomial a uma amostra (Anexo V) garante-nos ser de rejeitar a hipótese nula pelo que os resultados abaixo são estatisticamente significativos.

Tabela 05
Seu nível de inglês

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Intermediário	18	72,0	72,0	72,0
	Avançado	7	28,0	28,0	100,0
Total		25	100,0	100,0	



Em síntese temos 25 inquiridos, sendo 60% do género feminino, com idades compreendidas entre os 21 e 52 anos (média de idades 29 anos). 72% dos inquiridos consideram ter o nível de inglês intermédio. Também 72% consideram que, na maioria das vezes estão motivados para lecionar as suas aulas. Quanto aos fatores que impulsionaram a sua escolha profissional verificou-se que 72% destes inquiridos afirmam que foi “*Fazer a diferença no contexto educacional*”.

4. METODOLOGIA DE PROJETO

Neste trabalho de projeto, a metodologia adotada parte do diagnóstico da situação, realizado com base na aplicação de um questionário aos alunos do curso de Licenciatura em Letras, sob a égide da formação inicial do professor e contextualizando a teoria e a prática. O questionário foi

desenhado pela mestrandia e validado por peritagem. De igual modo foi encaminhado e aprovado pelo Colegiado de Letras da Universidade Estadual da Bahia. Os inquiridos foram os alunos do oitavo semestre e quarto semestre, com idade entre 21 a 52 anos. O questionário foi encaminhado a Diretoria Acadêmica, aos professores de estágio, e em seguida, aos inquiridos da Universidade Estadual da Bahia. O questionário foi composta de 25 questões. O anonimato, foi assegurado. Após a aplicação dos questionários, foram realizados a tabulação de dados e a construção dos gráficos que permitiram uma discussão mais facilitada. O objetivo foi analisar o processo formativo da formação inicial para professor de língua inglesa e obter a opinião dos inquiridos sobre as suas aquisições face às exigências do ensino da língua, permitindo o contraponto entre a teoria e a prática.

5. PROCESSOS E INSTRUMENTOS DE DIAGNÓSTICO

O instrumento de diagnóstico (Anexo 1) é o questionário, onde se agrupam as seguintes questões objeto de diagnóstico:

1. QUADRO ESQUEMÁTICO PARA ANÁLISE DO PROJETO DE PESQUISA

Tema	Objetivos	Perguntas
Perfil do Inquirido	Descrever o perfil dos	Género Idade
	Inquiridos e as circunstâncias que podem Influenciar as suas opiniões.	11. Você se sente motivado para atuar na sala de aula? 12. O que te impulsiona a se tornar um professor de língua inglesa (LI)? 16. Você considera seu inglês em qual nível?

Opinião sobre a Licenciatura em Letras	Descrever as condições gerais de saída do professor do período de formação inicial	<ol style="list-style-type: none"> 1. É possível contemplar o tripé: <i>listen, write and speak</i> no ensino público brasileiro? 2. Se referindo ao curso de Licenciatura em Letras, você está plenamente satisfeito ou satisfeita? 3. Você pretende prosseguir seus estudos em língua inglesa após a conclusão do Ensino Superior? 4. A Universidade faz teste de proficiência aos alunos que ingressam na Licenciatura de LI? 7. O currículo acadêmico dispõe de curso de formação lúdica para os educadores?
Reflexão sobre pontos controversos da situação atual de lecionação da LI	Descrever as posições dos inquiridos sobre os temas controversos.	<ol style="list-style-type: none"> 5. Se o professor não domina a língua que ensina, ele tem possibilidade de fazer um bom trabalho? 6. Na sala de aula deverá ser propagado apenas o inglês britânico e americano? 8. Na sua opinião a Base Nacional Comum, passa a ser um divisor de água no ensino e aprendizagem da língua inglesa?
Opinião sobre problemática contextual do ensino do inglês no Brasil	Descrever as dificuldades ambientais do ensino da LI no Brasil	<ol style="list-style-type: none"> 9. Na sua opinião, quais as problemáticas que temos quanto ao ensino aprendizagem de LI? 10. Com toda complexidade do ensino público brasileiro, como podemos ensinar? 17. Na sua opinião a dificuldade de lecionar a disciplina de LI na escola pública está associada a quais fatores? 19. Como a língua inglesa é vista de um modo geral no currículo escolar brasileiro? 20. Muitos estudantes brasileiros pensam sobre a LI...
Opinião sobre qualidade e impacto da formação de professores de LI no Brasil	Descrever a situação da formação de professores de LI no Brasil	<ol style="list-style-type: none"> 13. Você diria que existe uma discrepância entre a formação e prática do professor de LI? 14. O inglês ensinado no ensino Superior é o suficiente para o professor atuar na sala de aula do século XXI? 15. Qual o perfil do professor de língua inglesa para atender as demandas do contexto atual?
Professores de LI no Brasil		<ol style="list-style-type: none"> 18. Como você analisa as aulas de língua inglesa no Ensino Superior?

6. APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS DO DIAGNÓSTICO E LINHAS DE

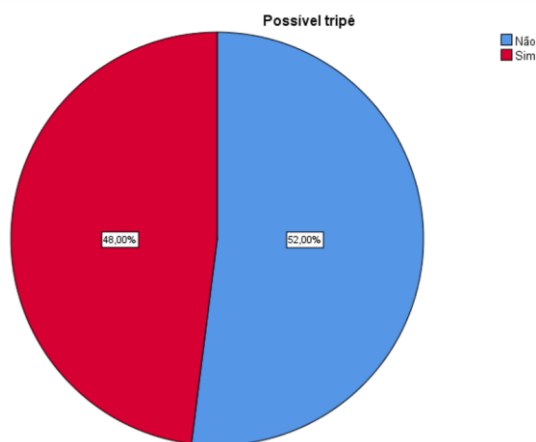
INTERVENÇÃO

6.1 Apresentação de resultados

Quanto à questão 1 “É possível contemplar o tripé: *listen, write and speak* no ensino público brasileiro?” verificou-se que 52% dos inquiridos consideram que “não”. O Teste Binomial para uma Amostra (Anexo V) não apresenta uma diferença estatisticamente significativa.

Tabela 06
Possível tripé

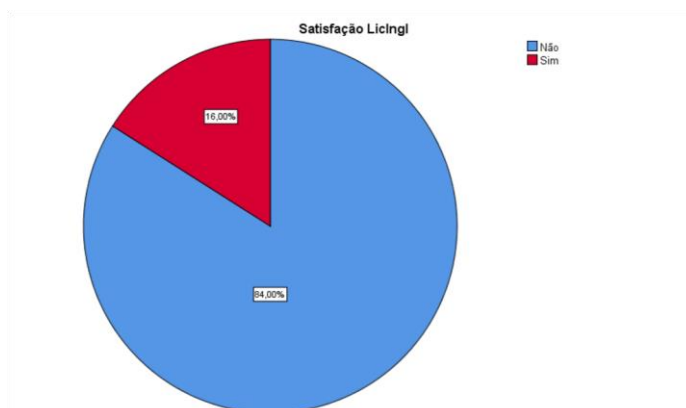
		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Não	13	52,0	52,0	52,0
	Sim	12	48,0	48,0	100,0
Total		25	100,0	100,0	



Quanto à questão 2 sobre se está satisfeito ou plenamente satisfeito com a sua Licenciatura em Letras verificou-se que uma maioria expressiva (84%) dos inquiridos consideram que “não”. O Teste Binomial para uma Amostra (Anexo V) garante-nos ser de rejeitar a hipótese nula pelo que os resultados abaixo são estatisticamente significativos.

Tabela 07

		Satisfação LicIngl			Porcentagem
		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	acumulativa
Válido	Não	21	84,0	84,0	84,0
	Sim	4	16,0	16,0	100,0
	Total	25	100,0	100,0	



Quanto à questão 3 sobre a intenção de prosseguir seus estudos em língua inglesa após a conclusão do Ensino Superior verificou-se que a totalidade (100%) dos inquiridos consideram que “sim”!

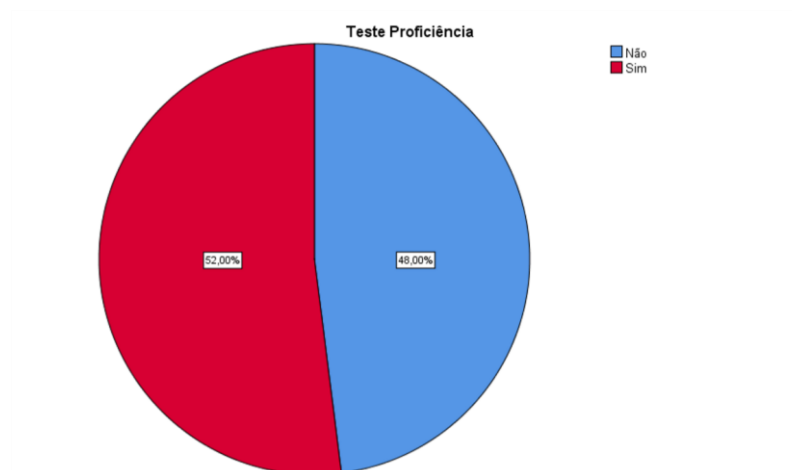
Tabela 08

		Prosseguir estudos			Porcentagem
		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	acumulativa
Válido	Sim	25	100,0	100,0	100,0

Quanto à questão 4 “A Universidade faz teste de proficiência aos alunos que ingressam na Licenciatura de língua inglesa?” verificou-se que 52% dos inquiridos afirmam que “sim”. O Teste Binomial para uma Amostra (Anexo V) não apresenta uma diferença estatisticamente significativa.

Tabela 09

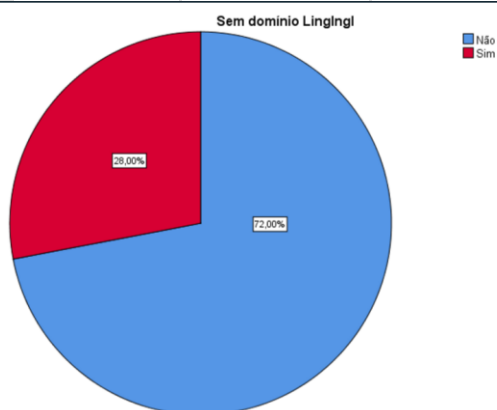
		Teste Proficiência			Porcentagem
		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	acumulativa
Válido	Não	12	48,0	48,0	48,0
	Sim	13	52,0	52,0	100,0
	Total	25	100,0	100,0	



Relativamente à pergunta 5 - *Se o professor não domina a língua que ensina tem possibilidade de fazer um bom trabalho?* Verificou-se uma esmagadora maioria de opiniões negativas (72%). O Teste Binomial a uma amostra (Anexo V) garante-nos ser de rejeitar a hipótese nula pelo que os resultados abaixo são estatisticamente significativos.

Tabela 10

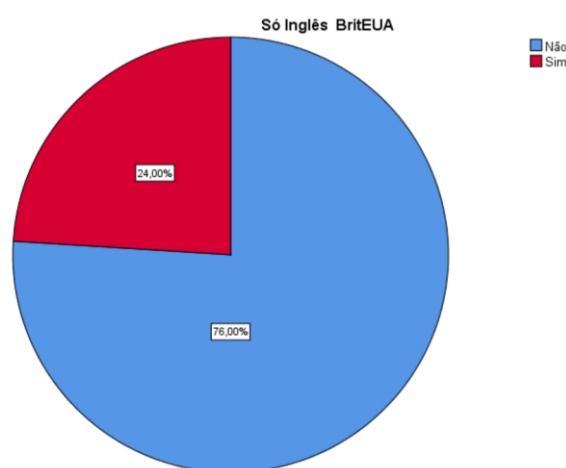
		Sem domínio LingIngl			Porcentagem
		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	acumulativa
Válido	Não	18	72,0	72,0	72,0
	Sim	7	28,0	28,0	100,0
	Total	25	100,0	100,0	



Relativamente à pergunta 6 - *Na sala de aula deverá ser propagado apenas o inglês britânico e americano?* verificou-se uma esmagadora maioria de opiniões negativas (76%). O Teste Binomial a uma amostra (Anexo V garante-nos ser de rejeitar a hipótese nula pelo que os resultados abaixo são estatisticamente significativos.

Tabela 11
Só Inglês BritEUA

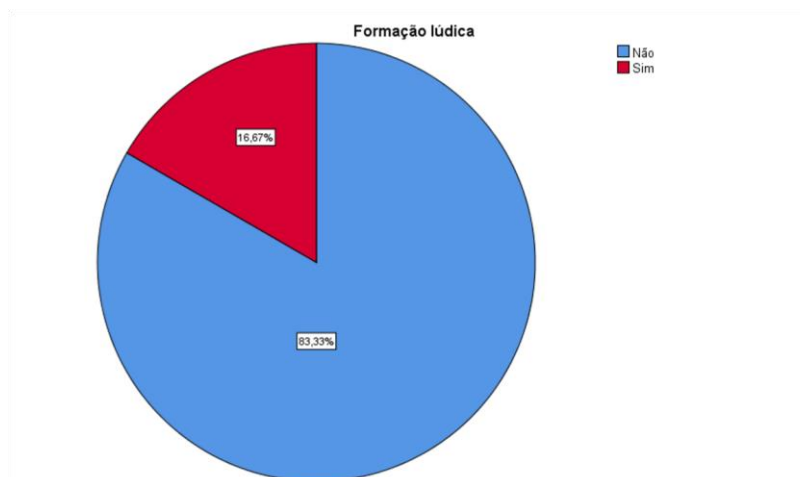
		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Não	19	76,0	76,0	76,0
	Sim	6	24,0	24,0	100,0
	Total	25	100,0	100,0	



1. Relativamente à pergunta 7 - *O currículo acadêmico dispõe de curso de formação lúdica para os educadores?* Verificou-se uma esmagadora maioria de opiniões negativas (76%). O Teste Binomial a uma amostra (Anexo V) garante-nos ser de rejeitar a hipótese nula pelo que os resultados abaixo são estatisticamente significativos.

Tabela 12
Formação lúdica

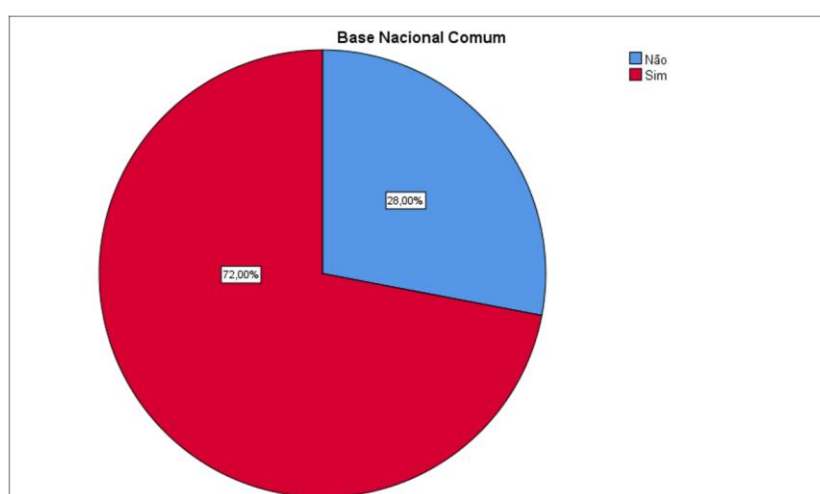
		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Não	20	80,0	83,3	83,3
	Sim	4	16,0	16,7	100,0
	Total	24	96,0	100,0	
Omisso	Sistema	1	4,0		
Total		25	100,0		



Relativamente à pergunta 8 - *Na sua opinião a Base Nacional Comum, passa a ser um divisor de água no ensino e aprendizagem da língua inglesa?* Verificou-se uma esmagadora maioria de opiniões afirmativas (72%). O Teste Binomial a uma amostra (Anexo V) garante-nos ser de rejeitar a hipótese nula pelo que os resultados abaixo são estatisticamente significativos.

Tabela 15

		Base Nacional Comum			Porcentagem acumulativa
		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	
Válido	Não	7	28,0	28,0	28,0
	Sim	18	72,0	72,0	100,0
	Total	25	100,0	100,0	



Quanto à pergunta 9 - *Na sua opinião, as problemáticas que temos ao que corresponde ao ensino aprendizagem de língua inglesa corresponde aos seguintes aspectos...* a escolha

múltipla releva, por ordem decrescente, os seguintes problemas “E - O sistema escolar negligencia a disciplina de língua inglesa. E ao mesmo tempo, o professor desta disciplina também é negligenciado” (92%); “C- Falta ou número insuficiente de recursos audiovisuais na Unidade Escolar” e “D - Livros didáticos não correspondente aos respectivos níveis dos alunos” (84%); “B - Está relacionado a deficiência do ensino público brasileiro” (80%).

O Teste Binomial a uma amostra e o teste Q de Cochran para amostras relacionadas (Anexo X) garantem-nos ser de rejeitar a hipótese nula pelo que os resultados abaixo são estatisticamente significativos.

Tabela 16

		Relatório				
		Problema isolado da disciplina	Problema do EPB	Problema falta recursos audiov	Problema Livros desactualiz	Problema negligencia Ling Ingl
Total	Média	,20	,80	,84	,84	,92
	N	25	25	25	25	25
	Erro Desvio	,408	,408	,374	,374	,277

Quanto à pergunta 10 - *Com toda complexidade do ensino público brasileiro, podemos contemplar ... a escolha múltipla releva os seguintes problemas “C - Aperfeiçoar o writing”* (68%). O Teste Binomial a uma amostra e o teste Q de Cochran para amostras relacionadas (Anexo V) garantem-nos ser de rejeitar a hipótese nula pelo que os resultados abaixo são estatisticamente significativos.

Tabela 17

		Relatório				
		No EPB desenv oralidade	No EPB speaking	No EPB writing	No EPB imersão na língua	No EPB listen
Total	Média	,16	,32	,68	,36	,12
	N	25	25	25	25	25
	Erro Desvio	,374	,476	,476	,490	,332

Quanto à pergunta 11 - *Você se sente motivado para atuar na sala de aula? ...* a escolha múltipla releva a resposta “*Na maioria das vezes sim*” (56%). O Teste do Qui Quadrado a uma amostra (Anexo V) garantem-nos ser de rejeitar a hipótese nula pelo que os resultados abaixo são estatisticamente significativos.

Tabela 18
Grau de motivação aulas

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	0	3	12,0	12,0	12,0
	Na maioria das vezes não	2	8,0	8,0	20,0
	Pouco	3	12,0	12,0	32,0
	Na maioria das vezes sim	14	56,0	56,0	88,0
	Muito	1	4,0	4,0	92,0
	Sim, sempre	2	8,0	8,0	100,0
	Total	25	100,0	100,0	

Quanto à pergunta 12 - *O que te impulsiona a se tornar um professor de língua inglesa?*

... a escolha múltipla releva a resposta “*E - Fazer a diferença no contexto educacional*” (72%). O Teste Binomial a uma amostra e o teste Q de Cochran para amostras relacionadas (Anexo V) garantem-nos ser de rejeitar a hipótese nula pelo que os resultados abaixo são estatisticamente significativos.

Tabela 19

		Relatório				
		Fatores de escolha profissional aptidão	Fatores de escolha profissional oportunidade	Fatores de escolha profissional salário	Fatores de escolha profissional valor social	Fatores de escolha profissional diferença
Total	Média	,48	,08	,16	,24	,72
	N	25	25	25	25	25
	Erro Desvio	,510	,277	,374	,436	,458

Quanto à pergunta 13 - *Você diria que existe uma discrepância entre a formação e prática do professor de língua inglesa? ...* a escolha múltipla releva a resposta “*E - Discrepância formação e prática*” (60%). O Teste Binomial e o teste Qui Quadrado para uma amostra (Anexo V) garantem-nos ser de rejeitar a hipótese nula pelo que os resultados abaixo são estatisticamente significativos.

Tabela 20

Relatório

		Discrepância práticas e fundamentos teóricos	Discrepância formação e prática
Total	Média	,96	2,40
	N	25	25
	Erro Desvio	,200	,866

Quanto à pergunta 14 - *O inglês ensinado no ensino Superior é o suficiente para o professor atuar na sala de aula do século XXI? ...* a escolha múltipla releva a resposta “C – Precisa melhorar” (60%). O Teste do Qui Quadrado para uma amostra (Anexo V) garante-nos ser de rejeitar a hipótese nula pelo que os resultados abaixo são estatisticamente significativos.

Tabela 21

Formação suficiente no ES

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	0	1	4,0	4,0	4,0
	Precisa evoluir	7	28,0	28,0	32,0
	Precisa melhorar	15	60,0	60,0	92,0
	Em alguns aspectos	2	8,0	8,0	100,0
	Total	25	100,0	100,0	

Quanto à pergunta 15 - *Qual o perfil do professor de língua inglesa para atender as demandas do contexto atual? ...* a escolha múltipla releva a resposta “C – Dinâmico” e “E – Pesquisador” (88%). O Teste Binomial a uma amostra e o teste Q de Cochran para amostras relacionadas (Anexo V) garantem-nos ser de rejeitar a hipótese nula pelo que os resultados abaixo são estatisticamente significativos.

Tabela 22

Relatório

		Perfil do prof de língua inglesa proativo	Perfil do prof de língua inglesa desafiador	Perfil do prof de língua inglesa dinâmico	Perfil do prof de língua inglesa autonomo	Perfil do prof de língua inglesa pesquisador
Total	Média	,48	,56	,88	,64	,88
	N	25	25	25	25	25
	Erro Desvio	,510	,507	,332	,490	,332

Quanto à pergunta 17 - *Na sua opinião a dificuldade de lecionar a disciplina de língua inglesa na escola pública está associada a quais fatores? ...* a escolha múltipla releva a resposta

“C – A professor não licenciado ministrando aulas de língua inglesa” (80%) e “A – Ao número elevado de alunos por sala” (76%). O Teste Binomial a uma amostra e o teste Q de Cochran para amostras relacionadas (Anexo V) garantem-nos ser de rejeitar a hipótese nula pelo que os resultados abaixo são estatisticamente significativos.

Tabela 23

		Relatório				
		Dificuldade lecionar inglês numero alunos	Dificuldade lecionar inglês deficiente formação inicial	Dificuldade lecionar inglês falta licenciatura adequada	Dificuldade lecionar inglês baixa estima dos alunos	Dificuldade lecionar inglês falta aplica lúdico
Total	Média	,76	,60	,80	,68	,44
	N	25	25	25	25	25
	Erro Desvio	,436	,500	,408	,476	,507

Quanto à pergunta 18 - *Como você analisa as aulas de língua inglesa no Ensino Superior? ...* a escolha múltipla releva a resposta “E – Precisa grande reforma” (72%). O Teste do Qui Quadrado a uma amostra (Anexo V) garantem-nos ser de rejeitar a hipótese nula pelo que os resultados abaixo são estatisticamente significativos.

Tabela 24

		Relatório				
		Oferece apenas pressupostos teóricos	Agrega teoria e prática de forma eficiente	Apenas técnica	Não corresponde expectativas atuais	Precisa grande reforma
Total	Média	,20	,12	,44	,32	,72
	N	25	25	25	25	25
	Erro Desvio	,408	,332	,507	,476	,458

Quanto à pergunta 19 - *Como a língua inglesa é vista de um modo geral no currículo escolar brasileiro? ...* a escolha múltipla releva a resposta “E – É necessário uma grande reforma nesta área” (72%). O Teste Binomial a uma amostra e o teste Q de Cochran para amostras relacionadas (Anexo V) garantem-nos ser de rejeitar a hipótese nula pelo que os resultados abaixo são estatisticamente significativos.

Tabela 25

		Oferece apenas pressupostos teóricos	Agrega teoria e prática de forma eficiente	Apenas técnica	Não corresponde expectativas atuais	Precisa grande reforma
Relatório						
Total	Média	,20	,12	,44	,32	,72
	N	25	25	25	25	25
	Erro Desvio	,408	,332	,507	,476	,458

Quanto à pergunta 20 - *Muitos estudantes brasileiros pensam sobre a língua inglesa ...* a escolha múltipla releva a resposta “A - *Se ele não sabe o português, como irá aprender o inglês*” (92%) “E - *Não se aprende na escola pública*” (80%). O Teste Binomial a uma amostra e o teste Q de Cochran para amostras relacionadas (Anexo V) garantem-nos ser de rejeitar a hipótese nula pelo que os resultados abaixo são estatisticamente significativos.

Tabela 26

		Relatório				
		Se nem português sabe, porquê inglês	Só se aprende viajando	Só precisa dele no Mestrado	É lingua muito difícil	Não se aprende na escola pública
Total	Média	,92	,56	,16	,72	,80
	N	25	25	25	25	25
	Erro Desvio	,277	,507	,374	,458	,408

6.2 Discussão dos Resultados e Diagnóstico

2. QUADRO ESQUEMÁTICO PARA ANÁLISE DO PROJETO DE PESQUISA

Tema	Objetivos	Diagnóstico (discussão dos resultados síntese)
------	-----------	--

Perfil dos Inquiridos	Descrever o perfil dos inquiridos e as circunstâncias que podem influenciar as suas opiniões.	Dos 25 inquiridos, 60% são do género feminino, com idade média de 29 anos). 72% dos inquiridos consideram ter o nível de inglês intermédio . Também 72% consideram que, na maioria das vezes estão motivados para lecionar as suas aulas e, na mesma proporção, afirmam que foi “ <i>Fazer a diferença no contexto educacional</i> ” o fator de motivação na escolha da profissão.
Opinião sobre a Licenciatura em Letras	Descrever as condições gerais de saída do professor do período de formação inicial (Perguntas 1,2,3,4 e 7)	84% dos inquiridos “está satisfeito ou plenamente satisfeito com a sua Licenciatura em Letras”; 100% dos inquiridos “tem a intenção de prosseguir seus estudos em língua inglesa após a conclusão do Ensino Superior” Mas cerca de metade dos inquiridos afirma que “a Universidade não faz teste de proficiência aos alunos que ingressam na Licenciatura de língua inglesa”, 76% dos inquiridos afirma que “o currículo acadêmico não
		dispõe de curso de formação lúdica para os educadores” e cerca de metade dos inquiridos considera que não “é possível contemplar o tripé: <i>listen, write and speak</i> no ensino público brasileiro”. A situação é preocupante. E persiste há muito. De acordo com Leffa, 2009 p. 123: Antes de qualquer criança ir para escola, ela quer aprender tudo, inclusive ler, escrever e falar uma língua estrangeira. Faz-se necessário ao professor de língua inglesa experienciar e proporcionar ao estudante caminhos que lhe proporcione uma imersão na língua com naturalidade. Sem exigências absurdas e privações desmedidas. Segundo Schmitz 2009, p. 20. Sem dúvida, nem todos os cursos de graduação em língua inglesa prepara o aluno para falar o idioma. Quem se forma em qualquer estabelecimento de ensino, tem a obrigação de procurar sempre se aperfeiçoar. O diferencial do professor de língua inglesa para os demais professores, entre outras competências, é a habilidade de ser bilíngue. A possibilidade de comparar língua materna e língua estrangeira em aspectos socioculturais. Embora não seja uma realidade o teste de proficiência no ingresso da formação, é responsabilidade do professor se esmerar durante e após sua respectiva formação. Estando esta pautada em formação inicial e continuada. Schimitz 2009, p. 18 relembra que a língua estrangeira tende a ser a “matéria prima pobre” nas escolas. Deixar de fazer uso da língua inglesa na sala de aula, é renunciar a si mesmo enquanto profissional responsável.

<p>Reflexão sobre pontos controversos da situação atual de lecionação da LI</p>	<p>Descrever as posições dos inquiridos sobre os temas controversos. (Perguntas 5,6 e 8)</p>	<p>72% dos inquiridos afirma que “o professor que não domina a língua que ensina não tem possibilidade de fazer um bom trabalho”; 76% dos inquiridos afirma que “na sala de aula não deverá ser propagado apenas o inglês britânico e americano”; 72% dos inquiridos afirma que “<i>a Base Nacional Comum, passa a ser um divisor de águas no ensino e aprendizagem da língua inglesa</i>”.</p> <p>Kenski, 2017, p.94 afirma que: O uso da tecnologia digital no Brasil vem ocorrendo com maior intensidade nas instituições educacionais nos últimos dez anos. Ainda assim, pouco mais de 10% das instituições públicas de ensino possui computadores e acesso a internet disponíveis para atividades de ensino.</p> <p>Considerando as problemáticas no cenário educacional público brasileiro, esta afeta a todos os envolvidos neste processo de ensino aprendizagem. Caso professor de língua inglesa tenha um formação</p>
		<p>deficitária e descomprometida ele contribuirá para o agravamento da situação atual.</p> <p>De acordo com o MEC 2018, em uma das implicações da Base Nacional Comum, implica: Situar a língua inglesa em seu status de língua franca, implica compreender que determinadas crenças – como a de que há um “inglês melhor” para se ensinar, ou um “nível de proficiência” específico a ser alcançado pelo aluno – precisam ser relativizadas.</p>

<p>Opinião sobre problemática contextual do ensino do inglês no Brasil</p>	<p>Descrever as dificuldades ambientais do ensino da LI no Brasil (Perguntas 9,10,17,19 e 20)</p>	<p>A problemática a enfrentar tem como aspectos mais relevantes “<i>o sistema escolar negligenciar a disciplina de língua inglesa e os seus professores</i>” (citados por 92% dos inquiridos); a “<i>falta ou número insuficiente de recursos audiovisuais na Unidade Escolar</i>” e “<i>livros didáticos não correspondentes aos respectivos níveis dos alunos</i>” (84%); “<i>deficiência genérica do ensino público brasileiro</i>” (80%). Face a toda complexidade do ensino público brasileiro, a escolha múltipla revela que 68% dos inquiridos opta por “<i>Aperfeiçoar o writing</i>”. Quanto aos fatores associados à dificuldade de lecionar a disciplina de língua inglesa na escola pública a escolha múltipla releva a resposta “<i>haver professor não licenciado ministrando aulas de língua inglesa</i>” (80%) e “<i>número elevado de alunos por sala</i>” (76%).</p> <p>A visão do aluno também tem influência. à pergunta “<i>Como a língua inglesa é vista de um modo geral no currículo escolar brasileiro?</i>” a resposta mais escolhida é “<i>É necessário uma grande reforma nesta área</i>” (72%) complementada com as respostas à pergunta “<i>Muitos estudantes brasileiros pensam sobre a língua inglesa ...</i>” com “<i>Se ele não sabe o português, como irá aprender o inglês</i>” (92%) “<i>Não se aprende na escola pública</i>” (80%).</p> <p>Estas conclusões estão em consonância com o Leffa, 2009 p. 114.</p> <p>“<i>Professor, pra que estudar inglês?</i>” Teoricamente, ancoro-me em alguns autores que são normalmente citados quando se aborda o problema de exclusão (Apple, 1989; Baudelot, 1991; Bourdieu, 1974; Bourdieu & Passeron, 1992; Freire, 1996; Giroux, 1986).</p> <p>A própria sociedade, manipulada os indivíduos. E eles internalizam o que é preconizado socialmente. Em uma sociedade competitiva, onde a solidariedade não prevalece, é muito conveniente manipular o conhecimento. Uma vez que este, pressupõe poder.</p> <p>Pimenta e Lima 2012, p. 159 se opõe sobre o que é preconizado sobre a eficiência do ensino público. As autoras asseguram que, a aula é uma célula que representa o todo da escola: o projeto político- pedagógico, o</p>
--	--	--

		<p>currículo, o projeto da área e o planejamento por disciplina. As aulas são, por sua vez, múltiplas, diversas e expressam diferentes compreensões da Pedagogia e da Didática, da epistemologia das áreas, das características, valores e posturas de seus integrantes.</p> <p>Oliveira 2009, p.22 referia: A realidade do ensino apresenta dificuldades variadas para a realização do trabalho pedagógico como por exemplo; carga horária reduzida, elevado número de alunos na sala de aula, alunos com níveis diferentes de proficiência na mesma sala de aula, escassez ou ausência de recursos didáticos adequados para a aprendizagem de línguas.</p> <p>Cabe ao professor de língua inglesa criar mecanismos para desenvolver seu trabalho com responsabilidade. Mesmo diante de um cenário tão complexo e desafiador como a educação pública brasileira.</p>
<p>Opinião sobre a qualidade e o impacto da formação de professores de LI no Brasil</p>	<p>Descrever a situação da formação de professores de LI no Brasil (Perguntas 13,14,15 e 18).</p>	<p>60% dos inquiridos considera que existe “Discrepância entre a formação e a prática” no ensino da LI e que o “inglês ensinado no ensino superior precisa melhorar” (60%). Sobre “Qual o perfil do professor de língua inglesa para atender as demandas do contexto atual? 88% dos inquiridos releva, na escolha múltipla as respostas “C – Dinâmico” e “E – Pesquisador”. Mas, quando “analisam as aulas de língua inglesa no Ensino Superior” 72% afirma que “precisa grande reforma”.</p> <p>Já Oliveira (2009, p. 29) fazia a seguinte abordagem: os cursos superiores responsáveis pela formação de professores de línguas estrangeiras não estão cumprindo seu papel satisfatoriamente. Na medida em que uma universidade confere o diploma de licenciatura em determinada língua estrangeira a uma pessoa que não domina esta língua estrangeira.</p> <p>Por tais razões, o ensino de língua inglesa na maioria das vezes, fica pautado, apenas no ensino de gramática e a memorização das regras desta.</p> <p>Também Lima (2012, p.68) nota que: Entre os conflitos no cenário educacional, o futuro professor se depara com crise de valores, sociais, econômicos e sociais. Muitos professores estão desanimados. E tenta fazer esta transferência para o estagiário recém chegado. O professor precisa estar apto a gerenciar as problemáticas no âmbito educacional. Uma vez que, cada momento histórico social nos apresenta desafios culturalmente e socialmente estabelecidos.</p> <p>Jorge (2009, p.167) nos esclarece que: a possibilidade de conhecer os educandos do ponto de vista sociocultural nos permite propor práticas pedagógicas mais coerentes com seus desejos, sonhos, e principalmente,</p>

		<p>com a possibilidade de empoderá-los para que sejam sujeitos na construção de suas próprias histórias.</p> <p>Cabe ao professor ter a percepção para compreender a realidade que o cerca, na maioria das vezes o conteúdo no currículo pedagógico não corresponde ao público discente sendo este: jovem, pai, mãe, negro, trabalhador, marginalizado etc. É preciso resignificar o aprendizado de forma a proporcionar sentindo a quem está tendo acesso deste conhecimento. Ensinar e aprender uma língua estrangeira, pressupõe a diversidade cultural de um povo.</p> <p>Gimenez (2009, p. 108) nos esclarece que: é preciso reconhecer que a formação dos profissionais que atuam nesse contexto tem sido insatisfatória. É comum, não só em nosso país, mas também em outros da América Latina, constatar-se que os professores de inglês demonstram níveis insatisfatórios de proficiência linguística e de preparo profissional para lidar com as situações adversas da maioria das salas de aulas.</p> <p>Isso é decorrente de uma miríade de problemáticas, entre elas mencionamos a desvalorização deste profissional, a falta de incentivo na progressão do aprendizado da língua em foco, uma remuneração deficitária e a inexistência de um suporte pedagógico especializado no ensino de línguas estrangeiras, entre outros.</p>
--	--	--

6.3 Proposta de Linhas de Intervenção

Parte-se do princípio norteador de Paiva 1996, p. 46: “Não nos sintamos, pois culpados, por ensinar uma língua estrangeira. Estamos contribuindo para um caldeiramento de culturas, que só pode conduzir ou assim esperamos a um mundo mais humano. Isso não implica, entretanto, em esquecermos alguns aspectos delicados da questão. Considerá-los é, na verdade, uma das contribuições que podemos oferecer à causa da educação”. Assim, tendo em conta os resultados comentados e discutidos acima propõe-se o presente projeto, cujo Objetivo é *contribuir para minorar pontos fracos detectados, partindo do reforço dos pontos fortes encontrados*. O Projeto desenvolve-se nas seguintes etapas:

Etapa 01 – Partir para um diagnóstico ampliado e apropriado pelos participantes

Promover um workshop com a participação dos inquiridos da pesquisa e convidando também os demais alunos do Curso de Licenciatura em Letras-Inglês;

Apresentar os resultados da presente pesquisa;

Fazer links da pesquisa com a revisão da literatura, discutindo-os em grupos e promovendo a sua complementação com as propostas de outras fontes, pesquisadas e sugeridas pelos intervenientes.

Produzir uma síntese final, que para os participantes constitua a “sua síntese”, respaldando um diagnóstico ampliado com as constatações comunicadas por diversos autores.

Etapa 02 – Primeiros passos de resposta: melhor capacitar o professor

Desenvolver as habilidades linguísticas através de oficinas de conversação direcionadas aos futuros docentes;

Refletir coletivamente sobre a importância das quatro habilidades no processo comunicativo: “Aprender o inglês: *listen, read, write and speak*”.

Etapa 03 – Ver mais além: o insubstituível olhar dos alunos

Planejar uma pesquisa de campo, direcionado a alunos do ensino fundamental e médio, sobre o real conceito do ensino e aprendizagem da língua inglesa e sua vivência prática;

Aplicação colaborativa, feita pelos participantes, do workshop aos seus alunos.

Etapa 04 – Um exercício de professores reflexivos em contexto colaborativo

Exposição dos resultados da pesquisa em plenário, evidenciando as respectivas descobertas.

Etapa 05 – Avaliação coletiva dos resultados e relançamento de propostas de melhoria

Auto e Hetero-Avaliação. O início um novo ciclo de melhoria gradativa e contínua

Conclusão das oficinas, com certificação da turma.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeiro lugar é necessário perceber que é impossível falar de prática docente, sem fazer uma profunda reflexão sobre a formação docente. É evidente que muita coisa precisa ser feita. E perceber essa realidade, é um avanço. Reconhecendo assim a importância da formação inicial agregada a uma formação contínua. Analisando os resultados através do questionário, designados as turmas de Licenciatura em Letras Inglês na UNEB, Universidade Estadual da Bahia, foi um contributo extremamente valioso, uma vez que foi possível despertar uma conscientização considerável, quanto a importância da coerência entre teoria e prática na formação docente. Sendo esta de grande impacto no processo ensino e aprendizagem da língua inglesa. O sistema educacional no Brasil, necessita urgentemente de uma reforma, e esta reforma precisa ocorrer de dentro para fora. Uma vez que a cristalização perpetuado por muitos séculos é um entrave gigantesco e este fato associada a falta de interesse político em dispor de melhores salários aos professores, e uma estrutura física escolar convidativa e agradável para os estudantes, o número de alunos proporcional e humanamente possível para fazer um bom trabalho, atendendo as demandas coletivas e individuais, fará uma significativa diferença. De acordo com a British Concil, 2015, p. 28 é evidenciado que:

Os desafios para o ensino do inglês são muitos e têm diversas origens, sejam institucionais, formativas, ligadas à infraestrutura das escolas ou mesmo à vulnerabilidade social das famílias atendidas pelo sistema público. Os professores desejam se aprimorar e oferecer melhores condições de aprendizado para seus alunos, mas encontram poucos estímulos nesse sentido.

As mazelas instaladas e perpetuadas no ensino público brasileiro, é a falta de interesse político de rever o processo educacional na íntegra, percebendo assim que o paradoxo é extremamente prejudicial para a clientela, uma vez que, são estudantes pertencentes a classe menos favorecidas. Além de todo o problema existencial, a educação pública, não temos o apoio das famílias nas escolas. Entre tantas miríades de problemáticas no contexto escolar que envolvem, os estudantes, professores, gestores, coordenadores. Existe um grande desafio em trazer a família para a escola. A escola se tornou um espaço órfão, no qual a comunidade escolar está incumbida de entre outras coisas resolver os problemas de caráter familiar e governamental. A problemática do ensino de língua inglesa, não é um problema isolado. É algo intrínseco da própria sistematização e

problematização do ensino público brasileiro. O papel da família, é crucial em todos os processos educacionais. Sendo estes formais e ou informais. E nada substituirá esta base. Indispensável na trajetória humana. Este processo se consolida no anseio da família e no âmbito escolar. Desde os primórdios o processo educacional era simples e direto. Os conhecimentos eram transmitidos de pai para filho. E isso ocorria de a necessidade de baixar downloads.

Com o advento da tecnologia; os avanços em diversas áreas foram inevitáveis, sendo estes: socialmente, científicos, culturais e sobretudo, no âmbito tecnológico. Promovendo assim uma sociedade essencialmente moderna sedenta de novos conhecimentos. Dando início assim ao surgimento de instituições credenciadas, especializadas, incumbidas com propósito de oferecer uma educação formal com a finalidade de preparar os indivíduos, de modo a oferecer subsídios e respaldos para atuar no contexto atual. Entretanto, a concretização deste processo demanda uma preparação inicial e contínua dos que compõem o corpo docente. De acordo com Nóvoa 199, p. 10-11 ele nos salienta que:

É impossível imaginar alguma mudança que não passe pela formação de professores. Não estou a falar de mais um programa de formação junto a tantos outros que todos os dias são lançados. Quero dizer da necessidade de uma outra concepção que situe o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores ao longo dos diferentes ciclos da sua vida.

Hoje, o mercado exige a profissionalização dos professores. E isso não finaliza com a graduação, é a partir deste ponto que se inicia um compromisso contínuo no caminho da docência. Mas, ainda que o professor se prepare intensivamente, ele se depara com um contexto paradoxal, que dificulta o processo do ensino aprendizagem. Dificultando assim o desenvolvimento das potencialidades dos envolvidos no processo, docentes e discentes. Embora o professor se especialize, se esmere por anos e anos, o sistema educacional vigente no Brasil não acolhe este processo evolutivo de modo a expandir o processo educacional de forma efetiva. A prática docente do professor muda, mas o contexto educacional continua gritantemente, sendo o mesmo que sempre fora. É também aí que a ação coletiva tem de incidir e lutar por efetivas mudanças.

8. BIBLIOGRAFIA

Campos, Casemiro de Medeiros (2007). Saberes Docentes e autonomia dos Professores. Petrópolis, RJ: Editora. Vozes.

Eyring, Henry J. (2014). A UNIVERSIDADE INOVADORA: Mudando o DNA do ensino superior de fora para dentro. Porto Alegre: Editora. Bookman.

Faraco, Carlos Alberto (2005). Linguística Histórica: Uma introdução ao estudo da História de Línguas. São Paulo: Editora. Parábola.

Faraco, Carlos Alberto (2001). Estrangeirismos:Guerra em torno da Língua. São Paulo: Editora. Parábola.

Feire, Paulo (2016). Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática da língua. Rio de Janeiro: Editora. Paz e Terra.

Hengemuhle, Adelar (2011). Gestão de Ensino e Práticas Pedagógicas.Petrópolis, RJ: Editora. Vozes.

Hengemuhle, Adelar (2014). Formação de Professores. Petrópolis, RJ: Editora. Vozes.

Imbernón, Francisco (2011). Formação Docente e Profissional: Formar-se para a mudança e a incerteza

Kenski, Vani Moreira (2012). Educação e Tecnologias: O novo ritmo da informação. Campinas, SP: Editora. Papirus.

Libâneo, José Carlos (2011). Adeus Professor, Adeus Professora? Novas exigências educacionais e profissão docente: Editora. Cortez.

Lima, Diógenes Cândido de Lima (2009). Ensino e aprendizagem de Língua Inglesa: Conversando com especialistas. São Paulo: Editora. Parábola.

Martinez, Pierre (2009). Didática de Línguas Estrangeiras. São Paulo: Editora: Parábola.

M. Zeichner, Kenneth (2013). Políticas de Formação de Professores nos Estados Unidos:

Como e por que elas afetam vários países no mundo. Belo Horizonte: Editora. Autêntica.

Morin, Edgar (2011). Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. Brasília, DF: UNESCO: Editora. Cortez.

Oliveira, Vera Barros de (2010). Brincar com o Outro: Caminho de saúde e bem-estar. Petrópolis, RJ: Editora. Vozes.

Piletti, Claudino, e Nelson (2016). História da Educação: De Confúcio a Paulo Freire. São Paulo: Editora. Contexto.

Pimenta, Selma Garrido e Anastasiou, Léa das Graças Camargo (2014). Docência no Ensino Superior. São Paulo: Editora. Cortez.

Pimenta, Selma Garrido e Lima, Maria Socorro Lucena (2012). Docência no Ensino Superior. São Paulo: Editora. Cortez.

Rios, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco (2015). Políticas, Práticas e Formação na Educação básica. Salvador: Editora. EDUFBA.


Santos, Santa Marli Pires dos (2011). O Lúdico na Formação do Educador. Petrópolis, RJ: Editora. Vozes.

Santos, Santa Marli Pires dos (2011). Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico. Petrópolis, RJ: Editora. Vozes.

Tardif, Mauricie (2014). Saberes Docentes e Formação Profissional. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

9. ANEXOS

ANEXO I- CARTA DE APRESENTAÇÃO ALUNA DE MESTRADO



NOVA ET NOVE
FACULDADE FERNANDO PESSOA

Porto – Portugal, 08 de julho de 2015

Carta de Apresentação Aluna de Mestrado

Assunto: Pesquisa para a de Tese de Mestrado na área de Educação

Apresento a Sra. **ANA PAULA DE JESUS VIEIRA**, aluna do curso de Mestrado em Docência e Gestão da Educação, matrícula nº 33244/2015, desta Instituição de Ensino - Universidade Fernando Pessoa, na cidade do Porto, em Portugal.

Informo que a referida aluna está em processo investigatório bibliográfico e de campo, para a formulação do tema de pesquisa e, conseqüentemente, formulação da sua Tese de Mestrado na área de Docência e Gestão da Educação.

Portanto, diante do exposto, solicito por meio desta carta a possibilidade desse respeitado Instituto ou Escola receber a aluna supra citada e apoiá-la, no que for possível, para que a mesma possa desenvolver uma ou mais metodologias de pesquisa previstas para esse tipo de trabalho, dentre elas: observação, entrevistas, questionários e registros.

Atenciosamente

fátima Cell.

(Prof. Doutora *fátima Cell.*)

ANEXO II REQUERIMENTO A DIRETORIA ACADÊMICA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA UNEB



REQUERIMENTO A DIRETORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA BAHIA CAMPUS V

Santo Antônio de Jesus 05 de março de 2018.
Diretora: Maria Izabel Freitas Santos Matos.
ASSUNTO: Liberação **PARA PESQUISA DE CAMPO NA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA BAHIA CAMPUS V.**

Eu, Ana Paula de Jesus Vieira, RG N° 08195214, CPF N° 96864354504. Estudante do Curso de Mestrado em Docência e Gestão da Educação, pela Universidade Fernando Pessoa, localizada na Cidade do Porto, Portugal, matrícula N° 33244. Orientadora, Professora Doutora Tereza Ventura. Tema da pesquisa: **A FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA E OS DESAFIOS EDUCACIONAIS NO CONTEXTO ATUAL.** Saliendo que a pesquisa é parte integrante da conclusão do referido curso. Venho por meio deste instrumento, solicitar a Senhora Diretora desta Instituição Acadêmica, para que eu venha fazer uma pesquisa de campo, com aplicação de questionário aos alunos das turmas finais do curso de Licenciatura em Letras Inglês, nesta instituição. Assegurando que retornarei à Universidade, após a conclusão dos resultados e a obtenção do grau de Mestre. Apresentando os resultados da pesquisa, através de um workshop para todas as turmas de Licenciatura em Letras Inglês. Contando com sua compreensão agradeço imensamente.

Atenciosamente.

Ana Paula de Jesus Vieira

ANA PAULA DE JESUS VIEIRA

RECEBIDO

Sec. da Direção

UNEB - DCH V

Data: 07/03/2018

Inscrição: 10.05h

Cristiane dos Santos A. Pinto
Secretária Executiva
UNEB - DCH - Campus V
Mat. 74.520.054-5

Liente,
Leda Regina de Jesus Conto
Coord. do Colegiado do Curso de Letras,
Língua Inglesa e Literaturas DCH V UNEB
Mat. 74.443.810-3 Port. nº 849/2017

ANEXO III AUTORIZAÇÃO DA COORDENADORA DO COLEGIADO DO CURSO DE LETRAS-LÍNGUA INGLESA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA-UNEB



GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

INFORMAÇÕES PARA PROCESSO

Nº FL Nº

Encaminhe-se ao Colegiado de Inglês para
promovimento. Em 08/03/2018

MFM
Maria Izabel Freitas S. de Matos
Diretora da UNEB - DCH Campus V
Cad. 74.425.898-5 Portaria nº 1643/2016

RECEBEMOS
Em 08 / 03 / 2018

Graciela
Graciela Dourado Porto
Técnico Universitário
Mat. 74.555.380-7
UNEB/Campus V

Autorizo Ana Paula Vieira a realizar a pes-
quisa nesta instituição. Em 14/03/2018

Leda Regina
Leda Regina de Jesus Conto
Coord. do Colegiado do Curso de Letras,
Língua Inglesa e Literaturas DCH V UNEB
Mat. 74.443.810-3 Port. nº 849/2017

ANEXO IV QUESTIONÁRIO PARA OS UNIVERSITÁRIOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA INGLESA



QUESTIONÁRIO

Com a certeza do sigilo e fidedignidade em todas as respostas, o presente questionário visa como objetivo principal coletar informações pertinentes aos seus respectivos conhecimentos e posicionamento quanto a formação inicial de Licenciatura em Letras- Inglês. Não existem respostas corretas e equivocadas. O intuito é responder apenas usando a sua sinceridade.

Desde já agradeço imensamente pela sua colaboração, e sobretudo, sua compreensão.

DADOS PESSOAIS

Masculino ()

Feminino ()

Idade 21 anos

1. É possível contemplar o tripé: *listen, write and speak* no ensino público brasileiro?
A. () Sim.
B. () Não.
2. Se referindo ao curso de Licenciatura em Letras, você está plenamente satisfeito ou satisfeita?
A. () Sim.
B. () Não.
3. Você pretende prosseguir seus estudos em língua inglesa após a conclusão do Ensino Superior?

- A. (X) Sim.
B. () Não.
4. A Universidade faz teste de proficiência aos alunos que ingressam na Licenciatura de língua inglesa?
- A. (X) Sim
B. () Não
5. Se o professor não domina a língua que ensina. Ele tem possibilidade de fazer um bom trabalho?
- A. (X) Sim
B. () Não
6. Na sala de aula deverá ser propagado apenas o inglês britânico e americano? A. () Sim.
B. (X) Não.
7. O currículo acadêmico dispõe de curso de formação lúdica para os educadores? A. () Sim.
B. (X) Não.
8. Na sua opinião a Base Nacional Comum, passa a ser um divisor de água no ensino e aprendizagem da língua inglesa? A. (X) Sim.
B. () Não.

Pode ser marcado nas opções abaixo, quantos itens achares necessário.

9. Na sua opinião, as problemáticas que temos ao que corresponde ao ensino aprendizagem de língua inglesa corresponde aos seguintes aspectos:
- A. () Um problema isolado que diz respeito apenas à disciplina de língua inglesa.
B. (X) Está relacionado a deficiência do ensino público brasileiro.
C. (X) Falta ou número insuficiente de recursos audiovisuais na Unidade Escolar.
D. (X) Livros didáticos não correspondente aos respectivos níveis dos alunos.
E. (X) O sistema escolar negligencia a disciplina de língua inglesa. E ao mesmo tempo, o professor desta disciplina também é negligenciado.
10. Com toda complexidade do ensino público brasileiro, podemos contemplar:
- A. () Desenvolvimento da oralidade;
B. () Fazer uso do speaking;
C. (X) Aperfeiçoar o writing;
D. (X) Seria uma forma de fazer a imersão da língua;
E. () Trabalhar as deficiências em listen.
11. Você se sente motivado para atuar na sala de aula? A. () Muito.

- B. () Pouco.
C. () Na maioria das vezes, sim.
D. (X) Na maioria das vezes, não.
E. () Sim. Sempre tive certeza da minha escolha.
12. O que te impulsiona a se tornar um professor de língua inglesa? A. (X) Aptidão para esta área.
B. () Falta de oportunidade para fazer outro curso.
C. () A remuneração salarial.
D. () A importância do valor cultural e social da profissão.
E. () Fazer a diferença no contexto educacional
13. Você diria que existe uma discrepância entre a formação e prática do professor de língua inglesa? A. () Sim.
B. () Não.
C. (X) As vezes.
D. () Na maioria das vezes.
E. () Em alguns fundamentos teóricos.
14. O inglês ensinado no ensino Superior é o suficiente para o professor atuar na sala de aula do século XXI ?
A. () Totalmente.
B. (X) Em alguns aspectos.
C. () Precisa melhorar.
D. () Há uma limitação.
E. () Precisa evoluir.
15. Qual o perfil do professor de língua inglesa para atender as demandas do contexto atual?
A. () Proativo.
B. (X) Desafiador.
C. () Dinâmico
D. () Autônomo
E. () Pesquisador
16. Você considera seu inglês em qual nível:
A. () Básico
B. (X) Intermediário
C. () Avançado
D. () Proficiência
17. Na sua opinião a dificuldade de lecionar a disciplina de língua inglesa na escola pública está associada a quais fatores?

- A. (X) Ao número elevado de alunos por sala.
- B. () A deficiência da formação inicial dos professores.
- C. (X) A professor não licenciado ministrando aulas de língua inglesa.
- D. () A baixa estima dos alunos.
- E. () A falta de aplicabilidade do lúdico.

18. Como você analisa as aulas de língua inglesa no Ensino Superior?

- A. () Oferece apenas pressupostos teóricos.
- B. (X) Agrega teoria e prática promovendo uma formação eficiente.
- C. () Apenas oferece uma formação técnica para atuar na sala de aula.
- D. () Já não mais corresponde as expectativas atuais.
- E. () É necessário uma grande reforma nesta área.

19. Como a língua inglesa é vista de um modo geral no currículo escolar brasileiro? A. ()

Como uma disciplina de prestígio.

- B. () Como uma disciplina marginalizada.
- C. (X) Disciplina que pode ser distribuída para completar a carga horária entre os professores.
- D. (X) Disciplina que pode ser lecionada por professores sem graduação específica na área.
- E. () Trabalhar apenas com tradução de música é o suficiente.

20. Muitos estudantes brasileiros pensam sobre a língua inglesa:

- A. (X) Se ele não sabe o português, como irá aprender o inglês.
- B. () Precisa viajar para fora do país para aprender língua inglesa.
- C. () Precisa do inglês apenas quando vai fazer Mestrado.
- D. (X) O inglês é uma língua muito difícil de aprender.
- E. (X) Não se aprende inglês na escola pública.

ANEXO V RESUMO DE TESTE DE HIPÓTESES

null : null

Resumo de Teste de Hipótese

	Hipótese nula	Teste	Sig.	Decisão
1	As categorias definidas por Gênero = Masculino e feminino ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,424 ¹	Reter a hipótese nula.
2	As categorias de Idade ocorrem com probabilidades iguais.	Teste Qui-Quadrado de Uma Amostra	,761	Reter a hipótese nula.
3	As categorias definidas por Base Nacional Comum = Sim e Não ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,043 ¹	Rejeitar a hipótese nula.
4	As categorias definidas por Problema isolado da disciplina = Não e Sim ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,004 ¹	Rejeitar a hipótese nula.
5	As categorias definidas por Problema do EPB = Sim e Não ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,004 ¹	Rejeitar a hipótese nula.
6	As categorias definidas por Problema falta recursos_audios = Sim e Não ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,001 ¹	Rejeitar a hipótese nula.
7	As categorias definidas por Problema Livros desactualiz = Sim e Não ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,001 ¹	Rejeitar a hipótese nula.
8	As categorias definidas por Problema negligencia Ling Ingl = Sim e Não ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,000 ¹	Rejeitar a hipótese nula.
9	As categorias definidas por No EPB desenv oralidade = Não e Sim ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,001 ¹	Rejeitar a hipótese nula.
10	As categorias definidas por No EPB speaking = Sim e Não ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,108 ¹	Reter a hipótese nula.
11	As categorias definidas por No EPB writing = Sim e Não ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,108 ¹	Reter a hipótese nula.

São exibidas significâncias assintóticas. O nível de significância é ,05.

¹A exata significância é exibida para este teste.

Resumo de Teste de Hipótese

	Hipótese nula	Teste	Sig.	Decisão
21	As categorias de Discrepância formação e prática ocorrem com probabilidades iguais.	Teste Qui-Quadrado de Uma Amostra	,000	Rejeitar a hipótese nula.
22	As categorias de Formação suficiente no ES ocorrem com probabilidades iguais.	Teste Qui-Quadrado de Uma Amostra	,000	Rejeitar a hipótese nula.
23	As categorias definidas por Perfil de prof de língua inglesa_proativo = Sim e Não ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	1,000 ¹	Reter a hipótese nula.
24	As categorias definidas por Perfil de prof de língua inglesa_desafiador = Sim e Não ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,690 ¹	Reter a hipótese nula.
25	As categorias definidas por Perfil de prof de língua inglesa_dinâmico = Sim e Não ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,000 ¹	Rejeitar a hipótese nula.
26	As categorias definidas por Perfil de prof de língua inglesa_autonomo = Sim e Não ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,230 ¹	Reter a hipótese nula.
27	As categorias definidas por Perfil de prof de língua inglesa_pesquisador = Sim e Não ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,000 ¹	Rejeitar a hipótese nula.
28	As categorias definidas por Seu nível de inglês = Intermediário e Avançado ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,043 ¹	Rejeitar a hipótese nula.
29	As categorias definidas por Dificuldade lecionar inglês numero alunos = Não e Sim ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,015 ¹	Rejeitar a hipótese nula.

São exibidas significâncias assintóticas. O nível de significância é ,05.

¹A exata significância é exibida para este teste.

Resumo de Teste de Hipótese

	Hipótese nula	Teste	Sig.	Decisão
30	As categorias definidas por Dificuldade lecionar inglês deficiente formação inicial = Não e Sim ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,424 ¹	Retter a hipótese nula.
31	As categorias definidas por Dificuldade lecionar inglês falta licenciatura adequada = Sim e Não ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,004 ¹	Rejeitar a hipótese nula.
32	As categorias definidas por Dificuldade lecionar inglês baixa estima dos alunos = Não e Sim ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,108 ¹	Retter a hipótese nula.
33	As categorias definidas por Dificuldade lecionar inglês falta aplica lúdico = Não e Sim ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,690 ¹	Retter a hipótese nula.
34	As categorias definidas por Oferece apenas pressupostos teóricos = Sim e Não ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,004 ¹	Rejeitar a hipótese nula.
35	As categorias definidas por Agrega teoria e prática de forma eficiente = Não e Sim ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,000 ¹	Rejeitar a hipótese nula.
36	As categorias definidas por Apenas técnica = Sim e Não ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,690 ¹	Retter a hipótese nula.
37	As categorias definidas por Não corresponde expectativas atuais = Não e Sim ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,108 ¹	Retter a hipótese nula.
38	As categorias definidas por Precisa grande reforma = Sim e Não ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,043 ¹	Rejeitar a hipótese nula.

São exibidas significâncias assintóticas. O nível de significância é ,05.

¹A exata significância é exibida para este teste.

Resumo de Teste de Hipótese

	Hipótese nula	Teste	Sig.	Decisão
39	As categorias definidas por Disciplina de prestígio = Não e Sim ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,000 ¹	Rejeitar a hipótese nula.
40	As categorias definidas por Disciplina marginalizada = Não e Sim ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,424 ¹	Reter a hipótese nula.
41	As categorias definidas por Disciplina de complemento de caraga horária = Sim e Não ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,015 ¹	Rejeitar a hipótese nula.
42	As categorias definidas por Disciplina pode ser lecionada sem formação específica = Sim e Não ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,043 ¹	Rejeitar a hipótese nula.
43	As categorias definidas por Disciplina que se aprende traduzindo canções = Sim e Não ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,230 ¹	Reter a hipótese nula.
44	As categorias definidas por Se nem português sabe, porquê inglês = Sim e Não ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,000 ¹	Rejeitar a hipótese nula.
45	As categorias definidas por Só se aprende viajando = Não e Sim ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,690 ¹	Reter a hipótese nula.
46	As categorias definidas por Só precisa dele no Mestrado = Não e Sim ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,001 ¹	Rejeitar a hipótese nula.
47	As categorias definidas por É língua muito difícil = Sim e Não ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,043 ¹	Rejeitar a hipótese nula.

São exibidas significâncias assintóticas. O nível de significância é ,05.

¹A exata significância é exibida para este teste.

Resumo de Teste de Hipótese

	Hipótese nula	Teste	Sig.	Decisão
48	As categorias definidas por Não se aprende na escola pública = Sim e Não ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,004 ¹	Rejeitar a hipótese nula.
49	As categorias definidas por Possível tripé = Sim e Não ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	1,000 ¹	Reter a hipótese nula.
50	As categorias definidas por Satisfação LicIngl = Não e Sim ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,001 ¹	Rejeitar a hipótese nula.
51	As categorias definidas por Teste Proficiência = Não e Sim ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	1,000 ¹	Reter a hipótese nula.
52	As categorias definidas por Sem domínio LingIngl = Não e Sim ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,043 ¹	Rejeitar a hipótese nula.
53	As categorias definidas por Só Inglês BritEUA = Não e Sim ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,015 ¹	Rejeitar a hipótese nula.
54	As categorias definidas por Formação lúdica = Não e Sim ocorrem com probabilidades 0,5 e 0,5.	Teste Binomial de Uma Amostra	,002 ¹	Rejeitar a hipótese nula.

São exibidas significâncias assintóticas. O nível de significância é ,05.

¹A exata significância é exibida para este teste.

Resumo de Teste de Hipótese

	Hipótese nula	Teste	Sig.	Decisão
1	As distribuições de Fatores de escolha profissional aptidão, Fatores de escolha profissional oportunidade, Fatores de escolha profissional salário, Fatores de escolha profissional valor social and Fatores de escolha profissional diferença são as mesmas.	Teste Q de Cochran de Amostras Relacionadas	,000	Rejeitar a hipótese nula.

São exibidas significâncias assintóticas. O nível de significância é ,05.

Resumo de Teste de Hipótese

	Hipótese nula	Teste	Sig.	Decisão
1	As distribuições de Dificuldade lecionar inglês numero alunos, Dificuldade lecionar inglês deficiente formação inicial, Dificuldade lecionar inglês falta licenciatura adequada, Dificuldade lecionar inglês baixa estima dos alunos and Dificuldade lecionar inglês falta aplica lúdico são as mesmas.	Teste Q de Cochran de Amostras Relacionadas	,025	Rejeitar a hipótese nula.

São exibidas significâncias assintóticas. O nível de significância é ,05.

5

Resumo de Teste de Hipótese

	Hipótese nula	Teste	Sig.	Decisão
1	As distribuições de Perfil do prof de língua inglesa_proativo, Perfil do prof de língua inglesa_desafiador, Perfil do prof de língua inglesa_dinâmico, Perfil do prof de língua inglesa_autonomo and Perfil do prof de língua inglesa_pesquisador são as mesmas.	Teste Q de Cochran de Amostras Relacionadas	,000	Rejeitar a hipótese nula.

São exibidas significâncias assintóticas. O nível de significância é ,05.

Resumo de Teste de Hipótese

	Hipótese nula	Teste	Sig.	Decisão
1	As distribuições de Se nem português sabe, porquê inglês, Só se aprende viajando, Só precisa dele no Mestrado, É lingua muito difícil and Não se aprende na escola pública são as mesmas.	Teste Q de Cochran de Amostras Relacionadas	,000	Rejeitar a hipótese nula.

São exibidas significâncias assintóticas. O nível de significância é ,05.

Resumo de Teste de Hipótese

	Hipótese nula	Teste	Sig.	Decisão
1	As distribuições de Oferece apenas pressupostos teóricos, Agrega teoria e prática de forma eficiente, Apenas técnica, Não corresponde expectativas atuais and Precisa grande reforma são as mesmas.	Teste Q de Cochran de Amostras Relacionadas	,000	Rejeitar a hipótese nula.

São exibidas significâncias assintóticas. O nível de significância é ,05.

ANEXO-VI FOTO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA BAHIA CAMPOS V



